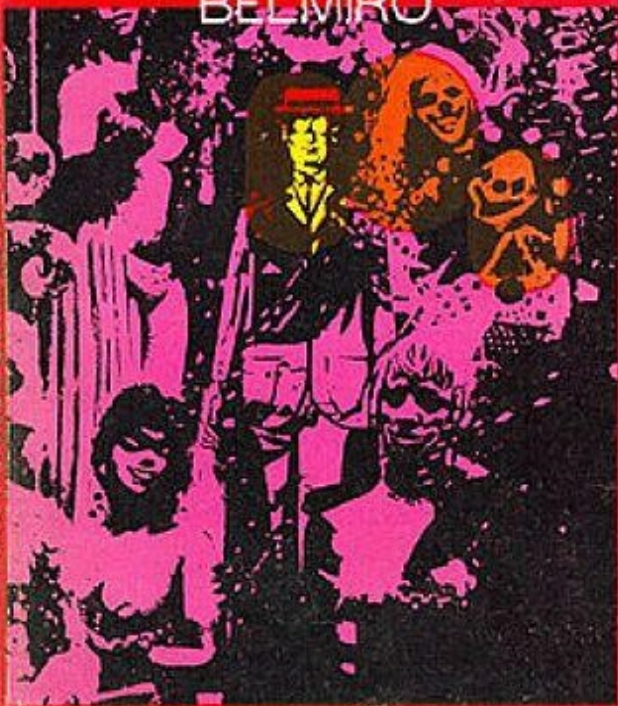


CYRO DOS ANJOS
O AMANUENSE
BELMIRO

LIVRARIA JOSE OLIMPIO EDITORA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CYRO DOS ANJOS

O AMANUENSE BELMIRO

romance

7.^a edição

Nota biobibliográfica

Prefácio de *Antônio Cândido*

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

RIO DE JANEIRO—1971

Anjos, Cyro dos, 1906 -

O Amanuense Belmiro, romance- Prefácio de *Antônio Cândido*. 7.^a ed., Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1971.

Publicado em convênio com o Instituto Nacional do Livro —MEC.

OBRAS DO AUTOR :

O Amanuense Belmiro—Romance—1.^a edição, Editora "Os Amigos do Livro", Belo Horizonte, 1937; 2.^a, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1938; 3.^a, Saraiva S/A., São Paulo, 1949; 4.^o, "Livros do Brasil", Lisboa, 1955; 5.^a. revista (com a 3.^a de *Abdias*), Livraria José Olympio Editora, Rio, 1957; 6.^a, na Coleção Sagarana, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1966.

NO ESTRANGEIRO:

El Amanuense Belmiro — Tezontle, México, 1954. *Carnevale a Belo Horizonte* — Fratelli Bocca Editori, Milão, Itália. 1954.

Abdias — Romance — Livraria José Olympio Editora, Rio, 1945; 2.^a edição. Saraiva S/A., São Paulo, 1956; 3.^a revista (com a 5.^a de *O Amanuense Belmiro*), Livraria José Olympio Editora, Rio, 1957.

Explorações no Tempo — Crônicas (passou a integrar volume de memórias). — Ministério da Educação, Serviço de Documentação, 1952.

A Criação Literária — Ensaio—Edição da *Revista Filosófica*, Coimbra, Portugal, 1954; 2.^a edição, Ministério da Educação. Serviço de Documentação, 1956; 3.^a, Livraria Progresso Editora. Bahia, 1959.

Montanha — Romance — 1.^a edição, Rio de Janeiro, 1956; 2.^a, 1956, ambas da Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro.

O Amanuense Belmiro—Abdias—reunidos em um só volume, 1.^a edição, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro. 1957.

Explorações no Tempo—Memórias. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1963.

Poemas Coronários—Edições de Arte, Universidade de Brasília, 1964.

O AMANUENSE BELMIRO

NOTA DA EDITORA 6

ESTRATÉGIA (Prefácio de Antônio Cândido) 8

§ 1. *MERRY CHRISTMAS!* 15

§ 2. O "EXCOMUNGADO". 17

§ 3. O BORBA ERRADO. 18

§ 4. QUESTÃO DE OBSTETRÍCIA. 20

§ 5. ANO-BOM. 23

§ 6. CARNAVAL. 24

§ 7. A DONZELA ARABELA. 26

§ 8. O LUAR DE CARAÍBAS TUDO EXPLICA. . . 28

§ 9. AS VELHAS. 30

§ 10. UMA CASA, NUMA RUA. 31

§ 11. O AMANUENSE AMANDO ESTÁ. 33

§ 12. CONVERSACÃO COM JANDIRA. 35

§ 13. A CONFIDENCIA. 38

§ 14. ANALGÉSICO, ETC. 40

§ 15. MISSA DE TRIGÉSIMO DIA. 41

§ 16. UM SÃO JOÃO QUE VAI LONGE. 42

§ 17. QUE OS BORBAS ME PERDOEM. 43

§ 18. UM BAILE DAS MOÇAS EM FLOR. 44

§ 19. IDIOTA, IDIOTA, IDIOTA. 46

§ 20. SILVIANO E O PROBLEMA FÁUSTICO. 46

§ 21. UMA DATA IMPORTANTE. 51

§ 22. ONDE SE APRESENTA UM REVOLUCIONÁRIO. 52

§ 23. CHUVAS DE SETEMBRO. 54

§ 24. ANÁLISE ESPECTRAL DE CARMÉLIA. 55

§ 25. GIOVANNI E PIETRO. 56

§ 26. NOVA CONVERSAÇÃO COM JANDIRA. 58

§ 27. IDÉIAS DA EMÍLIA. 60

§ 28. PROBLEMAS DE PROLETÁRIA. 62

§ 29. É UM ESPÍRITO REALISTA. 63

§ 30. A PROPÓSITO DE GLICÉRIO. 64

§ 31. UM DIA BEM-HUMORADO. 66

§ 32. OS ACONTECIMENTOS CONDUZEM OS HOMENS. 67

§ 33. RITORNELO. 68

§ 34. "DESCULPEM A POEIRA". 70

§ 35. FRANCISQUINHA PIORA. 71

§ 36. DE NOVO, CARMÉLIA. 72

§ 37. O "PERREXIL". 74

§ 38. PARABOSCO FERRABOSCO LTDA. 76

§ 39. NO INSTITUTO. 79

§ 40. CHOQUES. 80

§ 41. MATINADA. 82

§ 42. UM HOMEM SEM ABISMOS. 84

§ 43. O VELHO BORBA. O SISTEMA BORBA. 84

§ 44. REDELVIM TEM, TAMBÉM, UM DIÁRIO. 86

§ 45. EXTRAORDINÁRIAS DECLARAÇÕES DE GLICÉRIO. 88

§ 46. UM BELMIRO OCEÂNICO. 92

§ 47. NENHUM DESEJO NESTE DOMINGO. 95

§ 48. FINADOS. 96

§ 49. JANDIRA SE MOSTRA PRUDENTE. 97

§ 50. UMA SEMANA QUE PASSA. 99

§ 51. JÁ ANDAM JUNTOS PELA RUA. 99

§ 52. UMA EXTRAVAGÂNCIA DE FRANCISQUINHA. 101

§ 53. FORTALEZA DE EMÍLIA. 102

§ 54. CASTOS AMORES. 103

§ 55. REDELVIM VAI PRESO. 104

§ 56. ENTRE LUNFAS. 105

§ 57. PARA ALGUMA COISA SERVIRAM ESTAS NOTAS. 108

§ 58. O AMOR, PELO AMOR. 110

§ 59. AINDA O NOIVADO. 112

§ 60. O QUE SILVIANO ME FALOU. 113

§ 61. "RODA MORENA". 117

§ 62. NOVOS RUMOS DE JANDIRA. 118

§ 63. LUNFA DE PENOSA. 120

§ 64. UM "FOGO". 121

§ 65. E O CASAMENTO É PARA JÁ. 122

§ 66. TEMA PARA UMA ELEGIA. 125

§ 67. NOVALUZ SOBRE SILVIANO. 126

§ 68. UM PROCURADOR DE AMIGOS. 129

§ 69. ENTREVISTA COM REDELVIM. 130

§ 70. O HOMEM DO FUNIL. 133

§ 71. ONDE APARECE O "DOUTOR ANGÉLICO" 134

§ 72. PERPLEXIDADE DE GLICÉRIO. 138

§ 73. MAIS UM NATAL. 139

§ 74. SERÁ NO DIA QUINZE. 139

§ 75. NOVAS AQUISIÇÕES. 140

§ 76. ORABOLAS. 141

§ 77. EIS-ME NO RIO. 142

§ 78. O PROVIDENCIAL IRMÃO LUSO. 144

§ 79. PARTIDA. 145

§ 80. VOZES ATLÂNTICAS. 145

§ 81. A VERDADE ESTÁ NA RUA ERÊ. 147

§ 82. SEÇÃO DO FOMENTO ANIMAL. 148

§ 83. A VIDA SE ENCOLHE. 149

§ 84. UM "VIRA-LATA". 151

§ 85. UM POUCO MENOS PESSIMISTA. 151

§ 86. SILVIANO E SEU PLANO DECENAL. 153

§ 87. MOCIDADE. 156

§ 88. UM DIA COMO OS OUTROS. 157

§ 89. NHÔ BORBA. 158

§ 90. LAGOA SANTA. 159

§ 91. ESTÃO DE VOLTA. 160

§ 92. AGRADEÇO-VOS OS SALPICOS. 161

§ 93. MUNDO, MUNDO. 162

§ 94. ÚLTIMA PÁGINA. 163

NOTA DA EDITORA

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DO AUTOR

CYRO VERSIANI DOS ANJOS, 13.º entre os quatorze filhos do casal Antônio dos Anjos e Carlota Versiani dos Anjos, nasceu em Montes Claros, Minas Gerais, a 5 de outubro de 1906. Reunido em torno da "mesa de pereiro branco", o clã Versiani dos Anjos, malgrado o ambiente rural e as longas distâncias que o separavam dos mundos urbanos mais atingidos pelo progresso, não estava ausente do gosto pela arte e pela literatura. O patriarca da família, fazendeiro e professor, amava a leitura e o debate de idéias, entretendo-se com o- latim tradicional entre mineiros e, ainda mais, com escritores e temas contemporâneos. Dona Carlota, por sua vez, gostava de música e na casa sertaneja não faltavam os acordes de Bach e Beethoven, ouvidos ao piano numa época em que um Pleyel, para alcançar Montes Claros, tinha de fazer acidentada viagem de mais de 30 dias, em carro de bois.

Aos 8 anos, já o futuro romancista deixava entrever visíveis inclinações literárias, rabiscando um jornalzinho manuscrito intitulado Horas Vagas, revelador ao mesmo tempo do embrião de jornalista que se formava e da disciplina infantil a que se submetia na vida cotidiana e familiar. Aos 10, Cyro dos Anjos já editava um jornal chamado O Civilista, estimulado por um amigo da família dono de tipografia, deixando ver a influência política da primeira campanha de Rui Barbosa, de quem seu pai era ardoroso partidário. Iniciando os estudos médios na Escola Normal de Montes Claros, em cuja pequena biblioteca descobriu (aos 15 anos) Machado de Assis, Eça de Queiroz, Alexandre Herculano, Fialho e Camilo Castelo Branco, Cyro dos Anjos transferiu-se em 1924 para Belo Horizonte, onde concluiu o curso secundário e o de Direito, bacharelando-se em 1932.

Dedicando-se ao jornalismo, a fim de prover o próprio sustento, Cyro dos Anjos trabalhou nos jornais Diário da Tarde (1927), Diário do Comércio (1929), Diário da Manhã (1929), e Diário de Minas (1930). Em 1933, como redator de A Tribuna, publicou sob o pseudônimo de Belmiro Borba, as crônicas que foram o germe de O Amanuense Belmiro. Malograda tentativa de advocacia na cidade natal fez com que desistisse da profissão, voltando à imprensa e ao serviço público em Belo Horizonte- Em 1931 Cyro dos Anjos já era oficial de gabinete da Secretaria de Finanças de Minas Gerais, cargo que marcou o início de uma carreira pública onde sempre ocupou funções de destaque. Oficial de gabinete do

Governo de Minas (1935-1938), Diretor da Imprensa Oficial de Minas (1938-1940), Diretor do IPASE (1946-1951), Professor de Estudos Brasileiros nas Universidades do México e Lisboa (1952-1955), Subchefe do Gabinete Civil da Presidência da República (1957-1960) e, finalmente, Conselheiro do Tribunal de Contas de Brasília, são as etapas que definem a carreira de Cyro dos Anjos no serviço público estadual e federal, a que se acrescentam os títulos de fundador da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais e da Universidade de Brasília, sendo nesta última regente do curso Oficina Literária, que exerce juntamente com os deveres de fiscal dos dinheiros públicos na capital do país.

Estreando na literatura em 1937, com o romance O Amanuense Belmiro, muito bem recebido pela crítica, Cyro dos Anjos pertenceu ao grupo de escritores em que se destacavam Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e João Alphonsus, os dois últimos já falecidos, além de Newton Prates e Guilhermino César; este radicado atualmente em Porto Alegre, de cuja vida intelectual participa com intensidade. Seu segundo livro, também romance, Abdias, saiu em 1945 e o terceiro, ainda no mesmo gênero, Montanha, em 1956, ambos editados por esta Casa. Mas o romancista Cyro dos Anjos, apesar do sucesso conquistado, inclusive no exterior com as versões espanhola e italiana de O Amanuense Belmiro, ambas de 1954 no México e na Itália, revelou-se também ensaísta e memorialista, publicando em 1954 (Coimbra, Portugal) um estudo sobre A Criação Literária e, em 1963, em edição nossa, Explorações no Tempo, volume de memórias. Seu último trabalho, por sinal, data de 1963 e nele o ensaísta e romancista cede lugar ao poeta bissexto dos Poemas Coronários, publicados pela Universidade de Brasília. Cyro dos Anjos pertence à Academia Mineira de Letras e possui várias condecorações nacionais e uma de Portugal. Em 1969 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, cadeira n.º 24, sucedendo a Manuel Bandeira. Casado em 1932 com D. Zelita Costa dos Anjos, o romancista tem seis filhos: Margarida, Márcia Antonieta, Martim Afonso, Antônio Joaquim, Joaquim Carlos e Francisco de Assis.

Rio, outubro de 1971.

ESTRATÉGIA (Prefácio de Antônio Cândido)

O Sr. Almeida Salles publicou certa vez em **Planalto** um dos rodapés mais inteligentes que têm aparecido na imprensa periódica de S. Paulo, no qual aplica à nossa literatura a distinção de Valéry entre escritores **estrategistas** e escritores **táticos**, alargando-se em reflexões muito agudas e muito justas sobre a natureza da criação literária. Os nossos autores, segundo o Sr. Almeida Salles, pertencem quase na totalidade ao segundo grupo, isto é, o composto pelos dotados de talento e habituados a construir segundo o influxo dele, no primeiro movimento da inspiração. Guiando-se quase apenas pelo instinto, opõem-se deste modo aos do primeiro grupo, que vêem na criação o afloramento definitivo de um largo trabalho anterior, baseado em anos de meditação e de progressivo domínio, dos meios técnicos. Confiam, numa palavra, menos na força impulsiva do talento que no domínio vagaroso, mas seguro, dos recursos da sua arte — condição primeira para a plena expressão do seu pensamento; e da sua sensibilidade.

Lendo o artigo, a primeira pessoa em que pensei foi o romancista mineiro Ciro dos Anjos, que, para falar como o Sr. Almeida Salles (ou Valéry, se quiserem), me parece um dos maiores dentre os poucos estrategistas da literatura brasileira contemporânea. Segundo me contam, Ciro dos Anjos anda pela casa dos quarenta. Há mais de cinco anos publicou o seu único livro—**O Amanuense Belmiro**—uma obra-prima, sem dúvida alguma. A impressão de acabamento, de segurança, de equilíbrio, de realização quase perfeita, revelam o artista profundamente consciente das técnicas e dos meios do seu ofício, possuidor de uma visão pessoal das coisas, lentamente cristalizada no decorrer de longos anos de meditação e estudo. Porque esse romance é o livro de um homem culto. No seu subsolo circulam reminiscências várias de leitura, ecos de Bergson, de Proust, de Amiel, de autores cuidadosamente lidos ou harmoniosamente incorporados ao patrimônio mental. Por isso é que ele ressoa de modo tão diferente no nosso meio, com um som de coisa definitiva e necessária, nem sempre produzido pelas obras dos nossos generosos táticos.

O Amanuense Belmiro é o livro de um burocrata lírico. Um homem sentimental e tolhido, fortemente tolhido pelo excesso de vida interior, escreve o seu diário e conta as suas histórias. Para ele, escrever é, de fato, evadir-se da vida; é a única maneira de suportar a volta às suas decepções, pois escrevendo-as, pensando-as, analisando-as, o amanuense estabelece um movimento de

báscule entre a realidade e o sonho. "Quem quiser fale mal da Literatura. Quanto a mim, direi que devo a ela a minha salvação. Venho da rua deprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico... Em verdade vos digo: quem escreve neste caderno não é o homem fraco que há pouco entrou no escritório. É um homem poderoso, que espia para dentro, sorri e diz 'Ora bolas'."

O amanuense é infeliz. Chegou quase aos quarenta anos sem nada ter feito de apreciável na vida. Sonha; carrega nas costas a enorme trouxa de um passado de que não pode se desprender, porque dentro dele estão as doces cenas da adolescência. De repente, uma noite de carnaval lhe traz a imagem de uma donzela gentil. O amanuense ama, mas à sua maneira: identificando a moça de carne e osso, que mal enxerga de quando em vez, com a imagem longínqua da namorada da infância, ela própria quase um mito—um mito como o da donzela Arabela. Não é difícil perceber o mal de Belmiro, literato **in erba**, lírico não realizado, solteirão nostálgico. A sua desadaptação ao meio levou-o à solução intelectual; esta, que falhou como solução vital, permanece como fatalidade, e o amanuense, a fim de encontrar um pouco de calor e de vida, é empurrado para o refúgio que lhe resta—o passado—uma vez que o presente lhe escapa das mãos ("[] bem noto que vou entrando numa fase da vida em que o espírito abre vôo das suas conquistas e o homem procura a infância, numa comovente pesquisa das remotas origens do ser.") Ora, se fosse só isso, estava tudo muito bem. O drama é que o presente se insinua no passado. Se fosse possível viver integralmente no mundo recriado pela memória, haveria a possibilidade de um **modus vivendi**, quase normal, a seu jeito, como o do narrador do **Temps Perdu**. Acontece, porém, que a sensibilidade de Belmiro, jogando-o como uma bola entre o passado e o presente, perturbando este com os arquétipos daquele, desmanchando a pureza daquele com a intromissão das imagens deste, não lhe permite uma existência atual. "[....] depois de uma infância romântica e uma adolescência melancólica, o homem supõe que encontrou a sua expressão definitiva e que sua própria substância já lhe basta para as combustões interiores; crê encerrado o seu ciclo e volta para dentro de si mesmo, à procura de fugitivas imagens do passado, nas quais o espírito se há de comprazer. Mas as forças vitais, que impelem o homem para a frente, ainda estão ativas nele e realizam um sorrateiro trabalho, fazendo-o voltar para a vida, sedento e agitado. Para iludir-lhe o espírito vaidoso, oferecem-lhe o presente sob aspectos enganosos, encarnando formas do passado."

Belmiro, então, se entrega ao presente: mas não o vive. Submeto se, e readquire o equilíbrio pela auto-análise. Sabe que não lhe adianta pensar em como as coisas seriam se não fossem o que são, e, concluindo que "a verdade está na Rua Erê", isto é, na sua casinha modesta e o seu ramerrão cotidiano,

recita com o poeta:

"Mundo mundo, vasto mundo

Se eu me chamasse Raimundo...

Seria uma rima, não seria uma solução.

Mundo mundo, vasto mundo

Mais vasto é o meu coração."

"Mais vasto é o meu coração". Conclusão típica de introvertido, de homem que não lamenta, como Lawrence:

"I was so weary of the world.

I was so sick of it.

Everything was tainted with myself",

porque a sua evasão consiste justamente em introjetar o mundo e banhá-lo todo nas próprias águas. Belmiro é o homem que chegou ao estado de paralisia por excesso de análise "[....] já lhes contei o que se passa dentro de mim quando começo a meditar: perco-me num labirinto de antinomias." Isto significa que é um candidato ao cepticismo integral e à imobilidade através do relativismo. Sempre a tomar consciência plena das suas variações e dos seus aspectos; múltiplos, Belmiro é o contrário do homem forte de que fala Balzac. o homem que não se lembra, que cresce num impulso vegetal, sem a peia do passado. Há uma circunstância, porém, que o salva, que o liberta das redes do analista: o senso lírico da vida, que restabelece o equilíbrio vital.

Falou-se muito em Machado de Assis a propósito de *Ciro dos Anjos*, insistindo-se sobre o que há de semelhante no estilo e no humorismo de ambos. O que não se falou, porém, foi da diferença radical que existe entre eles: enquanto Machado de Assis tinha uma visão que se poderia chamar dramática, no sentido

próprio, da vida, Ciro dos Anjos possui, além dessa, e dando-lhe um cunho muito especial, um maravilhoso sentido poético das coisas e dos homens. O que é admirável, no seu livro, é o diálogo entre o lírico, que quer se abandonar, e o analista, dotado de **humor**, que o chama à ordem; ou, ao contrário, o analista querendo dar aos fatos e aos sentimentos um valor quase de pura constatação, e o lírico chamando-o à vida. envolvendo uns e outros em piedosa ternura. Esta alternância, que ele emprega também como um processo literário, encontramos de capítulo a capítulo, de cena a cena. na própria construção do estilo. E a certa altura, o amanuense a torna explícita: "Tais desnivelamentos é que compõem minha vida e lhe sustentam o equilíbrio. A um Belmiro patético que se expandiu, enorme, na atmosfera caraibana—contemplando a destruição das suas paisagens—sempre sucede um Belmiro sofisticado, que compensa o primeiro e o retifica, ajustando-o aos quadros cotidianos. Chegado à sua toca da Rua Erê, o Belmiro egresso de Caraíbas se apalpa, se reajusta e assobia a fantasia do hino nacional de Gottschalk"

Esta disposição excepcional, que dá uma dignidade humana tão grande à poesia de Manuel Bandeira e de Carlos Drummond de Andrade, é o fundamento da arte de Ciro dos Anjos, e empresta ao seu romance uma qualidade de vida que é superior à de Machado de Assis. Para conhecer este psicólogo lírico é preciso ler todo o admirável § 33 d'**O Amanuense Belmiro**, quando ele descobre que o passado que evoca não existe em si, mas é uma criação da sua saudade e da sua imaginação deformadora. O amanuense. pela primeira vez, sofre ao perceber que **"ali is tainted with myself"**, e considera tristemente: "Não voltarei a Vila Caraíbas. As coisas não estão no espaço, leitor; as coisas estão é no tempo. Há, nelas, ilusórias permanências de forma, que escondem uma desagregação constante, ainda que infinitesimal."

Se assim é, por que escrever sobre um passado que realmente não existe e um presente que cede ante a ponta aguda da análise? Belmiro escreve porque precisa abrir uma janela na consciência a fim de se equilibrar na vida, o que não importa em ilusão quanto ao verdadeiro significado deste trabalho: "Grande coisa é encontrarmos um nome imponente, para definir certos estados de espírito. Não se resolve nada, mas ficamos satisfeitos. O homem é um animal definidor."

Numa ordem mais geral de idéias, pode-se dizer que o amanuense é uma ilustração do gravíssimo problema dos efeitos da inteligência, através do seu poder de análise, sobre o curso normal das relações humanas. Encarando assim o livro, o seu núcleo significativo vai ser encontrado numa página do diário de Silviano, indiscretamente lida por Belmiro: "Problema:—O eterno, o Fáustico.—O amor (vida) estrangulado pelo conhecimento."

É este, com efeito, o problema central da obra. A atitude belmiriana resulta de uma aplicação do conhecimento aos atos da vida— entendendo-se neste caso por conhecimento a atitude mental que subordina a aceitação direta da vida a um processo prévio de reflexão. E assim, *Ciro dos Anjos* nos leva a pensar no destino do intelectual na sociedade, que até aqui tem movido uma conspiração geral para belmirizá-lo, para confiná-lo nas esferas em que o seu pensamento, absorto nas donzelas Arabelas, nas Vilas Caraíbas do passado, na autocontemplação, não apresenta virulência alguma que possa pôr diretamente em xeque a ela, sociedade organizada. Criando-lhe condições de vida mais ou menos abafantes, explorando metodicamente os seus complexos e cacoetes, os poderosos deste mundo só o deixam em paz quando ele se expande nos campos geralmente inofensivos da literatura personalista, ou quando entra reverente no seu séquito. Coisas em que a gente se põe a matutar, quando vê aquele Belmiro tão inteligente e tão sensível, sólidamente mantido em paz pela magreza do seu ordenado de amanuense, e perfeitamente desfibrado pela prática cotidiana da introspecção (costume muito estimável, segundo os cânones). Ou aquele Silviano cheio de seiva, que é reduzido a não deixar transbordar senão a sua retórica, uma vez que aceitou como valor eterno uma filosofia que lhe aconselha a blague, cômoda para os negócios públicos, da autoperfeição pela ascese intelectual.

Mas não é esta a impressão final que fica do livro de *Ciro dos Anjos*, cuja releitura faço pela quinta ou sexta vez, o que é um deleitoso consolo, como diria o Eça, para a ficção mais ou menos frouxa com que o crítico tem não raro de se defrontar.

Na página 27. Belmiro fala de um tocador de sanfona da sua Vila

Caraíbas, que "[...] tocava apenas por amor à arte, ou talvez para chorar as mágoas. E chorava-as tão bem que cada um que o cercava, sentia suas mágoas igualmente choradas. O artista se revelava, por esta forma, perfeito, extraindo dos seus motivos individuais melodias ajustadas às necessidades da alma dos circunstantes, que ali iam buscar expressão para sentimentos indefiníveis que os povoavam e só se traduziriam por frases musicais. Esse traço da generosidade inconsciente dos grandes artistas se encontrava no sanfonista da Ladeira da Conceição".

E assim é esse livro, como são em geral os livros dos escritores de Minas.

Livros que lidam com os problemas do homem num tom de tal modo penetrante que autor e leitor se identificam, num admirável movimento de afinação. Não são livros que se imponham de fora para dentro, vibrantes, cheios de força. Insinuam-se lentamente na sensibilidade, até se identificarem com a

nossa própria experiência.*

* *O estudo que se acaba de ler do grande crítico paulista foi reproduzido de seu livro *Brigada Ligeira*, editado pela Livraria Martins Editora, São Paulo, s/d. [1945]. N. da E.*

*"Les Souvenirs que j'ai de ma vie réelle ne
sont ni plus coloria ni plus vibrants que
eeux de mes viés imaginaires."*

.....

*"Pour éerire l'histoire d'un autre, je collabore avec ma propre vie. Qu'on
ne cherehe pás à savoir ee qui, dans cette fiction, est indubitablement moi. On s'y
tromperait. Et mes proches s'y tromperaient autant et plus que les autres."*

(GEORGES DUHAMEL—*Remarques sur les*
Mémoires Imaginaires—Paris—Mercure de
France—Sixième édition.)

A o s B o r b a s,

da linha tronco,
desde Porfírio
até Belarmino.

§ 1. *MERRY CHRISTMAS!*

ALI pelo oitavo chope, chegamos à conclusão de que todos os problemas eram insolúveis. Florêncio propôs, então, o nono, argumentando que esse talvez trouxesse uma solução geral.

Éramos quatro ou cinco, em torno de pequena mesa de ferro, no bar do Parque. Alegre véspera de Natal! As mulatas iam e vinham, com requebros, sorrindo dengosamente para os soldados do Regimento de Cavalaria. No caramanchão, outras dançavam maxixe com pretos reforçados, enquanto um cabra gordo, de melenas, fazia a vitrola funcionar.

O proletariado negro se expandia, comemorando o Natal. Satisfeito, o alemão do bar se multiplicava em chopes, expedindo, para aqui e para ali, garçons urgentes.

—A solução é a conduta católica, afirmou o amigo Silviano, meio vago, como que atendendo a uma ordem interior de reflexões, que não era bem a de nossa conversação.

Redelvim convidou-me, com um olhar malicioso, a prestar atenção ao filósofo.

—Hein? indaguei, voltando-me para este.

—A conduta católica! Isto é, fugir da vida, no que ela tem de excitante, continuou, como que a falar para si mesmo.—Jerônimo anda mergulhado na teologia. É a solução. Sublimou-se nos doutores.

Só pelo gosto de vê-lo dissertar, objetei-lhe que, nesse caso, não haveria solução. O que haveria é supressão da vida. Sem perceber que eu apenas puxava a língua ao Silviano e supondo contar com o meu apoio, o jovem Glicério ousou enfrentá-lo. Imprudentemente apanhou a minha deixa e entrou em cena com entusiasmo, dizendo que o católico destrói a vida pelo modo mais violento. Introduz, em nosso cotidiano, a preocupação da vida eterna, sacrificando, a esta, aquela.

Silviano olhou-o da cabeça aos pés. Glicério é novo na roda, e nosso amigo não lhe permite tais intimidades.

—Não discuto com menores, disse majestosamente.

E, voltando-se para mim:

—Você não sabe o que está dizendo, mas, ainda que fosse uma supressão, por que não havíamos de realizá-la para encontrar tranquilidade? A grande estupidez é vivermos num conflito constante. Já que não se possui a vida com plenitude, o melhor é renunciar, de vez.

Florêncio pôs a mão sobre o ombro dele e disse maliciosamente:

—Estamos ruinzinhos hoje, hein? A pequena deu o fora?

—Recolha-se, alimária! respondeu, irritado. Não me dirijo a primários.

Florêncio deu uma gargalhada e assentou-se de novo. Redelvim devia estar de bom humor, pois apenas sorria, sem nada dizer. Sempre que se encontra com Silviano, trava discussões acaloradas. Aproximei-os um dia, tentando fazê-los amigos, mas desde o primeiro encontro se repeliram.

Para serenar a roda, propus novo chope, no que fui aplaudido calorosamente por Florêncio. Aqui escreverei que a razão estava com este último. Silviano anda em crise aguda. Jandira, que de tudo sabe, contou-me que o filósofo, já à beira dos quarenta, retrocedeu aos vinte: está amando as moças em flor. O pior é que a mulher, em vez de irritar-se, vive a ridicularizá-lo. Às voltas com os filhos, Joana diz não ter tempo para se ocupar dele. É uma sólida filha de fazendeiro, raça teimosa e viril. A princípio, andou tendo ciúmes e fazia cenas. Depois, fincou pé e deliberou não tomar conhecimento desses descaminhos que, se arranham a fé conjugai, mais arranham ainda as veleidades do quarentão. Pois Jandira acrescentou que, de suas sortidas, o nosso Dom Juan traz mais baldões do que troféus.

—Cidade besta, Belo Horizonte! exclamou Redelvim, consultando o relógio. A gente não tem para onde ir...

—Não acho! retrucou Silviano. Em Paris é a mesma coisa.

—Em Paris? perguntou Florêncio. Não sabia que você andou por Paris... É boa!

—Ó parvo, quero dizer que o problema é puramente interior, entende? Não está fora de nós, no espaço!

Florêncio, já meio alegre, levou as mãos ao ventre, num riso convulsivo. Redelvim e Glicério também desataram a rir. Silviano, indignado, quis retirar-se. Disfarçando o mau epílogo da festa, alvitrei uma retirada em conjunto. Já era hora de jantar e o Parque ia ficando vazio. Sem que percebêssemos, as mulatas e os soldados tinham saído, e as sombras de um crepúsculo avermelhado desciam sobre as árvores.

Separamo-nos, no portão do Parque, e, a caminho de casa, fui ruminando a tese do Silviano. Mas o chope me faz versátil, e minha atenção logo se desviou para outras coisas.

A euforia que o chope traz! A vida se torna fácil, fácil.

Todos os passageiros do bonde Calafate me sorriam. Certamente sorriam, desejando-me um largo "saúde e fraternidade". Como se mostravam ansiosos, rápidos, denunciando pressa de chegar a casa, carregados de embrulhos, onde adivinhei variada matéria-prima para as comemorações domésticas do Natal! A humanidade se transfigura de súbito, neste dia extraordinário. Que elemento se introduzirá na essência das coisas para que tudo venha, assim, apresentar uma face nova e desconhecida, e para que todos os seres ganhem uma expressão especial, quase graciosa, de agitada felicidade? As árvores se fazem mais verdes, e os pardais, como cantam! Será o poder de criar e de transfigurar, que possui a alma humana, ou haverá uma efetiva transformação no tecido íntimo das coisas? Afinal, pouco importa. A realidade é a aparência, e o que é—no fundo—não o é para nós, como diz Silviano.

Um **Merry Christmas**, que me foi dito com uma palmadinha nas costas, por alguém que ia descer do bonde, fez-me lembrar de que o próximo poste de parada era o da Rua Erê.

Dei o sinal, e voltei-me para saudar o homem. Deveria ser o Prudêncio Gouveia, vizinho de quarteirão. Bom sujeito o Prudêncio. É chefe de Seção e pessoa muito conceituada. Em moço, estudou inglês, e seu único vício é cumprimentar-nos diariamente com um **how do you do**. A mulher, Juliana Gouveia, toma ar aborrecido e chama-lhe antipático. Mas, lá dentro, fica vaidosa, pois acha o marido erudito: "Sempre é uma vantagem, não acha, seu Belmiro? Vem um dia, ele tirará o seu proveito de saber outras línguas." Na verdade, só fala inglês, mas Juliana lhe encarece as habilidades, aludindo a "outras línguas".

—Merry Christmas, Prudêncio amigo! Merry Christmas!

§ 2. O "EXCOMUNGADO".

PARA surpreender as velhas, entrei pé ante pé, mas a porta, impelida pelo vento, fechou-se atrás de mim com estrépito.

— O Excomungado já vem! resmungou Emília. Estava com Francisquinha no quarto grande, onde costumam passar, juntas, as horas em que a máquina doméstica tem seu funcionamento restrito a uma ou duas peças. Terminado o jantar e arrumada a cozinha, as duas se entregam ao bilro segundo a tradição da casa, até à hora de se deitar. Francisquinha não faz coisa que aproveite e apenas embaraça os fios, mas Emília dá-lhe essa ocupação para a ter quieta. Notei que, anunciando minha chegada, Emília não levantou os olhos da almofada, nem interrompeu o complicado trabalho. É um hábito das rendeiras, mas, no caso, o fato deveria ter significação particular, pois estava com a fisionomia carregada. Como de costume, talvez não desejasse que Francisquinha, animada com esse princípio de conversa, comesse a tagarelar. A necessidade de falar a alguém, na solidão da casa, obriga-a a conversar com a outra, mas procura, pelo melhor modo, reduzir o efeito dessa concessão. Fala dirigindo-se a si mesma, como quem está pensando em voz alta, e, por essa forma, suprime a presença minha ou da mana.

Não resisti ao desejo de provocá-las:

—Boa noite, meninas! Trouxe aqui umas lembrancinhas de Papai Noel para vocês. Ou de Vovô Índio, conforme preferem os nacionalistas.

—Olha o doido, olha o doido, disse Emília, irritada.

Francisquinha deu uma risadinha feroz, pousando em mim os olhinhos brilhantes e fixos.

"Decididamente, as velhas estão bravas hoje", pensei. Pus os pacotes na mesa e fui ao quarto, trocar o jaquetão pelo pijama. No corredor, Tome pregou-me o susto de costume. Aprendeu a dizer, como as velhas: "Excomungado! Excomungado!" e arrepia-se todo ao ver-me, ensaiando uma agressão. Ainda me arranjará uma psitacose. E, na verdade, é só o que me falta.

Curioso pressentimento, o de Emília: na sua meia-luz, bem que percebe em mim certa dissolução de espírito. Encontrou na língua familiar de Vila Caraibas a expressão própria para traduzir a inquietação que minha presença, às vezes, lhe desperta.

Rio-me sempre, quando exclama "Excomungado! Excomungado!" Mas o epíteto, no bico do papagaio, assume um sentido trágico, faz-me estremecer.

Pobres manas. Emília é apenas uma esquisita, mas Francisquinha, perturbada de nascença, vai de mal a pior. Foi este o grande desgosto que ensombrou os dias do velho Borba e da velha Maia. Desde cedo, viram que seria impossível dar-lhes educação condigna, mandando-as ao Colégio de Diamantina. Tiveram de viver sempre na fazenda, como bicho-do-mato, entre o pessoal de serviço. Quando o Borba morreu (a velha Maia partiu bem antes) e a fazenda foi à praça, recebi-as como herança. Emília não tinha, então, os cabelos grisalhos, e Francisquinha andava pelos trinta. Que custo trazê-las em viagem a cavalo e, depois, no comboio da Central! Vieram iludidas, pensando que iam para São Paulo, ficar na companhia do tio Firmino. Não lhes foi fácil habituarem-se à minha pessoa e modo de vida. Tanto tempo andei afastado delas, que lhes pareci um estranho.

Ainda assim, tão distantes de mim, encheram minha vida, e Emília é, nesta casa, uma presença vigorosa e viril, que restabelece a atmosfera moral da fazenda.

§ 3. O BORBA ERRADO.

DO ALPENDRE da casa, na velha cadeira austríaca, fiquei a olhar os transeuntes. A Rua Erê não é atrativa, neste particular, com sua reduzida fauna humana. Talvez seja isso o que sempre me leva a passear o pensamento por outras ruas e por outros tempos. Como o Natal me fez saudosista! Eu fechava os olhos, e a Ladeira da Conceição surgia, diante de mim, com a nitidez de um acontecimento matinal. Vila Caraibas e seu cortejo de doces fantasmas. A garganta se me apertava, e eu sentia os olhos se umedecerem comovidos. Que diria o Glicério, com sua suficiência? Rir-se-ia de mim: "Você é um homem errado, Belmiro!"

Se Glicério tivesse conhecido os Borbas, diria, em vez disso, que sou um Borba errado. Onde estão em mim a força, o poder de expansão, a vitalidade,

afinal, dos de minha raça? O pai tinha razão, do ponto de vista genealógico: como Borba, fali. Na fazenda, na Vila, no curso. Meu consolo é que sou um grande amanuense. Um burocrata! exclamava com desprezo. Coitado do velho. Queria fazer-me agrônomo. Ou, então, agrimensor. Vila Caraibas não tinha, ainda, o seu agrimensor formado, e andava, por lá, a febre das divisões de terras. Era contra os princípios paternos o bacharelato em qualquer ramo de ciências ou letras. "Temos doutores demais, dizia ele. Precisamos é de braços para a lavoura." Mas dei em droga na fazenda e andei zanzando pela Vila, metido em serenatas e noutras relaxações. Coitado do velho. Neguei as virtudes da estirpe. Sou um fruto chôcho do ramo vigoroso dos Borbas, que teve seu brilho rural. Em face do código da família (cinco avós, pelo menos, estão-me dizendo—ilustres sombras!) foi um crime gastar as vitaminas do tronco em serenatas e pagodes. Lá estava a fazenda, grande, poderosa como um estabelecimento público, com suas lavouras à espera de cuidados moços. Sinto muito, avós. Eu não podia ouvir uma sanfona. Tocavam a Varsoviana e eu me dissolvía (lá na Vila lhe chamavam **Valsa Viana...**).

Coitado do velho. Por fim, declarou que o que não tem remédio, remediado está. Como a minha mãe tivesse o secreto desejo de me ver na carreira das letras (dizia que eu saíra aos Maias e não aos Borbas), acabou pensando num acordo. "Se o menino não se ajeitava na fazenda, que, pelo menos, não se distanciasse dela —poderia tirar uma carta de agrônomo. Ficará nas letras agrícolas", repetia, satisfeito, por um lado com a associação verbal que descobrira, e, por outro, com o parcial deferimento às aspirações da velha.

Abandonei, porém, as letras agrícolas e entreguei-me a outra sorte de letras, nada rendosas. Pus-me a andar na companhia de literatos e a sofrer imaginárias inquietações. Tive amores infelizes, fiz sonetos. Até chegar ao Silviano e ao Redelvim, percorri muitos caminhos. E a mesada paterna se consumia em livros que as necessidades sentimentais e espirituais do mancebo ardentemente reclamavam. Quando, num fim de ano, o pai veio a Belo Horizonte e verificou o logro, houve cena pesada. Uma dessas discussões em que nós, Borbas, nos dizemos coisas duras, para, depois, num desfecho melodramático, nos abraçarmos. Voltou com uma grande dor no coração, para gravame de sua insuficiência mitral, e mais tarde um deputado me introduziu na burocracia.

"Um burocrata, um burocrata!" lamentava nas suas cartas. Em que fora dar sua longa doutrinação, nas colunas da Gazeta Caraibense, em propaganda da vida rural? Seus cinquenta artigos, em série, sob a epígrafe geral de Rumos à Gleba?

Mas, ao cabo de contas, foi nele que começou o desvio da linhagem rural. Não citavas o teu Vergílio, pai Belarmino? Na verdade, estavas mais próximo dos clássicos (lembro-me de tua predileção, um tanto tendenciosa, para o Horácio...) do que dos currais e das roças. Words... Words... como diria Prudêncio, esclarecendo que a exclamação foi do Hamlet. Bem me recordo de que, a rigor, não funcionavas na fazenda. Por qualquer pretexto, lá ias, na tua besta, rumo à Vila, para trocar dois dedos de prosa com o provisionado Loiola. Confessa, Borba, data de ti a traição à gleba...

Natal! Fiquei até tarde no alpendre. Com a saída dos vizinhos para a missa do galo, recolhi-me. Outras missas, noutros tempos... Como esta vida vai correndo, vai correndo... Um dia sentiremos uma sacudidela, tal como no poema:

Stop.

A vida parou

ou foi o automóvel?

§ 4. QUESTÃO DE OBSTETRÍCIA.

JÁ ESTAVA palmilhando a terra vaga do sono, para frente, para trás, segundo a luta surda que se trava em nós, entre uma parte do eu, que aspira ao abandono, e outra que contra ele reage, talvez pelo receio inconsciente que inspira o adormecer, imagem da morte; ganhava-me o corpo uma doce lassidão, e o espírito se embebia no torpor que afrouxara os nervos; apenas impressões vagas, prestes a se apagarem, me vinham das coisas, e a uma reminiscência tênue, quase a esvaecer, reduzia-se esta lembrança permanente com que, no estado de vigília, a memória sustenta, a cada instante, nossa precária unidade psíquica, ligando o momento que passou ao momento presente. De corpo e espírito, achava-me, pois, preparado para o repouso e já me aconchegava, repetindo, instintivamente, as posições do embrião no ventre materno, quando, arrancando-me daquele quebranto, o cão dos fundos se pôs a ladrar, com um método que indicava disposição sólida de latir pela madrugada toda. Previ a

catástrofe, em sua extensão, e repreendi-me por já não ter ministrado uma "bola" ao canino demônio.

Pequena pausa sobrevinda me deu a esperança de que o mastim houvesse mudado de intenção. Podia ser que chegasse logo à conclusão de que não havia motivo para maiores alarmas: fora o galo do outro quintal que, por equívoco, batera as asas para anunciar o prelúdio do alvorecer e, porventura verificando adiantamento no relógio, limitara-se ao bater de asas, contendo o anúncio na garganta. Mas, ou porque o guarda do quintal contíguo não identificasse o rumor produzido pela ave, ou porque ainda houvesse, no ar, um desses barulhos sutis, que só os cachorros percebem, zelosos que são do seu ofício, logo recomeçou ele a ladrar advertindo às possíveis sombras de que não se dormia naquele honrado canil. Tratando-se de mero latido de advertência, sem ódio nem convicção, o cão não se apressava, nem latia mais alto ou mais baixo: o tom era terrivelmente um só e as pausas pareciam medidas em cronômetro.

Subitamente, tomou-me indizível fúria. Tudo se me escureceu em torno e pareceu-me que as sombras se agitavam, numa conspiração universal contra mim. Saltei da cama, cego de raiva, já munido da primeira arma que a mão encontrou, e que era um sapato velho. Abrindo a janela, num relance, atirei-o às tontas ao meio da rua, embora o conhecimento da geografia do quarteirão me habilitasse para localizar o animal no lado oposto, em quintal vizinho.

Ora, isso apenas serviu de estímulo ao ladrante: ganhou alento e entusiasmo, já certo de que algo havia para justificar suas precauções. Mas não repeti o gesto. Satisfeita a fúria dos Borbas, que se contenta com arremessar qualquer objeto a esmo, meus nervos se apaziguaram, e, daí a pouco, de novo no leito, sorri para dentro de mim mesmo, com ternura. Afinal, isso está no sangue. Esses repentes, esse ódio súbito, insopitável, que passa como um relâmpago depois de a gente ter feito uma quixotada, é alguma coisa que me ficou dos Borbas. Lembrei-me do avô (o último Porfírio), que era tal qual. No dia em que uma chuva inesperada viera estragar o café posto a secar no terreiro, ele ficou possesso de raiva, sacou da garrucha e desfechou dois tiros para o ar... Em seguida, caiu numa grande prostração e permaneceu casmurro o dia todo.

Como o avô Porfírio, procedi à maneira de Xerxes, quando, indignado com a procela que lhe destruiu a frota, mandou zurzir o mar.

Fiquei satisfeito com o precedente ilustre que a memória me veio trazer e lembrei-me de umas palavras do excelente Montaigne: "A alma descarrega suas paixões sobre objetos falsos, quando lhe faltam os verdadeiros." Parece que,abalada e comovida, se perde em si mesma se não lhe damos presa; cumpre

fornecer-lhe sempre objeto em que possa aplicar-se e atuar." Com efeito, devemos sempre ter à mão um sapato velho para o serviço da alma. Graças a ele, aqui estou calmo a escrever estas linhas, em que vai toda a história de mais um Natal que passa. É plano antigo o de organizar apontamentos para umas memórias que não sei se publicarei algum dia.

"Por que um livro?" foi a pergunta que me fez Jandira, a quem, há tempos, comuniquei esse propósito. "Já não há tantos? Por que você quer escrever um livro, seu Belmiro?" Respondi-lhe que perguntasse a uma gestante por que razão iria dar à luz um mortal, havendo tantos. Se estivesse de bom humor, ela responderia que era por estar grávida. Sim, vago leitor, sinto-me grávido, ao cabo, não de nove meses, mas de trinta e oito anos.' E isso é razão suficiente. Posta de parte a modéstia, sou um amanuense complicado, meio cínico, meio lírico, e a vida fecundou-me a seu modo, fazendo-me conceber qualquer coisa que já me está mexendo no ventre e reclama autonomia no espaço. Ai de nós, gestantes.

O melhor seria vivermos sem livros, mas o homem não é dono do seu ventre, e esta noite insone de Natal (as sinistras noites de insônia, responsáveis por tanta literatura reles!) traz-me um desejo irreprimível de reencetar a tarefa cem vezes iniciada e outras tantas abandonada. Jandira acredita que não foi reservado a mim deixar à posteridade qualquer importante mensagem. Deve ter razão: se cá dentro deste peito celibatário tem havido coisas épicas, um Belmiro (que costuma assobiar operetas) insinua que as epopéias de um amanuense encontram seu lugar justo é dentro da cesta. Este mesmo Belmiro sofisticado foi quem matou dois outros livros, no decurso dos dez últimos anos. Um, no terceiro capítulo, e outro na décima linha da segunda página. Enterrei-os no fundo do quintal, como se enterravam os anjinhos sem batismo, em Vila Caraíbas. Sobre a cova brotou uma bananeira.

On revient toujours: hoje recomeça a mesma aventura, no mesmo quarto envelhecido desta patética Rua Erê, enquanto as carrocinhas de pão começam a percorrer o Prado e meus amigos operários devem estar procurando o caminho da fábrica de calçados.

Amanhece o dia, do outro lado do quartel do Décimo. Reconciliei-me com o cão e com o livro.

Não sei bem o que me sairá das entranhas. Comecei contando o Natal que acabou e falando nos amigos e na parentela. Meu desejo não é, porém, cuidar do presente: gostaria apenas de reviver o pequeno mundo caraibano, que hoje avulta a meus olhos. Minha vida parou, e desde muito me volto para o passado,

perseguido imagens fugitivas de um tempo que se foi. Procurando-o procurarei a mim próprio.

§ 5. ANO-BOM.

DEPOIS de ter andado inquieto como uma galinha sem ninho (já viram como uma galinha desalojada cacareja aflita, sem encontrar lugar no espaço?), pus-me a pensar no permanente conflito que há em mim no domínio do tempo. Se, a cada instante, mergulho no passado e nele procuro uma compensação, as secretas forças da vida trazem-me de novo à tona e encontram meios de entreter-me com as insignificâncias do cotidiano. Pelo oposto, é comum, quando o atual me reclama a energia ou o pensamento, que estes se diluam e o espírito se desvie para outras paisagens, nelas buscando abrigo. Tais solicitações contrárias, em luta constante, levam-me às vezes a tão subitâneas mudanças de plano, que minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, intermináveis e sucessivos, tornando-se ficção, mera ficção, que se confunde no tempo e no espaço.

O que hoje me sucedeu é bem um sinal dessa luta interior. Eu ia, atento e presente, em busca de um bonde e de Jandira. Foi só ouvir uma sanfona, perdi o bonde, perdi o rumo, e perdi Jandira. Fiquei rente do cego da sanfona, não sei se ouvindo as suas valsas ou se ouvindo outras valsas que elas foram acordar na minha escassa memória musical.

Depois, o cego mudou de esquina, e continuei a pé o caminho, mas bem percebi que os passos me levavam, não para o cotidiano, mas para tempos mortos. Desci a Rua dos Guajajaras com a alma e os olhos na Ladeira da Conceição, por onde, num bando alegre, passava Camila, tão leve, tão casta, depois da missa das nove, na igreja do Rosário. Era precisamente por ali que estacionava outro sanfonista que não esmolava nem era cego, e tocava apenas por amor à arte, ou talvez para chorar mágoas. E chorava-as tão bem que cada um que o cercava sentia as suas mágoas igualmente choradas. O artista se revelava por esta forma perfeito, extraíndo, dos seus motivos individuais, melodias ajustadas às necessidades da alma dos circunstantes, que ali iam buscar expressão para sentimentos indefiníveis que os povoavam e só se traduziriam por frases musicais.

Esse traço da generosidade inconsciente dos grandes artistas se encontrava no sanfonista da Ladeira da Conceição. Satisfazendo à necessidade de dar forma aos pensamentos imprecisos de suas saudades e de seus amores, lograva articular uma linguagem que nos servia a todos e que, por igual, nos falava de nossas saudades e de nossos amores; transportava-nos, assim, à atmosfera de alvoroçado bem-estar em que a gente mergulha quando encontra a definição de um sentimento e sua forma de expressão. Proporcionando ao espírito válvulas por onde se evadem as emoções que o comprimem, a expressão—seja musical, literária ou plástica — não só o alivia, mas também o excita.

O sanfonista da Vila traduzia para mim as coisas complicadas de minha alma. O cego, que encontrei na esquina, não o fez com a mesma eficiência, mas, em todo caso, me lembrou o outro da ladeira de minha vila, e isso já foi muito fazer, porque assim despertou dentro de mim esquecidas harmonias.

A sombra de Camila me subtraiu à realidade de Jandira e reconduziu-me às estradas perdidas de Vila Caraíbas, que levam àquela serra muito azul e esquiwa.

E desviou-me no tempo. O Ano-Bom chegaria sem que eu o celebrasse com o rito do costume, que é uma ceia em casa do Florêncio, se este não me viesse buscar quase à meia-noite. A questão, bem se vê, não é o ano velho ou novo, mas a ceia sempre apetecível, da casa do amigo. Mariana põe nela todo o seu estilo culinário, e o estilo é a mulher, em capítulos de cozinha. Eis aí o segredo de Florêncio: por isso é que vive naquela bem-aventurança que todos lhe invejamos.

Porventura chegou, também, à conclusão de que a vida é breve, e a arte, longa, e cuida de tratar o irmão corpo com o bom vinho e a boa vianda. Viva Florência, o homem sem abismos.

Redelvim e Silviano compareceram. Glicério mandou desculpas: ia a um baile universitário.

Creio que anda de namoro com a filha do meu chefe de Seção, a Nonoca. E Jandira esteve ausente, o que me pareceu de bom tato. Mariana olha-a com reservas, com aquele instinto infalível e feroz da boa matrona que quer conservar o seu homem para si. Tem sido inútil meu trabalho em favor da moça.

Mariana desconfia das literatas (assim denomina todas as mulheres de idéias mais avançadas) e fecha a questão: "Pois sim. Com esse jeitinho mesmo é que elas vão entrando. O senhor, que é solteiro, se envolva com elas. Está certo. Mas... seu Florêncio? Já lhe disse que não quero saber dessas intimidades..."

§ 6. CARNAVAL.

QUE tenho eu com os dias que a folhinha assinala? Há. dois meses comecei a registrar, no papel, alguns fragmentos de minha vida, e noto agora que apenas o faço em datas especiais. Encontro uma explicação plausível: minha vida tem sido insignificante, e no seu currículo ordinário nem faz, realmente, por onde eu a perceba. Habituei-me às coisas e seres que incidem no meu trajeto usual da Secretaria para o café e do café para a Rua Erê. Tais seres e coisas pertencem, por assim dizer, ao meu sistema planetário, e, entretido com eles, na sua feição mais ou menos constante, vou traçando quase que despercebidamente minha curva no tempo.

Os dias de festa coletiva, introduzindo o elemento multidão na minha esfera e propondo-me novos espetáculos ou novas sugestões,- interrompem o equilíbrio do meu pequeno mundo e nele vem produzir desnivelamentos que suscitam mais fundos movimentos interiores.

Neste carnaval de 1935, hoje começado, mais do que nunca senti de modo tão vivo a impossibilidade de me fundir na massa, de seguir, como célula passiva, seu movimento de translação, de receber e transmitir essas forças misteriosas que nela atuam, comunicando-se de indivíduo para indivíduo e resultando, afinal, numa força uniforme, esmagadora, de onda ou ciclone.

Sinto inutilmente, em mim, uma vaga nervosa que quer acudir ao apelo que a multidão dirige a cada unidade. Quero rir, chorar, cantar, dançar ou destruir, mas ensaio um gesto, e o braço cai, paralítico. Dir-se-ia que há em mim um processo de resfriamento periférico. Os outros têm pernas e braços para transmitir seus movimentos interiores. Em mim, algo destrói sempre os caminhos, por onde se manifestam as puras e ingênuas emoções do ser, e a agitação que me percorre não encontra meios de evadir-se. Reflui, então, às fontes de onde se irradia e converte-se numa angústia comparável à que nos provém de uma ação frustrada.

A multidão me revela, assim, que há coisas extraordinárias, vibrações estranhas, há um mundo diverso do meu e com o qual tentarei, em vão, comunicar-me. No seu bojo, tocamos seres cuja existência nos surpreende quase

dolorosamente, tão certos estávamos de que nada havia no espaço além do nosso sistema.

Habituei-me a uma paisagem confinada e a um horizonte quase doméstico. No seu âmbito poucas são as imagens do presente, e muitas as do passado. E se tal vida é melancólica, trata-se de uma sorte de melancolia a que meu espírito se adaptou e que, portanto, não desperta novas reações.

A variação violenta dos quadros, numa noite de carnaval em que fomos abandonados pelos amigos e em que nossa porção de espaço foi invadida por outros seres, leva-nos a um mergulho mais profundo nos nossos abismos. Novas melancolias são despertadas, o homem sofre, e o amanuense põe a alma no papel.

Eis que o amanuense é um esteta: ao passo que há nele um indivíduo sofrendo, outro há que analisa e estiliza o sofrimento. Talvez fosse preferível ingerir certo vinho capcioso e, sem nenhuma análise, entregar os sentidos à doce música da Bayadera, que a radiola derrama no ar molhado.

Mas o homem espia o homem, inexoravelmente.

§ 7. A DONZELA ARABELA.

ACONTECEU-ME ontem uma coisa realmente extraordinária. Não tendo conseguido conter-me em casa, desci para a Avenida, segundo hábito antigo. Já ela estava repleta de carnavalescos, que aproveitavam, como podiam, sua terceira noite.

Pus-me a examinar colombinas fáceis, do lado da Praça Sete, quando inesperadamente me vi envolvido no fluxo de um cordão. Procurei desvencilhar-me, como pude, mas a onda humana vinha imensa, crescendo em torno de mim, por trás, pela frente e pelos flancos. Entreguei-me, então, àquela humanidade que me pareceu mais cansada que alegre. Os sambas eram tristes e homens pingavam suor. Um máscara-de-macaco deu-me o braço e mandou-me cantar. Respondi-lhe que, em rapaz, consumi a garganta em serenatas e que esta, já agora, não ajudava. Imagino a figura que fiz, de colarinho alto e pince-nez, no meio daquela roda alegre, pois os foliões se engraçaram comigo, e fui, por

momentos, o atrativo do cordão. Tanto fizeram que, sem perceber o disparate, me pus a entoar velha canção de Vila Caraíbas.

Uma gargalhada espantosa explodiu em torno de mim. Deram-me uma corrida e, depois de me terem atirado confete à boca, abandonaram-me ao meio da rua embriagado de éter. Novo cordão levou-me, porém, para outro lado, e, nesse vaivém, fui arrastado pelos acontecimentos. Um jacto de perfume me atingia às vezes. Procurava, com os olhos gratos, a origem dessa carícia, mas percebia, desanimado, que aquele jacto resvalara de outro rosto a que o destinara uma boneca holandesa. Contudo, aquelas migalhas me consolavam e comoviam. Dêem-me um jacto de éter perdido no espaço e construirei um reino. Mas a boneca holandesa foi arrastada por um príncipe russo, que a livrou dos braços de um marinheiro.

Bebendo aqui, bebendo ali, acabei presa de grande excitação, correndo atrás de choros, de blocos e cordões. Não sei como, envolvido em que grupo, entrei no salão de um clube, acompanhando a massa na sua liturgia pagã.

Lembra-me que homens e mulheres, a um de fundo, mãos postas nos quadris do que ia à frente, dançavam, encadeados, e entoavam os coros que descem do Morro. Toadas tristes, que vêm da carne.

A certo momento, alguém me enlaçou o braço, cantando: "Segura, meu bem, segura na mão, não deixes partir o cordão..." O braço que se lembrou do meu braço tinha uma branca e fina mão. Jamais esquecerei: uma branca e fina mão. Olhei ao lado: a dona da mão era uma branca e doce donzela. Foi uma visão extraordinária. Pareceu-me que descera até a mim a branca Arabela, a donzela do castelo que tem uma torre escura onde as andorinhas vão pousar. Pobre mito infantil! Nas noites longas da fazenda, contava-se a história da casta Arabela, que morreu de amor e que na torre do castelo entoava doridas melodias.

Efeito da excitação de espírito em que me achava, ou de qualquer outra perturbação, senti-me fora do tempo e do espaço, e meus olhos só percebiam a doce visão. Era ela, Arabela. Como estava bela! A música lasciva se tomou distante, e as vozes dos homens chegavam a mim, lentas e desconexas. Em meio dos corpos exaustos, a incorpórea e casta Arabela. Parecia que eu me comunicava com Deus. e que um anjo descera sobre mim. Meu corpo se desfazia em harmonias, e alegre música de pássaros se produzia no ar.

Não me lembra quanto tempo durou o encantamento e só vagamente me recordo de que, em um momento impossível de localizar, no tempo e no espaço,

a mão me fugiu. Também tenho uma vaga idéia de que alguém me apanhou do chão, pisado e machucado, e me pôs num canapé onde, já sol alto, fui dar acordo de mim.

O mito donzela Arabela tem enchido minha vida. Esse absurdo romantismo de Vila Caraíbas tem uma força que supera as zombadas do Belmiro sofisticado e faz crescer, desmesuradamente, em mim, um Belmiro patético e obscuro. Mas vivam os mitos, que são o pão dos homens.

Nesta noite de quarta-feira de cinzas, chuvosa e reflexiva, bem noto que vou entrando numa fase da vida em que o espírito abre

mão de suas conquistas, e o homem procura a infância, numa comovente pesquisa das remotas origens do ser.

Há muito que ando em estado de entrega. Entregar-se a gente às puras e melhores emoções, renunciar aos rumos da inteligência e viver simplesmente pela sensibilidade—descendo de novo, cautelosamente, à margem do caminho, o véu que cobre a face real das coisas e que foi, aqui e ali, descerrado por mão imprudente —parece-me a única estrada possível. Onde houver claridade, converta-se em fraca luz de crepúsculo, para que as coisas se tornem indefinidas e possamos gerar nossos fantasmas. Seria uma fórmula para nos conciliarmos com o mundo.

§ 8. O LUAR DE CARAÍBAS TUDO EXPLICA. . .

HÁ TRÊS ou quatro semanas não tenho tocado nestas notas (senão ligeiramente, para acrescentar uma ou outra linha a esta ou àquela página.

Examinando-as, hoje, em conjunto, noto que, já de início, se compromete meu plano de ir registrando lembranças de uma época longínqua e recompor o pequeno mundo de Vila Caraíbas, tão sugestivo para um livro de memórias.

Vejo que, sob disfarces cavilosos, o presente se vai insinuando nestes apontamentos e em minha sensibilidade, e que o passado apenas aparece aqui e ali, em evocações ligeiras, suscitadas por sons, aromas ou cores que recordam

coisas de uma época morta.

Analisado agora friamente, o episódio do carnaval me parece um ardil engenhoso, armado por mim contra mim próprio, nesses domínios obscuros da consciência. Tudo se torna claro aos meus olhos: depois de uma infância romântica e de uma adolescência melancólica, o homem supõe que encontrou sua expressão definitiva e que sua própria substância já lhe basta para as combustões interiores; crê encerrado o seu ciclo e volta para dentro de si mesmo, à procura de fugitivas imagens do passado, nas quais o espírito se há de comprazer. Mas as forças vitais, que impelem o homem para a frente, ainda estão ativas nele e realizam um sorrateiro trabalho, fazendo-o voltar para a vida, sedento e agitado. Para iludir-lhe o espírito vaidoso, oferecem-lhe o presente sob aspectos enganosos, encarnando formas pretéritas. Trazem-lhe uma nova imagem de Arabela, humanizando o "mito da donzela" na rapariga da noite de carnaval. Foi hábil o embuste, e o espírito se deixa apanhar na armadilha..

Não farei violência a mim mesmo, e estas notas devem refletir meus sentimentos em toda a sua espontaneidade. Já que as seduições do atual me detêm e desviam, não insistirei teimosamente na exumação dos tempos idos. E estas páginas se tornarão, então, contemporâneas, embora isso exprima o malogro de um plano.

Começarei por contar honestamente os motivos por que, durante as três últimas semanas, abandonei este caderno de apontamentos. São dois, e o segundo é fácil de dizer: foram as velhas. Mas o primeiro... ainda há pouco eu hesitava em confessá-lo: foi a moça.

Depois da quarta-feira de cinzas veio-me uma aura romântica que me pôs meio lunático, trazendo-me dias agitados. Presumivelmente curado da moléstia, posso contar as coisas tal e qual se passaram. Como na noite de carnaval, e já sem a desculpa do álcool e do éter, voltei, de novo, a essa a que vou chamando Arabela, por lhe ignorar o nome de batismo e porque, afinal, o que lhe dei se me afigura o adequado. Pus-me a procurá-la quase com aflição e, perdendo a noção do ridículo, confiei o episódio e minha desordem sentimental ao Silviano. Felizmente (e com certeza por solidariedade, visto que anda em maré análoga), ele não fez troça. Pelo contrário, ouviu, sério, a confidência.

Podem rir-se de mim, mas os namorados me compreenderão: amei, como se se tratasse de um ser real, aquilo que não passava de uma criação do espírito. A vida não se conforma com o vazio, e a imagem da moça encheu-me os dias.

Tive noites difíceis, bebi algumas vezes e andei como vagabundo pelas ruas. Até o chefe da Seção notou minha inquietude e fez-me assinar um requerimento de férias: "O senhor está precisando de repouso e deve aproveitar a ocasião. O Secretário está fora, e temos pouco serviço." (Na verdade nunca tivemos serviço, e jamais conheci ficção burocrática mais perfeita que a Seção do Fomento...) Em tal estado de espírito, é fácil de ver que eu não poderia retomar estas notas.

Devo retificar, nesta página, o que atrás foi dito sobre o amanuense que espia o amanuense e lhe estiliza o sofrimento. Observo agora que o namorado, no momento preciso de sua agitação sentimental, não é capaz de se desdobrar ao ponto de permitir ao espírito, quando o coração bate desordenadamente, estudar, para fins literários, os movimentos desse desvairado músculo. As modificações que a paixão determina em nossa substância e a diversa visão, que ela nos proporciona, dos seres e das coisas, poderão vir lucidamente, mais tarde, ao plano da nossa análise, quando, tudo já serenado, o espírito calcula e mede—mas certamente não são suscetíveis de registro, no instante em que devastam nossa sensibilidade. E ninguém o ignora: a literatura das emoções é feita a frio, e a memória ou a imaginação é que reproduz ou cria as cenas passionais. No momento da devastação, alma e corpo se solidarizam.

Eu pediria inutilmente o socorro do bom senso ou da análise nas horas em que vivi a perseguir uma imagem que teria um terço de realidade e dois de fábula. Naquelas horas, entreguei-me inteiramente aos segretos impulsos, percorrendo toda a cidade em busca de Arabela.

Postava-me nos logradouros públicos, penetrando a multidão, não muito convicto, e contudo esperançoso. Muitas vezes entrevi uma figura gentil e fui, em vão, ao seu encaço. Logo verificava o engano. É extraordinário que nesta altura da vida me tenham acontecido tais coisas, mas o luar de Vila Caraibas tudo explica, e o adolescente permanece no adulto.

Só passados alguns dias a tola idéia deixou-me, e a aventura de carnaval se foi dissipando no meu espírito. Quis, então, voltar a estas notas, que se vão tornando o centro de interesse de minha vida. Mas, na noite em que comecei de novo a folheá-las, ocorreu outro empecilho: o estado de saúde das velhas. Falarei nisso amanhã. Acho-me cansado e não há pressa.

O SEGUNDO motivo da interrupção de minhas atividades de escriba, já lhes disse, foi doméstico. Francisquinha piorou consideravelmente, tendo passado duas semanas de extrema agitação. Emília, às voltas com sua gota ciática, não daria conta de olhar pela mana se, não estando em férias, eu ficasse impossibilitado de lhe prestar auxílio, a todo instante.

Tivemos de prender a pobre mana no quarto, o que só temos feito em último caso. Ela ficava noite e dia a arranhar a parede com as unhas, tentando, talvez, escalar a superfície lisa e vertical. Gritava coisas desconexas, supunha-se perseguida por uma mula-sem-cabeça. Emília voltou a insistir em que eu trouxesse um padre para exorcismá-la. Desde muito, Josefa lavadeira lhe meteu na cabeça que a Chica está possessa. Um espírito mau a domina.

Quase cedi, para ter a Emília tranqüila. Que dias difíceis! Finalmente, a crise passou, e Francisquinha foi melhorando. Deu para coisas que até me fizeram rir. Levantando, um dia desses, uma tábua do assoalho, meio apodrecida, descobriu, não sei como, uma ninhada de ratinhos. Passou a dispensar-lhes cuidados maternos, e, para não a vermos de novo agitada, tivemos de consentir em sua extravagância: duas ou três vezes por dia arranjava mingaus para os ratinhos e ficava o tempo todo a espreitá-los, de longe. . .

Agora, tudo está em paz, inclusive o Tome, que andou inquieto, talvez excitado pelo barulho que a mana produzia. A casa retornou ao seu clima habitual, e as velhas se entregaram normalmente às suas funções. Emília cozinha, e Francisquinha, quando está melhor, como nestes dias, lava roupa. É verdade que isso nos sai caro: nos seus repentis, é comum que pegue as peças já limpas e as atire ao chão, pisando-as, para de novo metê-las na água. Josefa lavadeira vive a resmungar e a querer tomar-lhe a roupa. É uma velha cabeçuda, e não há meio de a fazer compreender que eu compraria muito mais caro as horas de sossego que Francisquinha experimenta quando se entrega àquela tarefa.

Vivendo, desde alguns dias, momentos tranqüilos, foi-me possível, já ontem, retomar minhas notas. Posso ler um pouco e escrever até tarde. A meu pedido, Carolino, contínuo da Seção, trouxe-me blocos de papel em quantidade, e acho-me abastecido para o que der e vier. O timbre da Seção do Fomento encima estas páginas. Viva a Seção que me dá o pão e o papel.

§ 10. UMA CASA, NUMA RUA.

HÁ, SEM dúvida, uma trama secreta que, encadeando os acontecimentos, envolve uma química, uma física e uma economia social extremamente sutis para que a ciência humana possa penetrá-las. E essa trama se evidencia, para mim, no caráter de necessidade que julgo acentuar as aproximações humanas, os encontros mais rápidos que sejam e se nos afiguram fortuitos.

Vivendo e observando as coisas, perceberemos que o fugidio vulto—mal entrevisto em um encontro que nos pareceu destituído de significação ou consequência—teve, mais tarde, um momento de maior ou menor influência em nossa vida. As leis que regulam a circulação dos homens nos parecerão, então, lógicas, em tal ou qual sentido, e já não veremos acaso nem gratuidade no desenrolar dos fatos da vida.

Se digo tolice, ou apenas repito idéias velhas, que me perdoem: adquiri, neste escritório da Rua Erê, o hábito de filosofar e fico horas e horas a pensar em certos fenômenos. E já lhes contarei por que meu pensamento tomou hoje tais rumos.

Bem me recordo, agora, de que, há dois anos, passando à noite pela Rua Paraibuna, à procura de um farmacêutico vindo de Vila Caraíbas, cujo endereço me fora fornecido sob indicações vagas, fiz-me anunciar, por engano, em outra residência. Uma criada, que me veio atender, esclareceu logo o equívoco, mas o fato me deixou duas impressões nítidas, uma auditiva, outra, olfativa. Explico-me: havia, no jardim da casa, uma trepadeira, a cuja flor chamamos, no sertão, dama-da-noite, por despontar somente à noite e murchar durante o dia. Ela desprende um aroma de alto poder evocativo. Será uma pouco vivaz, mas nem por isso desagradável. E, dentro da casa, havia uma criatura que não vi, mas ouvi. Cantava como o faria um anjo de Van Eyck, se os coristas angélicos se dedicassem ao gênero, uma canção napolitana que ouvi a Camila em tempos idos: **Tuorna a Surriento.**

As duas imagens se consorciaram no meu espírito e ainda hoje nele permanecem, enriquecidas de outras que lhes ministrou este demônio fantasista que me habita.

Andando esta tarde com Glicério por aqueles lados—ao voltar de uma visita de pêsames a um companheiro de Seção, que perdeu a filha—uma dama-

da-noite, pendente do gradil de ferro de certo jardim, atraíu-me a atenção e despertou-me lembranças. Com o crepúsculo, já a flor abria suas grandes pétalas brancas.

Era precisamente a casa a cuja porta bati, tempos atrás. Recordando-me do episódio e da voz puríssima que trauteou a canção, perguntei ao Glicério que moça ali morava.

—Não a conhece? Deveras? É a Carmélia Miranda. O pai, Dr. Aurélio, morreu há um mês. Ela vive com a mãe e um irmão pequeno.

Não, não conhecia. Nunca ouvira, mesmo, este nome tão sugestivo.

—O nome é o menos, observou Glicério. A moça é que é fabulosa. Não há criatura mais linda, nem mais fina nestas redondezas.

Fomos caminhando juntos até que, no ponto de espera, nos separamos, tomando cada qual o seu bonde. Assim me vi desembaraçado do Glicério, descendo pouco adiante. Não é preciso dizer o que fiz: voltei, a passos apressados, pelo caminho percorrido, movido por um pressentimento. Queria ver novamente a dama-da-noite; talvez escondesse a da canção, que devia ser.. .

Quando de novo passei em frente da casa, uma jovem estava à janela. Um relance de olhos revelou-me que sua fisionomia não me era estranha. Já adivinharam quem seria: Arabela. Apressei os passos, com o coração em desordem, e, um pouco além, voltei pelo lado oposto da rua.

Perturbou-me bastante o encontro. Sou um incorrigível produtor de fantasias, a retalho e por atacado, e fiquei a imaginar doces coisas. Esqueci-me desta triste figura e sonhei um terno idílio. Quando cheguei a pé, ao Bar do Ponto, estava, nada mais,

nada menos, transmutado em distinto cavalheiro que seria o protetor da donzela, sucedendo, na casa, ao falecido pai.

—Mas é preciso comprar as alianças e um presente muito bonito, lembrava um anjinho amável.

—E uma fatiota nova, sugeria um arcanjo.

Na Rua Erê, senti-me nomeado segundo oficial e cheguei a enxergar no Minas Gerais, em caracteres nítidos, o ato do Governo promovendo, por merecimento, o amanuense Belmiro Borba.

—Aumenta-se o pecúlio da Providência e toma-se um empréstimo em dezoito prestações, sussurrou uma voz. Pode-se, mesmo, construir uma casa, segundo o novo plano predial...

E assim continuaria, leitor, se eu não ouvisse uma risada quando entrei em casa. Foi o demônio da Jandira que me tirou daquela sorte de embriaguez.

—Que susto me pregou, entrando aqui com essa cara de alma do outro mundo! Há uma hora estou esperando você sozinha, neste escritório. A velha está hoje inabordável e por pouco batia-me a porta no nariz. Que casa hospitaleira! disse, pondo-me a mão sobre o ombro.

Refeito do abalo, balbuciei qualquer esfarrapada desculpa, enquanto, no íntimo, procurava descobrir a razão da presença de Jandira. Não é que sejam raras suas vindas à Rua Erê, mas, sempre que aparece, tem qualquer problema a resolver. Faço por ser engraçado e lhe digo tolices, mas bem sabe que, ao cabo de contas, possuo um invariável bom senso e termino aconselhando-lhe qualquer coisa sensata.

Da roda, fui o único que não tentou conquistá-la. Já lhe disse que, infelizmente, nisto não andou virtude, e sim timidez. Dias houve em que ela me perturbava profundamente, e por pouco não lhe teria dito as palavras do desejo, que são as mesmas, em todas as línguas e em todas as épocas. Louvado Deus, que me fez tímido, nossa amizade sobreviveu a essas crises e acabou por criar certos tabus entre nós. Quando, como hoje, ela me vem tão desejável e tão perigosa (como a saúde de Jandira convida a uma ligação menos literária, mais naturista!), volvo os olhos para um lado, recusando-me devaneios acerca de sua geometria e convocando este anjo latente e prestimoso que nos segue como a sombra

Afinal, Jandira voltou sem dizer o que queria. De acordo com a tática epistolar do sexo, costuma insinuar o que deseja somente no post-scriptum, e com ar de indiferença, mas nem isso fez esta noite. Contou-me que obteve colocação no escritório de um advogado, o Dr. Pereirinha; referiu-se maldosamente à Joana e suas turras com Silviano; levou-me um livro e lá se foi pelas oito horas, depois de, por duas vezes, tentar uma prosa com Emília.

Talvez tenha vindo apenas mostrar-me seu vestido novo, realmente encantador e provocante. As mulheres inteligentes não têm nisso menor prazer do que as outras.

§ 11. O AMANUENSE AMANDO ESTÁ.

ORA, dá-se que começo a amar. O sintoma é positivo: acabo de tentar um poema, sob o olhar complacente do chefe da ilaílSeção, que andando para lá, para cá, enrola um cigarro de palha e declara, sob reservas, que o deputado Fortuna está na bica de ser secretário. O chefe pigarreia, finge que não nota, em minha mesa, uma folha de papel onde se alinham versos frustrados e se estende uma caprichosa série de rabiscos, que a mão vai traçando para disfarçar sua incompetência e esperar uma inspiração que não vem.

Meus honestos e graves companheiros de Seção se acham a postos. Tirante o Glicério, que é novo na vida e na burocracia, os demais passam dos quarenta, e há dois ou três que excedem os sessenta. Bons sujeitos, mas sempre revoltados. Poucos deles assinam o ponto de humor sereno e com aquela união de que deveriam estar penetrados, após tantos anos de exercício das suas funções.

São raros os que chegam à burocracia triunfante, que é aquela em que o espírito se integra no bureau e o homem não é mais do que um conjunto de fórmulas e praxes, ou melhor, é o próprio processo, em forma hierática e cabal.

Os mais ficam na burocracia militante e inconformada, recusando-se a pôr o espírito em função no ofício que lhes parece tão contrário à vocação e preferências. E assinam o ponto com rebeldia na alma e desprezo pelas mãos.

O velho que se assenta a meu lado tem trinta anos de serviço, já recebe adicionais e ainda acredita que nasceu para o brilho e a dignidade da Igreja. "Se eu não tivesse deixado o seminário, talvez fosse bispo!" exclama ele, entre duas informações deitadas com letra trêmula num requerimento.

Acolá, outro, o Romualdo, que já requereu contagem de tempo para aposentadoria, com todos os vencimentos, suspira, cada dia, à hora de encerrar-se o expediente: "Eu dava era para a política. Tinha jeito e tive padrinhos. Mas não tirei carta de bacharel, casei-me antes de tempo e aqui estou vegetando..."

Há outros que teriam feito carreira no Exército, na alta administração, ou nas letras. Mas houve qualquer coisa que tudo atrapalhou, desviando-lhes a rota da vida. Admiro, como caso excepcional, o companheiro de cavanhaque e lunetas douradas, que trabalha no compartimento contíguo. É o Filgueiras. Sente-

se que ele está firme e definitivo na sua escrivania de primeiro oficial.

É o homem que manda o peticionário selar a petição e que volte, querendo. O processo é sua religião e o senhor diretor a instância suprema. Quando sorri, seu semblante se abre como que recitando a fórmula "saúde e fraternidade". Quando franze os sobrolhos, e isso acontece sempre que a praxe foi relaxada, seu vulto assume a solenidade de um edifício público, e sente-se que, atrás dele, está todo um sistema de leis fiscais, com multas e penas.

Mas, na generalidade dos casos, meus amigos da Seção exercem com desencanto suas funções; não nasceram para esta vida.

Quanto a mim, se algo há de que me ache firmemente convencido é ter neste bureau um destino lógico, que, no fundo, não me contrista. Mal posso, na verdade, conter um movimento de ternura, quando contemplo, ao pôr do sol, o edifício grave, acolhedor, de nossa Secretaria, e quando me lembro da promessa honrada, que nos faz o Estado, de uma aposentadoria condigna.

Ponho-me a imaginar um Belmiro sexagenário que tenha renunciado compulsoriamente aos jogos do amor e já não sofra a necessidade dolorosa de compor um poema, ou de, com emoção mal disfarçada, ir tentando sacar, do Glicério, informações mais circunstanciadas acerca da moça que apareceu na janela de uma casa, numa rua.

Aos sessenta anos, um Belmiro triste, céptico, mas pacificado, já não sofrerá donzelas, nem arabelas.

—Mas, será o fenômeno amor? Creio que vos estou amando, Arabela. Zombe eu, embora, do flautista que, neste instante, acorda dentro de mim e tenta uma serenata. Eu vos estou amando e prestes me acho para as nossas impossíveis bodas.

DESCOBRI hoje o motivo por que nossa amiga Jandira veio ver-me anteontem. Depois de animada reunião em sua casa, ou melhor, no pequeno apartamento que ocupa, com a tia, em uma casa de cômodos da Rua Curitiba, ela me chamou à parte e fez algumas confidências melancólicas.

Vivemos tão preocupados com o nosso próprio espetáculo que no geral ficamos cegos para o alheio. Conheço-a desde dois ou três anos, fizemos boa camaradagem (é minha única amizade feminina) e, entretanto, não tive olhos para lhe ver alguma coisa, além das graças de mulher, nestas compreendidas também as de espírito, de que a amiga é bem dotada.

Foi o Florêncio quem promoveu o encontro. Informado de que Jandira se empregara, ele lhe exigiu, em nome dos amigos comuns, que o acontecimento tivesse comemoração condigna. Todos nós nos preocupávamos com o problema, e a colocação deveria ser bebemorada, segundo a expressão do Florêncio, que, satisfeito com o trocadilho, o repetia para cada um que encontrava.

Jandira levou a últimação a sério e nos convocou esta noite. Quando lá cheguei, já estavam todos, e mais um, desconhecido. A instalação é quase tão pobre como esta que me arranjei na

Rua Erê. Mas a amiga dá uns toques tais, no arranjo doméstico, que ali sempre tenho a impressão de estar sendo recebido em casa de finos burgueses.

Fui saudado com um "oh!" geral da roda e, vindo a meu encontro, Jandira me trouxe, logo uma cadeira e um copo, pois o chope já ia adiantado. Ela se pôs muito bonita para nos receber e fiquei lisonjeado por mim e pelos demais. Apesar das dificuldades internas da casa (quando a amiga está desempregada, as duas passam aperturas com a magra pensão que a velha Hortênsia recebe da Caixa Beneficente das Viúvas e Órfãos dos Militares), Jandira se veste como filha de ricos. O que lhe falta em dinheiro, sobra-lhe em engenho, e as coisas se dispõem de tal forma que ela a ninguém cede em elegâncias e modas. Tanto pior para o amanuense incauto, a quem estas modas de 1935 causam profundas perturbações. Jandira está na força da carne, e as formas, fielmente modeladas pelo vestido, não eram ontem propícias a pensamentos castos. Que deponha, a respeito, o Silviano, que as devorava com os olhos, já estando meio alterado pela bebida e sem os freios que a discrição nos impõe.

Com a minha chegada, o colóquio, que deveria correr animado antes, parou um pouco. Falariam de mim? Alguém devia estar penando, pois o tom geral era de sorrisos maliciosos.

Para dizer qualquer coisa e integrar-me na roda, livrando-me dessa situação aborrecida de quem chega e interrompe o fio da conversa, aproximei-me do Silviano, perguntando-lhe como conseguira habeas-corpus da Joana, para comparecer na reunião.

A presença do Silviano era, realmente, de se notar. Joana, embora conformada com as extravagâncias do marido, não abre mão dos direitos de exercer sobre ele uma fiscalização contínua. Por outro lado, Silviano não é dos mais assíduos em casa de Jandira, pois brigam, sempre que se encontram.

—Mentindo! respondeu nosso filósofo. Para todos os efeitos, estou na Gazeta de Minas fazendo revisão de um artigo que dei para o Suplemento. A mentira, Porfírio, é a base da ordem doméstica...

—Porfírio, não, Belmiro, retifiquei pela centésima vez. Silviano tem a mania de batizar cada pessoa com o nome que lhe apraz. Ao Florêncio, costuma chamar-lhe Abundância.

Satisfeito com a oportunidade que lhe dei para um discurso, apegou-se ao assunto e continuou:

—O que ignoramos é como se não existisse para nós. Com este princípio, arranho-me em casa. Sou triplo, sou múltiplo, mas Joana só conhece uma face do monstro. É o que é preciso fazer, para acomodar as mulheres. Mas não pensem que é fácil estabelecer uma combinação constante de mentiras, que sustente o equilíbrio do lar. É preciso um exercício longo...

—Não para você, cortou o Florêncio, provocando uma gargalhada de todos, com essa alusão à mitomania do Silviano.

Sem responder, como um parlamentar experimentado que não dá atenção aos apartes, este continuou a falar, no seu tom professoral:

—Um exercício longo, a fim de que cada mentira se articule perfeitamente no sistema e seja, ao mesmo tempo, espontânea, lógica, estabelecida, entre ela e a verdade, apenas a diferença de substância e não de forma. Para atingir a perfeição, devemos sempre mentir, haja ou não haja necessidade, isto é que é. Assim a mentira acaba vindo fácil, fluente, instintiva. Hoje sou um artista no gênero...

—Ninguém duvida, aparteou outra vez Florêncio, provocando novos aplausos.

Dessa vez, Silviano encolerizou-se:

—Não me dirijo a você, truão! Estou falando é às pessoas qualificadas desta roda...

Um pouco impaciente com aquela farsa, Jandira interveio, manifestando-se solidária com o sexo e assumindo um ar conservador, que me surpreendeu:

—Não acho graça nenhuma nisso. Vocês, casados, deviam ter mais compostura. E se as mulheres resolvessem adotar sua teoria, para enganar os maridos? Acharia bom?

Silviano não se perturbou:

—A mulher, minha flor, não necessita disso. Basta-lhe um homem, e o guerreiro requer muitas mulheres. São o passatempo do guerreiro...

Glicério, que é nietzschiano, sorriu satisfeito. Animado pelo olhar de admiração deste, que contrabalançava a expressão hostil de Redelvim, Silviano continuou a discursar:

—A felicidade para a mulher está unicamente em divertir o guerreiro e pensar suas feridas...

—O que sei é que vocês são uns cínicos, disse Jandira, irritada, interrompendo-o.

A chegada da tia, que veio de uma novena na igreja do bairro, evitou que a conversa descambasse, conquanto a velha seja uma criatura apática, uma sombra, cuja presença mal se sente. Fica, durante horas, junto a nós, alheada, como se estivesse a pensar no defunto major, cujo retrato pende da parede. Jandira diz que D. Hortênsia sempre anda assim, desde a morte do marido. Como despregada do mundo.

Cumprimentou a todos, dando silenciosamente a mão a cada um, e se pôs a um canto, talvez assustada com tamanho alarido em sua sala.

Redelvim, que até então apenas bebia, atacou um assunto perigoso, exprimindo seu desprezo pelo Silviano e pelo Glicério:

—Mentalidade sórdida de burgueses! Vocês são uns idiotas e uns palhaços.

—Um palhaço, o Pensador! Oh! Como isso me diverte! disse Silviano com um ar que parecia afetado, mas que lhe é habitual. Já o pilhei a conversar

sozinho, e o tom que emprega em seus monólogos não é outro.—Chega a escandalizar-me esta minha condescendência em vir conversar com vocês. É uma verdadeira descida dos meus altiplanos.

E por aí se engalfinharam os dois, não se animando Glicério a entrar na briga e apenas seguindo-a com um sorriso de aprovação ao Silviano. Passaram ao terreno da política. Desde muito, as discussões vêm azedando nossa pequena roda e vejo que ela não tardará a dissolver-se, pois há forças de repulsão, mais que afinidades, entre estes inquietos companheiros. Enquanto Glicério e Silviano se inclinam para o fascismo, Redelvim e Jandira tendem para a esquerda. Só eu e o Florêncio ficamos calados, à margem.

Isso não quer dizer que me poupem. Redelvim me chama comodista e vive a dizer que, no meu "cepticismo de pequeno burguês (a expressão é dele), sirvo, afinal, ao capitalismo. Silviano, ao contrário, me repreende pelo que denomina "irreprimível vocação plebéia".

O começo de discussão tirou a graça da festa. Não repetirei o que disseram, pois não disseram novidade. Magoaram-se uns aos outros, sem que nenhum ficasse abalado em suas convicções. E criaram uma situação de tal constrangimento que cedo a reunião se dissolveu.

Dispunha-me a sair, com eles e com o desconhecido—a quem atrás' me referi e que, durante todo o tempo, esteve calado, a beber, junto da velha—, quando Jandira me tocou no braço, pedindo que ficasse mais um pouco à porta da rua, para conversarmos a sós.

Já é tarde e Emília chama por mim, no quarto. Certamente precisa de algum remédio. Fica para amanhã cedo o relato da conversa com Jandira.

§ 13. A CONFIDENCIA.

LOGO que Silviano, Glicério, Florêncio, Redelvim e o desconhecido se afastaram, Jandira me disse, meio sorridente:

—Esse homem que esteve aqui e a quem vocês não prestaram atenção, está-me perseguindo com propostas de casamento.

—Não é possível, respondi. Deve ter uns quarenta anos. Nesse caso, eu também me candidato, se você estiver disposta a agüentar com as manas.

—Deixe de ser bobo, estou falando a sério. É a terceira vez que ele me propõe casamento. Tem uns cobres, é viúvo, e insiste em dizer-me que abre mão de direitos de exclusividade sobre mim. Poderei continuar a mesma vida, ter sempre a companhia de vocês, não me quer escravizar. Sabe que é velho e que não pode exigir muito.

—Pois então feche o negócio!

—Idiota! Ainda estou bem moça para fazer negócios. Seria uma humilhação.

—Passe-lhe a tábua, nesse caso, continuei.

—Já recusei três vezes, mas o sujeito é muito teimoso. Só falta propor-me... Bem, não digo.

Depois, continuou a falar, ora irritada, ora deprimida, e fez-me a confidência que me surpreendeu:

—É claro que recusarei sempre. Mas, tenho pensado, vivo tão sem apoio. Você não imagina o que é a gente ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me. As meninas-famílias dispõem de papais e irmãos para imporem respeito aos dons-juans que andam por aí. Eu tenho de reagir sozinha, todo dia, todo dia. E às vezes sinto-me fraca, tenho medo de ceder. A gente é de carne e osso, e as mulheres também estão sujeitas a certas exigências. Ouça, Belmiro, preciso de um homem, mas não este. Preciso, com urgência, de um homem.

Impressionou-me esta confissão, feita com esforço não pequeno. Em conversas anteriores ela aludiu muitas vezes, mas velada-mente, à sua situação. Habitado a pensar nos meus próprios problemas e a perder-me neles, não percebi, então, e só agora compreendo o sentido oculto de suas palavras. Jandira não tem amigas e D. Hortênsia é apenas uma sombra, em que ela não poderia encontrar ressonância. Talvez por isso me tenha escolhido para confidente. Não me presumo credor de elogios pela escolha. Dizendo-me coisas desse gênero, por alguma forma suprime, em mim, o homem. Será que me considera

inofensivo? Levado por esta estúpida interrogação, fiz uma pilhéria de mau gosto, embora me sentisse realmente penalizado:

—Se o caso é de urgência, aqui tem um homem.. .

Jandira me olhou com ódio:

—Se não soubesse que você está apenas fazendo uma gracinha, eu lhe dava na cara...

Fiquei encabulado, sem achar saída. Expliquei-lhe, como pude, que realmente estava brincando e que, logo depois de ter dito aquela tolice, eu me censurara pela minha incompreensão. Olhou-me pensativa, e disse:

—Fui uma boba em pensar que podia lhe falar essas coisas. Vocês não compreendem isso. Não é culpa sua...

Protestei, dizendo que, naquele momento, ela é que não parecia razoável: levou muito longe uma simples pilhéria; eu compreendia tudo. Achava, porém, que era muito nova para desesperar de uma solução. Uma criatura bonita e jovem assim tem diante de si um mundo grande, cheio de possibilidades. Ela devia saber disso. Minhas palavras produziram bom efeito e, dentro em pouco, Jandira voltava ao seu clima, assumindo ar de mofa e provocando-me. Gostei dessa reação, sintoma de vitalidade, e prometi-lhe que ainda lhe levaria um bom marido, desde que ela não me quera. Quando nos despedimos, já estava brincalhona:

—Belmiro, meu anjo, como você é analgésico!

Voltei para casa tranqüilo, embora não muito satisfeito com o adjetivo.

§ 14. ANALGÉSICO, ETC.

RELENDO a página escrita ontem, volto a remoer o adjetivo analgésico, com que Jandira me brindou. Ela o emprega com o sentido de sedativo, no seu calão. E não é, positivamente, um elogio atribuir-me a função de calmante; como qualquer um, eu preferiria a de excitante. Mas está dito: sou analgésico. É o que pensam as mulheres, pela sua representante junto à Rua Erê.

Quanto ao que pensam de mim os velhos companheiros, Redelví e Silviano o exprimiram: para o primeiro, serei um céptico pequeno burguês que, não por ação, mas por omissão, serve o sistema capitalista; para o segundo, sou um homem fraco, que não tem o senso da hierarquia e tende para um igualitarismo dissolvente.

Afinal, todos, exceto eu, sabem o que sou.. . Achem indispensável classificar o indivíduo em determinada categoria. E se eu não for coisa alguma, ou for tudo, ao mesmo tempo? Há anos passados, eu costumava entregar-me a um passatempo perigoso: procurar, no tocante a dado conceito, igual número de argumentos, da mesma força, a favor ou contra. Jamais encontrei algum cujo contrário não pudesse ser também defendido. Percebendo que esse jogo de antinomias acabaria deixando-me com uma telha de menos, ou de mais, abandonei-o.

Ora, o burguês Belmiro! Redelví deu para humorista. Fazendo minhas contas, durante o dia, vi que a simples aquisição de umas botinas novas me desequilibrou o orçamento deste mês.

§ 15. MISSA DE TRIGÉSIMO DIA.

DESDE a noite da reunião em casa de Jandira, eu não pensava mais em Arabela (Carmélia, quero dizer) e seu vulto mal pousou a meu lado, na escrivaninha da Seção, neste velho escritório ou em algum trajeto de bonde. Ontem, cheguei mesmo a esquecê-la. E não foi senão para favorecer o esquecimento, dando repouso à sensibilidade, que Deus pôs no mundo paisagens, cuidados, outros bens, outros males, inclusive Jandira.

Essas intermitências, diz Silviano, é que entretêm a vida e a preservam dos efeitos devastadores de um sentimento intenso e continuado.

Mas parece que a sensibilidade descansa apenas para redobrar, com mais vigor, as operações do seu ofício. Lendo, cedinho, o Minas Gerais, a coluna dos falecimentos e das missas fúnebres, que jamais me chamou a atenção, atraiu-me desta vez, não sei por que ardilosa conspiração das coisas. E nela vejo um aviso, convidando os amigos e parentes do saudoso Dr. Aurélio Miranda para assistirem à missa de trigésimo dia, celebrada em intenção de sua alma. Não

sendo parente nem amigo do defunto, senti-me, porém, convidado, ou não senti coisa nenhuma, e só fui dar acordo de mim quando entrava na igreja da Boa Viagem.

Já estava no fim a cerimônia, e mal pude deixá-la, ainda a tempo de, precedendo aos presentes, postar-me à frente de uma porta lateral, por onde geralmente se retiram as pessoas discretas ou enlutadas. Não fora preciso tanto aqodamento, se me ocorresse que a família sai por último, presa que fica pelos braços de pêsames das pessoas conhecidas. Assim foi: a filha, o irmão pequeno e a viúva só apareceram mais tarde. Carmélia, de chapéu e luto fechado, parecia mulher feita e nela mal reconheci a misteriosa moça em flor da noite de carnaval. Desejaria bebê-la com os olhos, obter uma imagem sua que se fixasse, em minha memória ótica, para alimento dos longos dias que passarei sem a ver. Creio que já não quero o mito mas a pessoa.

Entretanto, assim como, quando queremos forçar demasiado a atenção em qualquer coisa, esta coisa nos foge, preocupados que ficamos com tal esforço, escapou-me uma imagem nítida de Carmélia para só ficar um esboço vago de seu vulto. Como na tarde em que voltei à Rua Paraibuna, deixando Glicério, não tive, também, forças para mirá-la de frente. Quando, em um momento propício, ela alçou rapidamente a vista, a procurar o carro da família, desviei sem querer os meus olhos. Por que essa timidez? Não me conhece e nem perceberia uns olhos plebeus que nela se detivessem furtivamente.

Escrevendo estas notas, neste vetusto **bureau** da Seção do Fomento, ainda estou a lamentar minha inépcia. Mas, valerá a pena que eu me incrimine por isso? Lembra-te, Belmiro, de que essas bodas são impossíveis. O melhor é tomares a xícara de café que o Carolino pôs sobre a mesa (excelente Carolino), fumares um cigarro e assobiaries uma rancheira. Já tens trinta e oito primaveras e ainda me compareces com tais veleidades de mocinho. Carmélia é fina, jovem, rica. É da **alta**, como diz Glicério. Sofreia, amanuense, o corcel fogoso que contigo quer transpor esta janela, cruzai" os ares e deixar-te em certo alpendre da Rua Paraibuna. É inútil que faças projetos, como outro dia, em que imaginavas um incêndio, uma inundação, um terremoto ou uma guerra, para compareceres, no momento preciso, salvando a donzela, o irmãozinho e a viúva. Amigo Quixote, todos os cavaleiros andantes já se recolheram e não há mais dulcinéias.

§ 16. UM SÃO JOÃO QUE VAI LONGE.

QUANDO vi a fogueira, passei ao largo, com medo de que os meninos me atirassem bombinhas. Mas, mesmo de longe, pude apreciar esse São João alegre e buliçoso, cheio de balões e de vozes gratas da infância.

Apesar da literatura que se faz pelo Natal e pelo São João, esses dias continuam inundados de uma poesia própria, que resiste a todas as agressões dos principiantes das letras. Permanecem com sua força evocativa e voltam com aquela pontualidade inexorável para vir lembrar-nos que estamos envelhecendo irremediavelmente. Eis o lado melancólico do São João, do Natal e do Ano-Bom. Cada ano, ao vê-los chegar, verificamos que a paisagem do passado vai ficando mais azul, mais distante, como aquela serra que azula no horizonte, além, muito além da qual nasceu Iracema.

Por que, afinal, essa fogueira, esse balão que se queima no ar e os foguetes, que vão atrás dos balões, hão de fazer-me inclinar sobre mim mesmo, para viajar pelo tempo afora, perdidamente, em busca de um balão que as monções carregaram para outras latitudes? Vã tentativa de reintegração de porções que se desprenderam da alma nesse trajeto imenso. Em cada ramo à beira do caminho ficou um pouco de nossas vestes e é inútil voltar, porque os bichos comeram os trapos que o vento não levou.

Certo São João de Vila Caraíbas é um fenômeno que não se reproduzirá jamais. As moças de trancas e bandos não mais lerão sortes no copo d'água nem saberão mais qual delas terá a grinalda, qual delas se cobrirá de flores e de perfumes e arrastará um véu comprido no pavimento da velha Matriz, onde jazem os restos mortais de Dona Ana de Freitas e Ataíde, que deixou um legado para a freguesia de Caraíbas.

Naquele tempo a fogueira crepitava até horas mortas, e até horas mortas um aroma brando de batatas assadas me mantinha, rente do braseiro, a pensar nas terras impossíveis e no destino trágico da Nau Catarineta.

Tempo velho. Velho Belmiro. Hoje é o nosso dia. Enquanto a fogueira funcionar, nós ficaremos de braços dados, nem tristes,

nem alegres, apenas nos namorando e nos lembrando daquela moça de cabelos de retrós e de brancas vestes, que cantava infável modinha. Qualquer coisa a respeito de um viajor e de uma estrela. A estrela sempre longínqua, sempre adiante do viajor. E ele viajava toda a vida, pensando que chegaria à

estrela. Tempo velho. Moço Belmiro. Vamos perambular pela rua, contemplando as fogueiras e cantando certa modinha que ninguém ouvirá.

§ 17. QUE OS BORBAS ME PERDOEM.

CASO da noite de carnaval introduz, aos poucos, novos rumos em minha vida. Hoje reajo, amanhã me abandono (perguntando-me se a vida vale tantas renúncias), e afinal me desloco. O certo é que, inconscientemente, desenvolvo uma tática complicada, procurando atingir Carmélia por via do Glicério. Há quatro anos, quando o rapaz entrou na Seção, recomendado pelo Senador Furquim, não simpatizei com ele. Pareceu-me pretensioso e decidi-me a não tomar conhecimento de sua presença. Com o tempo, rendi-me às suas tentativas de aproximação e criei-lhe estima. Habitado, porém, a vê-lo sempre à minha procura, nunca o procurei, cedendo ao comodismo e reservando meus lazeres para os velhos companheiros.

Agora, a coisa virou. Num exame de consciência, noto que faço ultimamente grandes concessões ao Glicério, ora indo-lhe à casa, ora com ele combinando encontros de rua, e que essas concessões têm feroz fundo utilitário: adivinho nele o caminho para Carmélia. O rapaz frequenta a sociedade, desfruta a estima da alta goma, vai a um luxuoso clube de campo, joga bridge e tem outros hábitos aristocráticos. Nem sei, mesmo, explicar por que namora a filha do chefe de Seção—que é de condição modesta—e receio que esse namoro dê em nada. Talvez o pirata esteja apenas desfrutando a moça, sem boas intenções. Sua inclinação é para as donzelas de nobre linhagem.

Estas notas são íntimas e nelas devo pôr toda a sinceridade. O que eu chamei concessões, por eufemismo, pode, cá entre nós, ser traduzido por um vocábulo mais simples e direto: adulação.

Não me pesa confessá-lo porque, no caso, qualquer um assim procederia: tenho adulado Glicério. Nunca chaleirei políticos, nunca bajulei ninguém, mas agora me revelo um sabujo consumado, quanto ao rapaz. Perdoem-me os Borbas velhos, que sempre foram grandes amorosos e hão de compreender-me.

Tenho adulado em todos os tempos e modos. Percebendo a ação, embora lhe escape a intenção, ele se mostra despótico. Aboliu-me o colarinho alto, fez-

me comprar um terno novo e camisas da moda, e exhibe-me em lugares aonde nunca fui—por um lado, para se dar importância e, por outro, talvez para se divertir com o meu embaraço. Explico a questão da importância: desde muito tempo, o mancebo, para se prestigiar em sua roda de sociedade, encarece muito o acolhimento que eu, o Silviano, o Redelvim, o Florêncio e a Jandira lhe dispensamos e nos encarece também. Faz-nos passar por monstros literários, inacessíveis, que só admitem em seu círculo a ele, Glicério. E fica, assim, cercado de um halo misterioso, aos olhos dos filistinos, usando de um trunfo que assinala sua superioridade sobre os companheiros de bridge e tênis e suscita a admiração de ingênuas mocinhas.

Jandira foi quem apurou essas coisas, com sua rede de informações, e nós as perdoamos ao rapaz que, apesar de tais tolices, é inteligente, vivo, bom parceiro.

Manda a sinceridade que eu escreva também que, ao cabo de contas, ficamos lisonjeados com isso. A mistificação nos prestigia de certo modo e satisfaz a uma pontinha de vaidade que não conseguimos reprimir.

§ 18. UM BAILE DAS MOÇAS EM FLOR.

EU ME conformo com o meu ridículo, já que o ridículo é de todos os namorados, mas a tirania de Glicério leva-me a coisas que nunca fiz, como esta noite, obrigando-me a acompanhá-lo a um baile. Não me disse que haveria danças e o pretexto, para a sortida, foi um pôquer. Falou-me que o Senador Furquim, em cuja casa iríamos jogar, era homem muito simples, e esclareceu que o jogo seria barato, pois o senador não admite cacife acima de dez mil-réis.

Recusei terminantemente, embora tivesse curiosidade de conhecer a casa de um senador e privar com um pai da Pátria. É que essa aventura me intimidava, pondo-me fora de meu mundo e em contato com uma fauna humana de caracteres inteiramente desconhecidos para mim.

Mas o medo de descontentar o meu tirano e de fechar, assim, os caminhos para Carmélia, fez-me ceder às suas insistências e, tomando um automóvel, tocamos para a casa do senador. Havia realmente o pôquer, mas não jogamos uma hora, porque moças e rapazes, aparecidos às dúzias, não couberam no salão

e reclamaram, também, o gabinete do senador. Era uma data aniversária na casa.

Dissolveu-se a roda, afastaram-se os móveis e, abandonado pelo Glicério, assentei-me em uma poltrona, a um canto. As moças não me notavam, mas eu bem as via, para festa dos olhos e malinconia do espírito. Traziam-me uma imagem da vida que foge, e foge sem dó. Nada mais depressivo que sentir outras gerações surgirem depois da nossa e nos disputarem espaço. A vida nos ilude cada dia, mas nós a queremos, com ardor recrudescido, como o amante que ainda mais ama a companheira, quando sabe que ela o engana. Ai de nós, os que vamos passando. Receber o calor dos novos seres e sofrer-lhes o contato ainda é pior que o frio de uma velhice que nos espreita. Compreendi a necessidade de fugir às moças em flor e, em particular, à moça Carmélia. A quem vai passando, o melhor é esconder-se nas cavernas do peito e nelas procurar o panorama do seu tempo.

Tive inveja daqueles que as enlaçavam e as valsavam. Eram também ágeis, lestos e gráceis. Por um momento, experimentei uma transfiguração: senti-me em Vila Caraíbas, no bom tempo das polcas e das quadrilhas, que ainda alcancei; transportei-me a uma janela, idiliei ao pé de um jasmineiro. Minhas moças em flor de Vila Caraíbas, hoje outoniças, tinham vestidos brancos que modelavam seios morenos e castos. Cantavam, ao luar, velhas, inefáveis modinhas. Moças proustianas em flor, que andavam aos bandos e formavam grupos indemarcáveis onde se operava a translação contínua de uma beleza fluida, coletiva e móvel, tal a das virgens da praia de Balbec.

O baile me deixou miserável, pela sensação de aposentadoria. O serviço público não jubilo, ainda, este burocrata mestre. Mas a vida está me encostando, nem há dúvida. Se algum dia caírem estas linhas sob os olhos de alguém, rirão de minha literatura sentimental. Pouco me faz: toco trombone é para meu uso, como dizia mestre Rizério, quando o juiz municipal de Vila Caraíbas ia reclamar contra o barulho do instrumento.

Mas não poderei suportar, por muito tempo, a tirania de Glicério. Meu lugar é outro e meu clima é bem diverso do desses salões a que ele me transporta. Meu lugar é nesta Rua Erê, entre Emília, Francisquinha, Tome, Prudêncio Gouveia e o velho Giovanni.

GLICÉRIO comunicou-me hoje, na Seção, seu propósito de ir ao Rio, por uma semana. Achei péssimo. Noutra ocasião, isso me seria indiferente, mas, nesta altura dos acontecimentos, a viagem me aborrece. Será mais uma semana de atraso nas minhas tentativas para dele obter, não digo uma aproximação—com que já não sonho—mas pelo menos referências ou informações a respeito de Carmélia.

Não me animo a pedir-lhe, diretamente, que me fale sobre a moça. Se eu tivesse dez anos de menos, venceria a timidez e atacaria o assunto: estou certo de que, bom camarada, não se recusaria a servir um namorado em aflição. Pois, em que pese à minha percepção do ridículo, minha situação é essa, de namorado aflito. Deus sabe quantas vezes tenho passado, horas mortas, na Rua Paraibuna, só para ver a casa, ou a tenho cruzado, de dia, esperando ver a moça.

Aos vinte e oito anos eu poderia (não sendo apenas amanuense) pretender essa Carmélia que não terá chegado aos vinte. Mas, aos trinta e oito, é de todo descabido e Glicério haveria de rir-se de mim. Eu próprio me tenho rido, muitas vezes, quando não me enoja, e escrevo, à margem destas páginas: idiota, idiota, idiota.

Tenho esperado, por isso, que ele me diga espontaneamente qualquer coisa. Passo o dia todo a seu lado, ouço-lhe mil ninharias sobre a vida da sociedade e sobre rapazes ou moças que conhece, mas o demônio lhe fecha a boca, no que se refere a Carmélia. Nada mais lhe arranquei, além das palavras ditas no momento em que passávamos em frente da casa da Rua Paraibuna.

Vai viajar agora e teremos sete dias durante os quais não haverá nem mesmo esperanças. Pergunto a mim próprio se, nesta obsessão tola em que vivo, não serei a pessoa menos equilibrada desta casa. O que Francisquinha faz é, porventura, mais extravagante que estes devaneios meus?

Abandonou os ratinhos (ou melhor, eles lhe fugiram) e cuida, agora, de pintos. Vive a dar cafiaspirina aos pintainhos, dizendo que se acham gripados. Pegou um colchão velho e tenta fazê-los dormir nele, dentro de casa, com o que irrita a cada instante a galinha mãe. É uma idéia bem fora do comum, mas que não excede os desvarios que ando praticando.

§ 20. SILVIANO E O PROBLEMA FÁUSTICO.

GLICÉRIO seguiu ontem para o Rio, onde passará toda esta semana. Será uma semana difícil para mim, bem o sei. Continuo a alimentar-me, cada dia, da esperança de ouvir-lhe algo sobre Carmélia, e a privação de sua presença me desespera. Às vezes lhe tenho ódio, pela importância que assumiu em minha vida. Hoje o dia me pareceu insuportável na Seção, e a causa não foi outra senão a ausência do peralta, isto é, a ausência de uma possibilidade, entre mil contrárias, de conversarmos sobre a moça. Passei o dia todo a escrever no papel: Arabela Borba. Carmélia Miranda Borba. Carmélia Borba. Tolices. Não sei até onde irá esta fantasia de amanuense ocioso. No fundo, a culpa é da Seção do Fomento, que não fomenta coisa alguma senão o meu lirismo. Bem agem aqueles que acorrentam os homens e lhes dão um duro trabalho. Deixem-no folgado, e teremos o anarquista, o poeta, o céptico e outros seres que perturbam a vida do rebanho.

Meu ócio não traz fermentos de anarquia, mas faz que Carmélia entre sutil por uma janela da Seção e pouse a meu lado. A docilidade dos fantasmas! Já não a procuro com angústia: é ela que vem a mim, submissa, de mansinho. É ela que passa a mão pelos meus cabelos e pergunta:—Que tens, Belmiro? (Como lhe ficaria bem tutear-me!)

Foi assim que passei o dia, mergulhado na sandice. Para a tarde, melhorei e, à noite, com medo da solidão, fui atrás do Silviano.

Estou pensando no que seria de nós, se a noite não sucedesse ao dia e se o espírito, afinal, não fizesse suas mágicas. O que nos vale são as mágicas. É só espaiarmos um pouco e o prestidigitador, que há em nós, encontra temas para nos ocupar a atenção e desviar-nos de uma idéia que nos amofina. A visita ao Silviano transformou uma noite que se anunciava péssima em bem-humorado serão.

Não o achei em casa, ao chegar. Joana disse-me, porém, que ele não tardaria, e pôs-me à vontade no escritório, à sua espera. Como demorasse um pouco, fui-me entretendo em folhear livros apanhados aqui e ali, na mesa ou nas estantes, e fiz uma descoberta sensacional: a do Diário do Silviano. Abri-o na página marcada, que era a última, e achando-a extremamente curiosa, copiei-a às pressas, com receio de que fosse pilhado nesse ato desonesto. Ei-la aqui reproduzida:

Data:—Domingo, 23 de agosto de 1935.

Problema:—O eterno, o Fáustico—O amor (vida) estrangulado pelo conhecimento.

Tempo:—Primeiras chuvas de 1935.

Sensibilidade:—Tchaikowsky—*Chant sans paroles*.

Beethoven—*Concerto n.º 3—Adágio*.

Chopin—*Concerto—opus 21, fá menor*; piano e orquestra.

Flotow—*Marta*—ópera-cômica.

Leituras:—Amiel:—*Journal intime*.

Maranon:—*Amiel*.

Previsões do clima mental:—Más.

Esquecimento. Freud. (Seguem-se palavras ilegíveis, em alemão.)

O que lhes parecerá cômico, nesta página, é talvez simplesmente trágico. Estranho homem, Silviano. Não conheço criatura mais complexa. Às vezes tenho a impressão de que, em frente dele, me acho em presença—não de um indivíduo, de uma unidade—mas de um ser múltiplo ou, antes, perco a noção de "ser" para ter apenas o pressentimento de que lido com algo extra-humano e puramente cerebral, qualquer coisa como um conflito de paixões que transborda das fronteiras do indivíduo. E há de tudo nele, desde o ridículo até o espantoso.

Florêncio, em sua simplicidade, julga-o um mistificador. O que desorienta o Florêncio, logo de início, é um dos muitos aspectos curiosos do Silviano: a impossibilidade de se obter dele informação direta ou exata, acerca de qualquer coisa. Na verdade, Silviano chega às vezes a ser exasperante. Se nos contou um fato que nos interessa, será preciso que, dez ou vinte vezes, espaçadamente, lhe pecamos nova narrativa do acontecimento, a fim de conseguirmos uma versão

média, possivelmente veraz, daquilo que desejamos saber. Há nele uma nebulosidade permanente. E é divertido ver-se o ar céptico que Joana assume, quando o interrogamos em sua presença. Sabe quanto é precária a tentativa de sacar um depoimento preciso do marido, sobre uma ocorrência qualquer.

Mas o que Florêncio e Joana não compreendem é que a mistificação, em Silviano, nada tem de comum com aquilo que entendemos vulgarmente por mistificação. Se nos dá uma versão dupla, tripla, quintupla de um fato, é porque realmente dois, três, cinco Silvianos presenciaram aquele fato, cada um a seu modo.

Outras vezes, acontece que às linhas reais de um episódio ele acrescenta uma extraordinária riqueza de pormenores imaginários. Parece-me que não se trata de um gênero comum de mentira e que, pelo contrário, Silviano é exato no que diz. Reproduzirá com honestidade o que viu ou ouviu, mas é que viu ou ouviu por um processo psicológico menos fiel que o nosso: abundantemente se incorporam às percepções, que ele tem das coisas, elementos próprios de sua imaginação, formas especiais que ele lhes empresta. É um recriador e vê-las-á não como se apresentam, mas como gostaria que se apresentassem.

Com sua lucidez, percebe o fenômeno, embora não o possa evitar, e procura iludir-nos, dando-se por mentiroso consciente, criador de um sistema de mistificação longamente desejado e encontrado, tal como fez, outro dia, em casa de Jandira. Dizendo ali ter estado sem que a mulher o soubesse, nos mentia. Ouvi, mais tarde, de sua própria boca, que fora à casa de Jandira, com aquiescência da Joana, achando-se a mulher informada de que a reunião tinha caráter inofensivo. Acrescentou que esta pretendia obter, no dia seguinte, uma concessão especial: ser permitida a vinda de sua mãe, que mora em Sabará e queria passar uma semana em casa deles. Silviano vota horror à sogra, mas Joana, manhosa e songamonga, soube fazer a transação, no momento propício. Deixou que o marido se preparasse para sair, mas, à hora em que este punha o chapéu na cabeça, deu o golpe: "Ah!... Você já vai? Espere... Escute. Esqueci-me de dizer-lhe que Mamãe chega amanhã, e fica uns dias conosco.. ." E ele não tugiú, nem mugiú.

As mentiras deixadas em casa de Jandira são daquelas que pertencem ao processo de recriação do Silviano. Humorista, ao cabo de contas, achou mais interessante figurar a si mesmo uma fuga sem o consentimento da mulher.

Voltando ao Diário, repetir-lhes-ei que a página será trágica, em vez de cômica. Redelvim diria que Silviano representa perante si mesmo, como cabotino consumado, que exerce o teatro gratuito e interior para uso pessoal. Ou

talvez dissesse que ele compõe essas memórias com a esperança de que o caderno íntimo algum dia venha a cair sob os olhos de alguém. Exibe-se, portanto, para uma platéia futura. Mas estou certo de que não é assim. Aquelas páginas, ora escritas em alemão, ora em latim macarrônico, ora num alfabeto cuneiforme, indecifrável, tudo isso, por certo, visando a esconder-se da Joana e dos estranhos, pareceram-me sinceras. Se algum dia pudesse decifrá-las, eu encontraria, dentro da nebulosa perturbadora, o esboço, a arquitetura, talvez o perfil nítido desse singular histrião.

Silviano não tardou muito. Vinha alegre, com essa beatitude que o sexto ou oitavo chope nos traz.

—Olá, amigo Porfirio, você no meu antro! Galernos ventos o trouxeram. Estava pensando em você!

Contou-me, depois, que andou a bebericar com o Florêncio. Vi que esta noite não brigaram, como de costume, pois, muito satisfeito, me disse que "o nosso amigo Abundando" lhe contou ter ouvido, num café, conversa muito interessante entre o Professor Otelo e outros da Universidade. Falavam a respeito dele, e denotavam grande expectativa em torno de opúsculo seu, atualmente no prelo, e que é um estudo sobre o suicídio. Silviano espera, com tal trabalho, reforçar os seus títulos na Universidade, para que o Reitor lhe melhore a situação.

Saltando de assunto para assunto, mostrou-me, depois, uma cópia da Maja Desnuda, de Goya. "Presente de uma jovem amiga", segredou-me, piscando um olho.

A alturas tantas ficou um pouco melancólico, dizendo-me que, por motivos especiais, pensara muito em uma confidencia que lhe fiz há tempos.

—O mito Donzela Arabela é um símbolo fáustico, Porfirio!

A um olhar meu, interrogativo, continuou:

—Puramente fáustico! Você já leu Spengler? Certamente não leu. Só vive lendo romances...

Lembrando-me da página do Diário, vista momentos antes, respondi-lhe com ar de quem procura recordar qualquer coisa:

—... Problema fáustico... O amor... vida... estrangulado pelo conhecimento...

Silviano arregalou os olhos:

—Onde é que andou escarafunchando isso? Sim. Sim. É este. o problema fáustico, na síntese de Salvador Albert. Espere.

Foi a uma gaveta, consultou as fichas, apanhou uma e leu: "En efecto, el problema de Amiel, como el de tantos hombres, era la estrangulacion del amor por el conocimiento: el problema de Fausto."

E continuou:

—Onde viu isso? Onde?

—Não me lembro, respondi. Creio que em uma revista literária ...

—Bem, o fáustico de Amiel se enquadra no definido por Spengler. Mas, quando disse que o "mito Donzela Arabela" é um símbolo fáustico, não quis significar que você, Porfírio, homem de planície, ande em tais altitudes. Apenas me pareceu que essa aspiração do imaterial e do intemporal feminino, também minha, é, de algum modo, uma inquietação fáustica.. .

Esta noite, Silviano estava no seu grande estilo. Andando majestosamente para lá, para cá, pareceu-me afundado em altas meditações.

Virou-se, de súbito, para mim, dizendo que ia ler-me algo maravilhoso. Foi à estante e de lá retirou um livro.

—Veja que página, que página! Puramente fáustica! Infelizmente você não entende o alemão. Isso é um mal incomensurável. Incomensurável!

E traduziu para mim o trecho do Also sprach Zarathustra, em que o herói, atravessando a floresta com seus companheiros, encontra raparigas que bailam numa clareira.

—Elas representam a vida, Porfírio, a vida que foge diante do asceta!

E, com um gesto espetacular:

—Isso deveria ter sido escrito por mim. Por mim! Fui roubado!

—Sossega, homem, que foi que aconteceu? disse Joana, meio aflita, entrando com uma bandeja de café.

Tomado o café e pedidas a Joana notícias da prole, despedi-me do

filósofo.

§ 21. UMA DATA IMPORTANTE.

VINTE e cinco de agosto de 1935. Eis uma data importante neste solar da Rua Erê: completo 38 anos. Não acredito na sinceridade daqueles que dizem nem sequer perceber a passagem do aniversário. É dia que ninguém esquece, porque é dia de balanço. Olhamos a vida, para trás, para frente, a imaginar, como se diz em Vila Caraibas, a inventariar o realizado e o não realizado. O déficit é grande, mas nem sempre se fica macambúzio: Florêncio, por exemplo, recebe-o com boa disposição: é mais um pretexto para o chope, que Mariana anda restringindo. Quanto a mim, velho profissional da tristeza, amanheci com certo peso, muito conhecido, no coração. À melancolia do amanuense, que é de origem cósmica, juntaram-se hoje as angústias especiais do aniversário e talvez um pouco daquilo a que o Silviano chama "inquietação fástica". Depois de nossa última conversa, achando bonita a expressão, dei para me sentir um tanto ou quanto fástico. Grande coisa é encontrarmos um nome imponente, para definir certos estados de espírito. Não se resolve nada, mas ficamos satisfeitos. O homem é um animal definidor.

Pode ser, também, que minha melancolia tenha vindo simplesmente da atmosfera. Somos, na verdade, muito mais meteorológicos do que supomos e tudo o que modifica a atmosfera, desde a chuva até a música, provoca alterações em nossa substância espiritual. E o dia de hoje amanheceu pesado como chumbo.

Entretanto, aqui em casa tudo vai bem. Um anjo pacificador desceu sobre as coisas. A loucura de Francisquinha parece atenuada, e Emília, menos taciturna, abre-se mais: foi-me extremamente gentil, à tarde. Como estivesse sem fome, entendi de sair, pouco tempo depois de haver chegado da repartição (onde recebi numerosos abraços), e ia pegando o chapéu, quando ela me barrou os passos, puxou-me pela manga do paletó e levou-me ao quarto grande, para me mostrar, por gestos, a folhinha pendurada na parede. Aludia ao aniversário. Emília, com certeza, não se esqueceu do peru tradicional. Viva a tradição dos Borbas! Não esqueceu mesmo não. Aliás, só em 1930 e em 1933, no curso destes últimos anos, o peru foi omitido. Um acesso muito forte de Francisquinha, naquele ano, e uma gripe pneumônica de Emília, no outro, impediram a

comemoração a que os Borbas varões têm direito, no dia natalício.

Fiquei para o jantar e a mesa me comoveu: além do peru, tive;nos vinho do Rio Grande e peixe de Pirapora. Notei, ainda, que o anteparo de papelão foi hoje suprimido (comumente, para não me ver, ao tomar comigo as refeições, Emília coloca diante de si, sobre a mesa, um anteparo de papelão).

Jantei amplamente, prodigalizei-me libações, esquecendo a dispepsia que acompanha os Borbas há tempos imemoriais, e, após ligeiro discurso às velhas, saí para a rua assobiando a valsa **Saudades de Ouro Preto**, cujo autor é ignorado. O que não a impede de ser uma valsa deliciosa, tipo 1910.

Arabela hoje não me está doendo muito, e o caso assumiu um aspecto quase doce. Quem se entende? A gente amanhece sombria e anoitece, às vezes, quase feliz. Um nada qualquer, o calor de qualquer ser humano, mesmo de pessoa como Emília, em quem nossa alma não encontra ressonância, tem surpreendentes efeitos analgésicos. A gentileza desta tarde, o peru, a lembrança das comemorações domésticas, e, por último, ou principalmente, as canecas de vinho realizaram uma operação benéfica, transportando-me para um plano onde as coisas perdem o travo amargo, a alma relaxa-se, as mágoas se esquecem. E tudo isso compõe, sem dúvida, outros tantos meios artificiosos que a vida emprega para manter, em nós, o interesse vital.

Logo depois que voltei, compareceram-me os amigos Giovanni e Prudêncio Gouveia, meus vizinhos. Retiraram-se, assim foram aparecendo o Silviano, o Redelvim, a Jandira e o Florêncio. Tratei-os bem, com um litro de uísque mandado vir do fornecedor e algumas botelhas de cerveja de sobressalente. Acabado o uísque, que foi preferido por todos, Florêncio abriu-as com ternura, reconciliando-se com os velhos amores. Apreciaram muito os pastéis de Emília, confeccionados segundo um rito especial de Vila Caraibas, mas esta não apareceu para receber cumprimentos. A uns julga loucos e a outros criaturas excomungadas, e se persigna, quando vê o pequeno escritório ocupado por tais clientes.

Nada houve de especial na reunião e a conversa correu alegre, entre anedotas. Sentindo-me tão bem disposto, esta noite, pergunto a mim mesmo se o caso Arabela não terá sido apenas fruto de solidão e timidez. Ah! Não: é um símbolo fáustico, Silviano já o disse.

§ 22. ONDE SE APRESENTA UM REVOLUCIONÁRIO.

UMA CONVERSA com Redelvim, na manhã de hoje, deixou-me apreensivo. Ele apareceu aqui em casa, ainda cedo, for para colher o meu aval. Nós nos servimos um do outro, sempre que se trata de "sujigar a onça" (como diz o Florêncio, referindo-se ao ato de reformar uma promissória) e temos uma sociedade de avais mútuos. Mas o que houve de extraordinário foi que, ao ensejo desse encontro, me contou ele, meio nervoso, que os acontecimentos se estão precipitando e que se fala na possibilidade de uma revolução, para breve.

Respondi-lhe que isso não era motivo para aflições. Revoluções sempre as houve e haverá. Silviano acha, mesmo, que revoluções ou guerras são reajustamentos, operações da economia da espécie. Quando há, por exemplo, superpopulação, vem uma guerra para destruir o excesso de indivíduos que perturba o equilíbrio social. Quanto às revoluções, propriamente ditas...

Redelvim ficou irritado com o meu tom e interrompeu-me dizendo que falava a sério. Tratava-se de uma revolução proletária. E que, além do mais, Silviano era um reacionário imbecil. E que a polícia, por ocasião do fechamento da sede do Partido, apreendera documentos, recolhera a relação de todos os seus membros em cujo número ele, Redelvim, estava incluído.

Supus, por um instante, que houvesse receios no espírito do amigo e perguntei-lhe acerca do que lhe poderia acontecer, se comesse a haver prisões.

Respondeu-me, asperamente, que sua situação pessoal não interessava e que um pequeno burguês, como eu, só cuidava da própria pele. Os indivíduos nada significam, segundo seu modo de pensar. Quanto ao mais, não sabia de nada, não estava a par dos planos, e o fracasso era fácil de prever, pois a polícia vivia atenta, mas ele, Redelvim, seria solidário, para o que desse e viesse.

E, deixando-me aturdido, saiu às pressas, a fim de alcançar, ainda, o expediente do Banco.

Fiquei melancólico e cívico, pensando que, neste País, a civilização poderia ter, certamente, um sentido mais cordial, sem os cruentos conflitos que andam pelo mundo. Talvez algumas leis, alguma compreensão... Mas sou apenas um falido poeta lírico e rir-se-ão das idéias, que me vêm, sobre o problema. Elas não são, aliás, muito claras e comumente se manifestam contraditórias. Ao final de uma das páginas que ficaram para trás já lhes contei o que se passa em mim,

sempre que começo a meditar: perco-me num labirinto de antinomias.

Pensei, depois, no Redelvim e na Jandira. Ao contrário do que acontece ao primeiro (se acaso foi sincero no que disse) os indivíduos significam demais para mim. Onde os outros vêem unidades mecânicas da massa, ou abstrações econômicas, eu vejo homens, criaturas que sentem e pensam. Vejo, por exemplo, o homem Redelvim, sensível, inteligente, cuja imolação em nome de uma quimera seria uma crueldade do destino.

Meus receios se vão confirmando. O pequeno círculo em que vivo, e cujo equilíbrio sempre foi precário, é agora trabalhado por dissensões mais profundas. Dentro em pouco estará irremediavelmente dissolvido.

Há quinze anos passados, conheci Redelvim numa república de estudantes, onde moramos juntos, quatro anos, até quando, falecido o velho Borba, tomei casa própria para viver com Emília e Francisquinha. Temos sido companheiros em tudo, inclusive no celibato, nas aperturas financeiras e na burocracia. Deixou ultimamente o Estado, em virtude de uma desavença com o diretor de sua repartição, e passou a trabalhar somente em jornais. E homem difícil, mas bom amigo. Trata-me com dureza, nestes últimos tempos, mas não dou importância a isso, sabendo que a causa de tudo é o nervosismo em que vive. Por outro lado, a admiração, que lhe voto, gera uma tolerância grande para com os golpes que me vêm dele.

Também não levarei a sério as declarações que me fez pela manhã. Jamais acreditei no seu ativismo partidário. E ele me parece mais anarquista, que comunista. Um anarquismo lírico, que não dá para atirar bombas nem praticar atentados. Este nosso anarquista tropeçará sempre no coração, que é terno, **malgré lui.**

§ 23. CHUVAS DE SETEMBRO.

AGORA compreendo por que Silviano incluiu, naquela página do Diário, a anotação a propósito das chuvas: "Tempo —Primeiras chuvas de 1935"...

As deste princípio de setembro já não são as primeiras, mas determinam, aproximadamente, o mesmo fenômeno que, suponho, o amigo registrou. Na

manhã de hoje, o sol nasceu forte e o chão me queimava os pés. Quando, após instantânea formação de nuvens, veio a chuva, subiu do solo um hálito intenso e fecundante. Foi um pé-d'água violento e rápido, mas o cheiro de terra impregnou-me as narinas o dia inteiro. Qual a relação entre tal acontecimento meteorológico e nossa sensibilidade? Eu não saberia precisá-la e apenas poderei dizer que um homem rural, adormecido, despertou em mim, com seu primitivismo, sua força e, simultaneamente, seus temores.

Ao passo que sentia veemente apelo da terra e um desejo vivo de evadir-me para lugares e épocas distantes, para certa gleba da fazenda velha, reservada ao plantio, onde os homens, curvados, abriam covas, punham sementes e as cobriam, eu experimentava indizível angústia que resistia a toda tentativa de análise. Ao escrever esta página, lembra-me uma palavra que ouvi do desembargador Linhares[^] acerca da predominância da face campesina em meu temperamento. Curioso homem. Nosso comércio é escasso: temo-nos visto apenas uma vez ou outra, em encontros rápidos de Livraria; entretanto, diz-me coisas surpreendentes a meu próprio respeito. Uma tarde dessas, confiei-lhe meu estado de espírito, que se resume na disposição de orientar-me exclusivamente pela sensibilidade, desde que vacilaram e caíram, aos meus olhos, todas as convicções e pontos de apoio da consciência. Disse-lhe que me presumia um homem sem princípios, ou que conservava apenas preceitos morais, legados pelo velho Borba.

O desembargador fitou-me com os olhinhos penetrantes, por detrás das lunetas grossas, e esclareceu, a mim próprio, que nem esses preceitos me restam e que o que há em mim são sentimentos de ordem moral.

Se, acaso, publicar um dia este caderno de confidências íntimas, perdoem-me os leitores as anotações de caráter muito pessoal que forem encontrando e que certamente não lhes interessarão. Quem escreve um Diário (afinal, estou escrevendo um...) não se pode furtar à sua própria contemplação. É um narcisismo a que ninguém escapa.

§ 24. ANÁLISE ESPECTRAL DE CARMÉLIA.

GLICÉRIO chegou ontem, e o pouco interesse que seu regresso me despertou evidencia, a meus olhos, a salutar reação que em mim se processa.

Aos dias difíceis, que tenho passado no correr dos tempos, sempre se sucederam outros, bonançosos, sem problemas, durante os quais todos os fantasmas se desvanecem e os temas torturantes deixam a tona da consciência, tal como ocorre nas composições musicais onde a frase dominante por vezes se eclipsa ou flui tão sutilmente que não a percebemos no concerto de sons.

Pretendo, porém, que não se trate, agora, apenas de passageira anistia. Reajo, com virilidade, contra essa ridícula história da noite de carnaval. Já era tempo de fazê-lo. Há solicitações graves, a que devemos atender, e um homem não se deve entregar, assim, a uma vida inútil, de vagabundo lírico.

Com uma esbatida imagem física, fornecida pela moça da Rua Paraibuna, e com sombras e luzes, que havia dentro de mim, construí uma Carmélia cerebral que me causava devastações. A solidão trabalhou, eu revivi um processo infantil e o velho mito de Arabela voltou a perseguir-me. Uma noite de carnaval, cheia de sortilégios, fez-me encarná-lo nessa donzela Carmélia, que não tem culpa de coisa alguma. E criei um ser fantástico, onde só entram tênues traços da moça; o mais, já se sabe, é contribuição do luar caraibano, das noites ermas, de todo o mórbido romantismo, secreção da fazenda e da Vila.

Pura imaginação: tudo se resume nisso e nada há além disso. A Carmélia que amei não existe. Nada tem com ela a formosa senhorinha da Rua Paraibuna, distinto ornamento do nosso **set**, como dizem os cronistas sociais.

E quem está pagando tudo é o pobre do Glicério. Agora, que me acho de ânimo isento, reconheço ter sido grosseiro para com ele. Tratei-o mal ontem, na Seção, quando me veio dar novidades do Rio. Não pude esquecer-me dos maus momentos que me trouxe durante semanas, explorando inconscientemente minhas fraquezas sentimentais pela jovem Carmélia. Nem lhe perdooi todo o tempo que me fez perder, tornando vão meu esforço para, através dele, saber algo a respeito da moça. Descontei tudo, inclusive a abolição do colarinho alto (excelente medida, aliás) e as exibições em rodas sociais.

Mas, ponhamos de parte essa história e lembremo-nos de que não se pode ser criança aos trinta e oito anos. É preciso fazer qualquer coisa. Sobre tudo tomar um sorvete, pois a noite está quente. Há, na Avenida, um bar que nunca se fecha. Aproveitemos a insônia e caminhemos um pouco.

§ 25. GIOVANNI E PIETRO.

DORMI mal a noite passada, preocupado com a situação de Redelvim e de Jandira, e dispunha-me a sair, hoje cedo, em procura desta última, quando me ocorreu algo extraordinário.

Marianina, cunhada do velho Giovanni, vizinho de quarteirão, entrou desabaladamente pela minha porta, a gritar:

—Madona Santa! Sior Bermir, cal vegna veder sior Joanin que lesta a crepar de dispiazer parché ei bambin l'andá via!

Avaliem o susto que me trouxeram os gritos e a entrada espetacular da velha. Não entendi bem o seu piemontês, ou vêneto, sei lá, mas calculei que o velho Giovanni (Joanin, segundo o dialeto do vizinho) passava maus quartos de hora, por causa do filho, e que eu era chamado a intervir.

Saí rapidamente, acompanhando Marianina, sob os olhares perscrutadores de alguns curiosos que farejaram qualquer coisa de anormal na agitação da velha e em suas palavras aflitas.

Chegado à casa de Giovanni, encontrei-o junto à mesa da copa, cabeça deitada sobre o braço, em pranto convulso.

—Que há, Giovanni? perguntei-lhe, pondo-lhe a mão sobre os ombros.

Sem levantar o rosto, o velho estendeu-me nervosamente um bilhete amarrutado. Lendo-o, noto que as linhas estão dispostas em versos, como se se tratasse de um poema:

"Besta velha

falso, até nunca!

Ciao, ciao, ciao

Falso como tu

Só merece pau.

É tolice me percurar

porque já estou

longe.

Sim, besta!"

Fico à espera de uma explicação. Com a respiração entrecortada, diz-me, esquecendo, em sua amargura, que não entendo seu dialeto, ou talvez confundindo-me com Beppe (Giuseppe, o sapateiro), seu patricio:

—Son un disperat, pur un infelice! Me fiol! Me fiol! Só minga cos faro!

Depois, ergueu os olhos, reconheceu-me, mas, em sua confusão, continuou na língua engrolada, que reproduzo agora, com o auxílio de Beppe:

—El me bambin, puareto, gaveva minga tanta colpa, landa dré ai auter, ma mi son anda in fúria e giu bastonate, meu caro sior.

... Mi voleva far dei me fiol un duttur, sior!

Minha presença serenou-lhe um pouco o espírito, e o velho explicou-me, em língua mais acessível, que o papel amarrotado era um bilhete deixado pelo bambin, ao fugir de casa, alta madrugada.

Haviam descoberto, na polícia, que o garoto fazia parte de uma quadrilha de menores arrombadores. Assaltavam botequins para comer gulodices, beber guaraná e abastecer-se de cigarros. Os chefes da quadrilha foram remetidos para um abrigo de delinqüentes juvenis, mas Pietro era o mais novo deles e ficou provado que agira induzido pelos outros. Um delegado, amigo de Giovanni, obteve que o menino fosse entregue ao pai, sob o compromisso de ficar detido em casa, até novas instruções.

Depois de havê-lo açoitado, a valer, no fundo do quintal, com uma vara de marmelo, o velho foi tomado de grande abatimento. Enquanto apanhava, a criança gritava que não tinha culpa; acompanhara os mais crescidos, porque lhe chamaram "mocinha", medroso, e lhe mandaram vestir uma saia; quando foi ao botequim, a porta já havia sido forçada; nada furtara, limitando-se a ver os companheiros beberem e tirarem cigarros. Mas o velho estava como que surdo, e fugitava sem parar. Era a primeira vez que o castigava assim. Pietro—repetia Giovanni entre soluços—era filho único, seu melhor companheiro, pois a filha e a mulher morreram, aquela havia já três anos, e esta, dez. Tinha doze anos. Para

ele é que trabalhava. Queria fazê-lo doutor.

Só depois de fatigado de surrar o filho, foi que as palavras deste puderam penetrar-lhe um pouco no espírito. Ficara prostrado, ao mesmo tempo com remorsos, por haver maltratado o menino, e com horror pelo que este fizera.

Pelo que me contou, pude perceber a profunda revolta operada na consciência do filho. Dois dias depois, fugia de casa, deixando aquele bilhete.

Giovanni estava agoniado. Prometi-lhe que o auxiliaria. Tinha amigos na polícia e haveríamos de achar o garoto.

Imagino o drama do velho. Conheço-o há vários anos, desde que me instalei na Rua Erê. Quase que diariamente temos nosso dedo de prosa. Vou comprar-lhe cigarros e ele sempre me detém, pedindo-me notícias de Francisquinha, falando-me de uma coisa ou de outra, contando-me histórias do seu Piemonte. É um camarada alegre, embora às vezes lhe desçam sombras, ao pensar na mulher e na filha mortas.

De vez em quando me aparece em casa e, pelo Natal ou Ano-Bom, sua visita é tradicional. Traz-me uma botella de Chianti ou de Barbera d'Asti, azeitonas, passas e nozes. Bebo o vinho e distribuo as nozes pelas crianças da redondeza.

Se o filho não volta, sua vida estará irremediavelmente des troçada.

§ 26. NOVA CONVERSAÇÃO COM JANDIRA.

ESQUECEU-ME acrescentar, às linhas finais das notas ontem escritas, que um investigador da polícia me declarou haver indícios de que o pequeno Pietro fugiu para o Norte do Estado. Se assim é, talvez tenha ido para Diamantina, onde mora seu padrinho, também italiano. E não será difícil recambiá-lo à casa.

Este problema ocupou-me ontem o dia todo e só à noite, já um pouco tarde, pude ir à casa de Jandira. Não a encontrei. Disse-me a tia, D. Hortênsia—que ainda não se havia recolhido, certamente para esperar a moça—, que o Dr. Pereirinha lhe dera um serãozinho. Tratava-se de concluir um urgente trabalho

de datilografia.

Preocupado com Pietro, não atribuí importância ao caso e achei tudo muito natural. Os advogados sempre têm arrazoados urgentes por fazer e vivem às voltas com os prazos processuais. Só hoje cedo, meditando sobre o assunto, calculei que se esses serões se repetem, teremos futuras complicações. Desde que se inventou a datilografia, e as mulheres (de preferência moças e bonitas) tem sido ocupadas nesse ministério, as complicações se multiplicaram na face da terra.

Esse Dr. Pereirinha, que não conheço, é casado; mas, Deus me perdoe, isso não é obstáculo. As impossibilidades próprias do estado civil deles, os casados, não fazem senão aguçar-lhes os apetites ou desenvolver neles certo gosto, não raro trágico, pelos virgíneos amores. Pensando mal, ou pensando bem, foi isso o que eu pensei e me fez procurar Jandira, antes de ir à repartição, em vez de fazê-lo depois, ou à noite.

Jandira, que acordou tarde, não estava para conversas. Fez por esconder o mau humor, mas o seu modo de olhar para baixo e para os lados não me enganou. Perguntou-me, agastada, por que ando tão sumido, por que me faço difícil. Respondi com uma brincadeira desajeitada, que, tendo ela optado pelo quarentão (o de que lhes falei atrás), só me cumpria retirar-me condignamente e procurar novos amores.

—Só um idiota poderia supor que eu me vou vender a seu Portela. Não tem outro assunto?

Esquecendo-se das confidencias que me fez há pouco tempo, continuou:

—Vocês acreditam que são absolutamente necessários? Não se pode viver sem homens? Cada qual é mais grosseiro, vulgar, terminou, com desprezo.

Chamei-lhe Jandirinha, adulei-a, disse-lhe algumas tolices para amainá-la. Tive ímpeto de passar-lhe a mão pelos cabelos e (por que não?) de dar-lhe uris beijos que não seriam senão paternais, tal a ternura que ela me inspirava naquele instante, imune a qualquer desejo amoroso, o mais vago que fosse. Mas o gesto morreu no pensamento e os beijos ficaram recolhidos, como todos os outros que, amorosos ou simplesmente ternos, minha imaginação ensaiou para as virgens que passaram pelo meu caminho.

Tanto melhor para mim, esta manhã, porque não ficaria, de modo algum, excluída a hipótese de uma reação diversa, da parte de Jandira. Atirar-me-ia à cara o primeiro utensílio que encontrasse à mão...

Minhas palavras bastaram, porém, para lhe desfazer o mau humor. Daí a pouco, estávamos a conversar despreocupadamente e- tive oportunidade de, simulando ar desinteressado, contar-lhe a conversa havida com Redelvim. Não se mostrou surpresa.

—Tá ouvi falar nisso, respondeu-me.

Disse-lhe, então, que acreditava serem ela e o Redelvim as criaturas mais inofensivas do mundo e nada terem os poderes públicos que temer de seu comunismo meramente literário, mas a polícia poderia pensar de outro modo. Convia, portanto, que fosse discreta, deixasse de imprudências, etc.

—Foi para isso que veio aqui? perguntou-me, zombeteira. Fico lisonjeada com essa idéia de que sou conspiradora. Veja que chique: a jovem Jandira, concitando os homens à luta, empunha a bandeira vermelha, põe-se à frente do bando, cai abatida pela metralha...

E, passeando para lá, para cá, numa atitude garota, a imitar a cena imaginada, desviou inteiramente o curso do meu pensamento. Movimentando-se por aquela forma, agitava umas carnes saudáveis e fazia nascer em mim uma ternura nada parecida com a que me despertara momentos antes. Mas decerto notou que eu lhe observava as formas com impertinência, porque, logo depois, se assentou de novo, e compôs cuidadosamente as vestes, não se esquecendo de puxar a barra do vestido que, sendo curto, lhe deixava os joelhos de fora.

Jandira desnorteia a gente. Em palestra, tem admitido que abordemos temas perturbadores e, de boa vontade, ouve anedotas fortemente temperadas. Não lhes contei que é um dos meus fracos dar certo tom picante às conversações com moças donzelas. Dificilmente isso se concilia com as minhas inclinações líricas, mas a contradição é da vida.

Entretanto, não suporta um olhar de desejo. Ruboriza-se, compõe-se, reage, se for preciso. Certa vez Silviano, a pretexto de despedir-se, tentou abraçá-la e levou carão. É partidária do amor livre e de todas as outras liberdades, mas defende-se como leoa, sempre que está em xeque.

Voltei tranqüilo para casa. Nada terei que temer, em relação a Jandira. Ela não o confessa, mas está sem nenhuma disposição de meter-se em conspirações. E, quanto ao Dr. Pereirinha... Bem, não sejamos apressados em conclusões.

§ 27. IDÉIAS DA EMÍLIA.

HAVENDO Francisquinha piorado de novo, Emília, desde alguns dias, insistia em promovermos a expulsão do espírito. Já não falava, porém, em chamarmos um padre, para o exorcismo. Josefa lavadeira convenceu-a de que seria melhor trazer aqui três espíritos que conhece, um dos quais é médium, a fim de se realizar uma sessão com a presença da doente. Recusei várias vezes meu consentimento, objetando, para dissuadi-la disso, que essas práticas eram contra a religião. Emília, que a princípio cedeu, voltou, porém, ao assunto, dizendo-me que a Zefa garantira que não; vários padres admitiam o espiritismo.

Vendo que estava inteiramente obcecada pela idéia e não seria prudente contrariá-la por mais tempo, cedi. Que o demônio da lavadeira arranjasse a reunião.

Foi o que se fez hoje. Às oito da noite, os homens chegaram, cumprimentaram-me cerimoniosamente e assentaram-se em torno da mesa. Emília e Josefa, com alguma dificuldade, trouxeram Francisquinha e puseram-na em uma cadeira, ao lado do médium. De pé, mãos nos seus ombros, procuravam mantê-la naquela posição. Quanto a mim, fiquei a um canto, observando o rito.

Um, que me disseram ser presidente da mesa, interrogou a Josefa sobre o caso, dela ouvindo um histórico a respeito das perturbações da mana.

Em seguida, todos rezaram padre-nossos e ave-marias, concentrando-se. Dentro em pouco, o médium começou a agitar-se, pondo-se em transe. Inclinou, depois, a cabeça e começou a falar:

—Deus esteja nesta casa. Pai João está aqui, meus filhos. Que é que vocês querem?

O presidente respondeu:

—Pai João, nossa pobre irmã Francisca vem sendo perseguida por um irmão transviado, que muito dano lhe tem feito, tirando-lhe a razão. Pedimos vossa ajuda para que ela se livre desse mau espírito; que o irmão, a quem falta a luz, não mais a persiga.

Pai João, pela boca do médium, declarou que iria fazer uns passes e que todos deveriam ajudá-lo, com suas orações.

O médium levantou-se, enquanto Francisquinha foi, também, levantada e posta ao meio da sala. Colocando a mão direita por sobre a cabeça da mana e andando em torno dela, fez, com a outra mão, gesto de lhe tirar do corpo alguma coisa.

Depois, o homem voltou ao seu lugar, respirou profundamente e sob as preces dos circunstantes, tornou a si.

Estava terminada a sessão, e Francisquinha foi levada para o quarto, por Josefa e Emília.

Os espiritistas tomaram uma xícara de café, desejaram-nos paz e se despediram.

Dispus-me também a sair, para meu giro habitual pela Avenida, e, já no portão de casa, ouvi Emília dizer:

—Chica vai melhora com o dijitório de Deus. O espírito saiu. Pobre mana!

§ 28. PROBLEMAS DE PROLETÁRIA.

FOI BOM nada ter concluído, quanto ao Dr. Pereirinha. Muito fora dos seus hábitos, Jandira esperou-me hoje à saída da repartição para jantarmos juntos, em um restaurante, e conversarmos à vontade. Estávamos à espera de um bonde, quando um homem, guiando uma baratinha de luxo, me atraiu a atenção, por passar muito vagarosamente junto de nós e ter voltado duas vezes. A um olhar interrogativo, que lhe dirigi, explicou Jandira que o fulano era o tal advogado, Dr. Pereira. De um relance, compreendi o resto, dispensando-me de fazer conjecturas sobre os motivos que a teriam levado a procurar-me.

Durante o trajeto de bonde não conversamos. Esse foi, aliás, pequeno, porque, atendendo a um convite da amiga, que observou ainda não ser hora de jantar, com ela desci na Avenida para irmos ao Parque. Sentados à mesinha ao ar livre, onde costumamos reunir-nos, Jandira desabafou-se.

Desde muito tempo, o Dr. Pereirinha a perseguia. Confessou-lhe que, ao chamá-la para o escritório, já a amava. Estava apaixonado. Tal manobra não a surpreendeu, pois não era a primeira vez que se via assediada por homens, casados ou não. Alguns mais ousados se aventuraram, mesmo, a fazer-lhe propostas desonestas, a que ela deu a competente resposta. Mas o Dr. Pereirinha... Era um sujeito incrível, de tenacidade fora do comum. A princípio, seu jogo foi o de um conquistador apressado. Queria frutos imediatos. Depois, compreendendo que ela não se prestava a ser objeto de divertimento, o pirata mudou de técnica. Passou a suspirar, a dizer que não exigiria nada, que reconhecia a ilegitimidade de qualquer pretensão sua, já que era um impedido, um infeliz. Esse período de suspiros durou uns dois meses. Nos últimos dias, entrara num período de ação e vivia procurando contatos, apertos de mão... Por várias vezes, ela ameaçou deixar o serviço. Hoje, o sedutor foi mais atirado. Declarou não poder viver sem ela, não saber o que irá acontecer, pois está desesperado. E, ao ouvir palavras de repulsa, abraçou-a à força, tentando beijá-la. O rumor dos passos de um cliente, que entrava na ante-sala do escritório, salvou a situação.

—Em resumo, terminou Jandira, deixei o emprego.

—Isso é o menos, respondi. Arranja-se outro.

—Mas o problema continua. Sempre haverá um homem e uma datilografa. Não calcula como é difícil a gente sustentar esta defesa permanente. Aquelas a que vocês chamam "moças em flor"...

—E você é uma, interrompi.

—Não. Sei que não sou. Há uma distinção, que percebo. Não basta a virgindade. É preciso que as donzelinhas tenham, também, ar donzelesco e sejam protegidas por todo um sistema de fortificações—papais, irmãos, fortuna—que as torne difíceis, respeitadas, e inspire a vocês uma série de lendas românticas.

Protestei inutilmente. Continuou:

—Essas fulaninhas não conhecem o nosso problema. Não têm a companhia forçada de um patrão, de um ganhão, um animal. Acontece que sou de carne e osso. Não gosto do Pereira, mas aquela insistência... Afinal, era o único homem que estava junto de mim. Não sei como pude resistir sempre. E amanhã será a mesma coisa, com outro Pereira qualquer. É um inferno. Olhe,

Belmiro, às vezes me dá vontade de acabar com isso, de fazer um disparate.

Querendo mudar o tom da conversa e dissipar a melancolia da amiga, disse-lhe brincando:

—Vou recomendar a D. Hortênsia que não deixe o frasco de sublimado perto de você.

Jandira calou-se, talvez aborrecida comigo, no que faria injustiça, pois meu propósito não era senão afastá-la dum pensamento amargo.

Depois, sua fisionomia se abriu, já quase com a expressão costumeira, que é um misto de atrevimento, de graça, de finura. E respondeu-me:

—Com sublimado, não, Belmiro. Afogar-se é mais romântico. É mais do estilo belmiriano.

Aproveitei essa oportunidade para nos desviarmos de uma conversa melancólica e continuei no mesmo tom, dizendo-lhe que de fato era mais romântico e também mais conforme à técnica da tragédia. Afogar-se, como Ofélia, num regato, de cuja margem pende um salgueiro.

Declarando-me não conhecer o episódio de Ofélia, prometi levar-lhe, amanhã, um exemplar do Hamlet.

Afinal, quando fomos jantar, já não havia nuvens em Jandira e o repasto foi alegre, regado a vinho. Despedimo-nos, depois, ficando combinado que serei mais assíduo em sua casa, pelo menos durante a crise atual.

§ 29. É UM ESPÍRITO REALISTA.

SENDO cedo para ir à Seção, deliberei passar antes pela casa de Jandira, a fim de levar-lhe o Hamlet, ontem pro metido.

Durante o trajeto de bonde, fui folheando o livro. Jandira não é um temperamento poético e há de fazer restrições à descrição da morte de Ofélia, dizendo não ser fácil aceitarmos que a pobrezinha tenha tido tempo de trautear fragmentos de velhas canções, enquanto se afogava. Objetará que, mesmo louca, uma pessoa deveria gritar, em tal conjuntura, em vez de cantar. Mesmo porque, vejo agora ao reler o belo episódio, não houve suicídio. A dar-se crédito

ao depoimento da Rainha, quando a virgem subia ao salgueiro, de inveja dela um galho se rompeu, fazendo-a cair na torrente.

Jandira impugnará, também, a inveja do galho: é um espírito realista, impermeável aos símbolos e à linguagem da poesia. Além disso, acha-se agora sob a esfera de influencia do amigo Redelvim, que considera os poetas "traficantes de tóxicos", sustentado? pelo capitalismo para entorpecer o espírito de rebeldia das massas.

Não a encontrei em casa e deixei o livro com D. Hortênsia. Havia ido a uma aula de taquigrafia.

§ 30. A PROPÓSITO DE GLICÉRIO.

GLICÉRIO olha-me espantado, sem saber a que atribuir minha súbita mudança de atitude. Antes de sua partida, na esperança angustiada de aproximar-me de Carmélia, com o seu auxílio, concedi-lhe, em poucos dias, uma camaradagem estreita que, durante dois ou três anos, pretendeu inutilmente. Ao dizer isto, não é minha intenção deprimir o rapaz e enaltecer-me. É que, pertencendo a uma casta diversa da nossa, e freqüentando-nos apenas por esnobismo, nunca me despertou senão um interesse superficial; como já disse, reservo avaramente minhas disponibilidades de tempo para velhos amigos.

Tendo-se arrefecido o meu entusiasmo pela jovem Carmélia, senti-me trapaceado pelo janota, que de nada me serviu no transe, e reagi de modo primário, cortando, quase de chofre, nossas relações. Arrependo-me. É, afinal, um excelente moço e nenhuma culpa tem de não me ter sido útil na aventura em que muito me aproximei do herói manchego. Como poderia adivinhar meus sentimentos, se os ocultei obstinadamente? Exigi-lhe um absurdo. Se não mudar de idéia, procurarei desfazer amanhã, durante o expediente, a situação de constrangimento que se criou entre nós dois. Talvez até lhe conte a história toda.

Das pessoas que aparecem, de vez em quando, aqui em casa, é a única tolerada por Emília. Soube conquistá-la, não sei por que artificios. Mesmo o papagaio não o hostiliza, certamente por solidariedade com a velha.

É verdade que esta lhe responde apenas por monossílabos às perguntas,

mas noto que fica serenada com sua presença. E Glicério se permite brincadeiras que eu próprio não ousou: chegou a dizer à mana que ia promover-lhe o casamento com o sacristão da capela de S. Sebastião. Brincadeira perigosa, porque Emília não simpatiza com o homem e nem tolera essa pilhéria de casamento.

Quando vai à capela (duas ou três vezes por ano, ou apenas na Páscoa), se se encontra com o sacrista volta para casa enfurecida. Há alguns anos, pouco depois de nossa vinda para a Rua Erê, o Indalécio—é como se chama—fez-lhe uma advertência qualquer, e foi o bastante. Quando Glicério, que não ignora essa rixa, buliu com Emília a respeito, fiquei arrepiado, na expectativa de uma explosão. Pois a velha se limitou a baixar os olhos e a sair para a cozinha...

Tive outro sinal de sua estima ao mancebo num dia em que, achando-se este comigo, à hora do almoço, convidei-o para almoçar. Emília nunca me permitiu comensais e foi com receio que a procurei, na cozinha, para que pusesse mais um prato na mesa.

Ao dirigir-lhe a palavra, timidamente, cortou-me os rodeios e desculpas prévias:

—Não carece falar não, que eu já sei. Pensa que a gente não entende das coisas! Pensa que a gente não entende das coisas!

Coerente em suas demonstrações de apreço ao Glicério, suprimiu, também, nesse dia, o famoso anteparo de papelão, que já mencionei em outro ponto destas notas. E, em vez de simplesmente bater um garfo nos pratos (como faz, para anunciar que a mesa já foi posta), ou de exclamar, quando mais comunicativa: **Se "alguém" quisé almoço, o almoço tá na mesa!**, nesse dia ela veio ao quarto advertir gentilmente que o almoço estava esfriando^e que comida fria não presta.

Glicério soube corresponder-lhe às atenções e deu-lhe um corte de cetineta (que dificuldade para obter esse tecido caído da moda!). O mimo, ao que parece, consolidou sua situação perante a velha.

Bom rapaz, em suma. Não o deixarei de procurar amanhã e hei de penitenciar-me de minhas picuinhas.

Estas considerações a propósito de Glicério quase me fazem esquecer de anotar, aqui, um acontecimento de importância: o velho Giovanni veio ver-me à tardinha, delirante de alegria, para avisar que Pietro está mesmo em Diamantina. Com o dinheiro que levou consigo, tomou uma passagem de segunda classe para Corinto e, desta estação, uma outra para Diamantina. Acredita o velho que a compra de dois bilhetes, em vez de um só direto, exprime que o menino hesitava entre Montes Claros, Pirapora e Diamantina. Chegado à estação de onde partem os três ramais, preferiu, depois de ali permanecer três dias, seguir para aquela última cidade, na qual mora seu padrinho. E Giovanni interpreta favoravelmente a preferência por Diamantina: indo procurar o padrinho, o garoto já mostrava um começo de arrependimento ou, pelo menos, desistia da intenção de sumir-se pelo mundo.

Essas informações lhe foram prestadas pelo investigador meu amigo (o Parreiras), que muito se interessou pelo caso na Polícia Central. Giovanni espera receber amanhã uma carta do seu compadre anunciada em telegrama de hoje. Se não receber, partirá pelo noturno do Norte.

§ 31. UM DIA BEM-HUMORADO.

DÁ-ME vontade de rir, ao relatar, aqui, a celebração de minhas pazes com Glicério. Encontramo-nos antes de entrar na Seção, no momento de marcarmos, no relógio do ponto, a hora da chegada. Disse-me, sisudo:

—Bom dia, Belmiro.

—Bom dia, senhor Glicério. Como vai o senhor? respondi, mais sisudo ainda.

Surpreendeu-se com o acréscimo cerimonioso que fiz ao cumprimento, e ficou sem saber se deveria interpretá-lo como pilhéria ou como advertência para que me tratasse com menos intimidade. Tal foi a expressão de sua fisionomia, que não pude conservar a cara fechada e reprimir uns gracejos.

Mas isso, em vez de o pôr à vontade, encabulou-o ainda mais. Por fim, dando-lhe o braço, eu disse que precisávamos conversar, e o conduzi a um canto do saguão do edifício.

Com espanto para ele, expliquei-lhe, desde as origens, os motivos por que, de um momento para outro, passei a tratá-lo de modo diverso. Fui rigorosamente exato nessas explicações, que duraram cerca de meia hora. Remontando ao caso de Carmélia, não receei ser ridículo ao referir-lhe toda a história, inclusive a da noite de carnaval.

Ao expor-lhe o fenômeno da humanização do mito "donzela Arabela", experimentei alguma dificuldade, pois tive a impressão de que o petimetre me supunha vítima de perturbação mental. Zombei, então, do episódio, para tranqüilizá-lo quanto à minha sanidade de espírito. Contudo, persistia em sua face um ar de comiseração. Em outras circunstâncias, isso me haveria irritado, mas a disposição de esclarecer o caso e talvez a necessidade de confessar a alguém o romance vivido em segredo fizeram com que eu prosseguisse na minuciosa narrativa de minhas tolas aventuras.

Também não me aborreceu o aparte, um tanto imprudente, dado por ele em certo momento:

—É extraordinário que você tenha conseguido imaginar tanta coisa em torno de uma criatura simples como Carmélia!...

Sim, era extraordinário, concordei de má vontade. Era mesmo divertido. São coisas que acontecem.

Depois, disse-me que se eu lhe houvesse confiado os meus desejos, nada lhe teria sido tão fácil como levar-me ao salão da viúva Miranda. Lá esteve algumas vezes, durante o período em que eu tanto me obstinava em obter, sem contudo as pedir, notícias a respeito da moça. E só não falou nisso, porque nem de leve poderia adivinhar meu interesse por ela.

A viúva é meio difícil, com suas pretensões de aristocrata paulista—continuou—mas não fazia nenhuma restrição a ele, Glicério, e aos seus amigos. Quanto à donzela, era um anjo. Fina, inteligente, conversável. Teria gostado imensamente de conhecer-me — avançou. Depois da morte do pai, fecharam-se um pouco, era natural. Mas, passado o trigésimo dia, já a família estava recebendo, já se conversava, ali, como em vida do Dr. Aurélio.

—Você teria feito sucesso na casa, concluiu com entusiasmo.

Fiquei lisonjeado, mas disse-lhe que o assunto estava encerrado; que os mitos se recolheram, competentemente, aos seus lugares; que eu lhe agradecia muito os serviços que não prestara, mas poderia ter prestado, se eu lhos houvesse pedido, e que, ao cabo de tudo, só desejava sua inteira reserva a respeito.

—Está certo, não se preocupe. Mas, em qualquer tempo que queira... acrescentou, com uma ponta de malícia.

Passei o resto do dia bem disposto. Não sei se a causa disso foram as pazes com o Glicério, se a confissão, com que me desoprimi, ou as palavras amáveis, que me disse a propósito de um possível êxito meu junto à moça. Podem ter sido todas essas coisas juntas. O certo é que tive uma tarde bem-humorada.

§ 32. OS ACONTECIMENTOS CONDUZEM OS HOMENS.

E ASSIM vai a vida... Os acontecimentos que até aqui se desenrolaram e em que desempenhei ora o papel de ator principal, ora o de espectador, mudaram, por completo, as intenções deste livro. Naquela noite de Natal, ao início destas notas, expus o plano de ir alinhando apontamentos que me permitissem publicar, mais tarde, um livro de memórias. Estava, então, concebendo qualquer coisa, e essa coisa se me agitava, no ventre, reclamando lugar ao sol. Jamais pensei, naquela ocasião, ou antes dela, que o presente pudesse vir dominar-me o espírito por forma tal, dele expelindo as imagens do passado que então o povoavam, abundantes e vivas.

Estive refletindo, esta tarde, em que, no romance, como na vida, os personagens é que se nos impõem. A razão está com Monsieur Gide: eles nascem e crescem por si, procuram o autor, insinuam-se-lhe no espírito.

Não se trata, aqui, de romance. É um registro nostálgico, um memorial desconchavado. Tal circunstância nada altera, porém, a situação. Na verdade, dentro do nosso espírito as recordações se transformam em romance, e os fatos, logo consumados, ganham outro contorno, são acrescidos de mil acessórios que lhes atribuímos, passam a desenrolar-se num plano especial, sempre que os evocamos, tornando-se, enfim, romance, cada vez mais romance. Romance trágico, bufo ou sem nenhum sentido, conforme cada um de nós, monstros imaginativos, é trágico, é cômico ou absurdo.

Vejo que a história do presente já expulsou, definitivamente, destes cadernos, a do passado. Carmélia (travestida de Arabela) e Jandira afastaram a sombra de Camila, que, bem o percebo agora, era outra encarnação do mito infantil. Silviano, Redelvim, Glicério, Florêncio e Giovanni e seus pequenos

mundos baniram os fantasmas caraibanos, as evocações dos velhos Borbas, a vida sentimental da Vila e da fazenda.

Em vão, tento uma sondagem em Vila Caraíbas, naquele ano extraordinário de 1910. Baldo esforço: como resistir a personagens e fatos que, a cada instante, incidem no plano de nossa consciência? Às vezes ainda me vem a necessidade angustiosa de rever antigas paisagens, evadir-me para uma região que realmente já não se acha no espaço, e sim no tempo. Mas, no comum dos dias, agora é o presente que me atrai.

§ 33. RITORNELO.

ESCAPOU-ME ontem, à noite, esta lamentação: acham-se no tempo, e não no espaço, as gratas paisagens. Verifiquei esse angustiante fenômeno quando, em 1924, fui à Vila pela última vez. O Borba já havia morrido, a fazenda passara a outras mãos e as velhas já aqui estavam com sua extravagante bagagem.

Camila ainda vivia. Lembra-me quão penoso foi o encontro com o passado. Lembra-me o dia em que só, debruçado no peitoril da varanda, na fazenda, em hora por si mesma de intensa melancolia—a hora rural do pôr do sol —, fiquei a percorrer, com um vago olhar, as colinas e os vales que se desdobravam até ao azul da Serra do Juramento, muralha do meu mundo antigo.

Na verdade, os olhos apenas refletiam imagens, logo as devolvendo para o exterior, porque algo impedia uma comunicação entre o mundo de fora e o de dentro, rico de uma paisagem mais numerosa, que só possuía, em comum com aquele, os esfumados traços de coisas que se vão extinguindo, ao morrer da luz, e pesada tristeza, que, em certas oportunidades, nos parece estar no fundo e na forma de cada coisa, em vez de se localizar em nós mesmos.

Em vão' busquei nas linhas, cores e aromas de cada objeto ou de cada perspectiva, que se apresentavam aos meus olhos, as linhas, cores e aromas de outros dias, já longínquos e mortos.

Inútil tentativa de viajar o passado, penetrar no mundo que já morreu e que, ai de nós, se nos tornou interdito, desde que deixou de existir e se arremessou para trás, inapelavelmente. Vila Caraíbas, a montanha, o rio, o buritizal, a

fazenda, a gameleira solitária no monte—que viviam em mim, iluminados por um sol festivo de 1910, ou apenas esboçados por um luar inesquecível que caiu sobre as coisas, naquela noite de 1907—ali já não estavam. Onde pretendi encontrar a alma das épocas idas, não encontrei senão pobres espectros. A namorada, a lagoa.

Camila era a virgem na sua realização integral, ou, quem sabe, arquétipo, e não criatura. A essência da juventude parecia haver-se aprisionado em seus gestos, para sempre, e seus olhos me diziam da Eternidade. Segredos de moça em flor, trancas de 1910, polcas no salão cheio de retratos, ao som do velho piano. O luar, a serenata, o campo orvalhado em manhãs de maio, com um sol grande a despontar na serra, e borboletas, e beija-flores, e a lagoa, o buriti, os irmãos pássaros. Que restava de tudo, afinal?

O que a meus olhos surgiu foi a sombra miserável de um tempo que morreu. O sertão estraga as mulheres e a pobreza as consome. Mas, devastação maior lhes causa porventura a nossa imprudência, ao cotejar com a realidade as invenções de uma desenfreada fantasia. A lagoa foi drenada e convertida em pasto. Como se pode suprimir uma lagoa? Como se pode cortar uma árvore? É como se destruíssemos algo humano, vivo, fremente.

A velha fazenda, dos Borbas, exibiu-me apenas a ossatura desnuda daquilo que, em outros tempos, fora um corpo exuberante de vida.

Percebi que vago delírio se apossara de mim, envolvendo-me naquela onda de saudade e naquele desejo de encontrar uma forma de morte, que é procurar as sombras de um mundo que se perdeu na noite do tempo.

Não voltarei a Vila Caraíbas. As coisas não estão no espaço; as coisas estão é no tempo. Há nelas ilusória permanência de forma, que esconde uma desagregação constante, ainda que infinitesimal. Mas não me refiro à perda da matéria, no domínio físico, e quero apenas significar que, assim como a matéria se esvai, algo se desprende da coisa, a cada instante: é o espírito cotidiano, que lhe configura a imagem no tempo, pois lhe foge, cada dia, para dar lugar a outro, novo, que dela emerge. Esse espírito sutil representa a coisa, no momento preciso em que com ela nos comunicamos. Em vão o procuramos depois; o que, então, se nos depara é totalmente estranho.

Na verdade, as coisas estão é no tempo, e o tempo está é dentro de nós. A alma das coisas, em certa manhã de maio no ano de 1910, ou em determinada noite primaveril, doce, inesquecível, fugiu nas asas do tempo e só devemos

buscá-la na duração do nosso espírito.

§ 34. "DESCULPEM A POEIRA".

RELENDO, agora, as derradeiras páginas, há uma semana escritas, fico a pensar nestas diferenças de nível que me acorrem, nos domínios da sensibilidade, tão rápidas e súbitas que a mim próprio me pasmam. Em todo este esboço de livro, um problemático leitor futuro sentirá os abalos que tais desnivelamentos determinam. Começo, como no penúltimo capítulo, a fazer considerações em torno da mudança de rumos, a que fui forçado na elaboração destas notas, e acabo por mergulhar, no último, nestas profundas regiões caraibanas do meu espírito, que às vezes me parecem tão remotas e metafísicas.

Que me perdoem os abalos passados e os futuros. Como os autocaminhões que, percorrendo a estrada de Morro Velho, levantam nuvens de pó, mas gentilmente trazem, pendurado na parte posterior da carroçaria, o cartaz "Desculpem a poeira"—tanto mais gentil quanto o pedido de desculpas é, sem distinção, dirigido a todos os que vêm depois—apresento aqui minhas escusas.

Desejaria planar suavemente, conduzindo, sem tropeços, os que me acompanham, mas falta-me engenho para isso e nem poderia pô-lo, nestes apontamentos íntimos, sem o risco de falseá-los.

Este caderno, onde alinho episódios, impressões, sentimentos e vagas idéias, tornou-se, a meus olhos, a própria vida, tanto se acha embebido de tudo o que de mim provém e constitui a parte mais íntima de minha substância.

Não é senão por isso que fugiria a publicá-lo, perguntando-me, a mim próprio, se acaso oferece espetáculo de interesse para quem quer que seja. Não excluo a hipótese de que alguma âmesoeur (e deve havê-la, neste vasto mundo) possa comprazer-se e contemplar-se na leitura dele, mas não se imprime um livro para uma ou duas almas irmãs, e temo que não as encontre em maior número.

Publique-o ou não, terei de dar-me como sou. Tais desnivelamentos é que compõem minha vida e lhe sustentam o equilíbrio. A um Belmiro patético, que se expande, enorme, na atmosfera caraibana—contemplando a devastação de suas

paisagens—sempre sucede um Belmiro sofisticado, que compensa o primeiro e o retifica, ajustando-o aos quadros cotidianos. Chegado à sua toca da Rua Erê, o Belmiro egresso de Caraíbas se apalpa, se reajusta e assobia a fantasia do Hino Nacional de Gottschalk.

§ 35. FRANCISQUINHA PIORA.

COM grande pesar, fui forçado hoje, pela manhã, a levar Francisquinha para o Instituto de Alienados. É medida extrema, que não tenho empregado muitas vezes no curso destes doze anos, desde que as velhas se acham comigo. Passa, ali, uma temporada, alimenta-se melhor, torna-se mais calma e volta para casa.

No correr desta semana (que ficou em branco no caderno de notas) suas crises se tornaram fortes e freqüentes. Emília quis recorrer de novo ao espiritismo, mas consegui convencê-la de que o caso pertencia à medicina; estava, aliás, um pouco desencantada, com o malogro da tentativa feita na sessão de quinze dias atrás, e certamente por isso não ofereceu resistência.

A pobre mana se recusava sistematicamente a ingerir alimentos, agitava-se muito, a ponto de querer agredir-nos, e gritava dia e noite. Emília, que sempre relutou, quando de outras vezes tive de valer-me do Instituto, reconheceu logo a necessidade da medida. Está ficando mais velha, mais achacada da gota ciática e já não suporta os esforços violentos a que a irmã a obriga.

O médico que ali a recebeu prometeu melhorá-la com a aplicação de duchas e injeções.

A casa me parece mutilada com a sua ausência. Um grande silêncio—a que estou desabituated, durante o dia e às primeiras horas da noite—modifica o aspecto das coisas e me oprime. Emília também se ressentida da falta da Chica. Sempre a tratou como a uma criança de colo e suas diabruras deveriam divertir-la. Já lhes contei que nada ou pouco fala à irmã, como a mim, mas sei quanta ternura se esconde por trás da cara fechada dessa velha Borba. Já não há quem dê mingaus a ratinhos, mexa com as galinhas, tomando-lhes os pintos, suje a roupa com seu sistema de lavagem e faça, enfim, qualquer coisa, ainda que pelo avesso, para movimentar nossa solidão.

Tais preocupações impediram-me de registrar alguns acontecimentos da semana. Destacarei o mais importante, que foi a volta do Pietro. O velho Giovanni, transfigurado, correu, há cinco dias, pela Rua Erê, desceu pela do Piaú, subiu a dos Pampas e andou pela Rua Diábase, de ponta a ponta, para anunciá-la a amigos e conhecidos. Durante as duas semanas de separação e principalmente nos seis primeiros dias, quando era, ainda, ignorado o paradeiro do menino, o velho ficou quase louco. Vivía a chorar, a bater no peito, a lamentar-se no seu dialeto (pude notar que, se está abalado em sua sensibilidade, se exprime na língua natal, esquecendo-se da nossa, que fala mal, mas sempre fala para ser entendido).

Foi a custo que, recebida a carta do compadre de Diamantina, consentiu em ficar mais alguns dias sem ver o bambino. Na carta, o compadre pediu prazo para vir. A mulher estava adoentada e ele não poderia ausentar-se imediatamente.

Contou-me o Prudêncio Gouveia que o regresso do menino foi patético. Abraçaram-se demoradamente, chorando e trocando abundantes interjeições. Marianina foi para a cama, de emoção.

Estou deixando que o velho volte à vida habitual e o menino se adapte à situação (está muito desapontado, de acordo com a informação do Prudêncio), para depois lhes fazer minha visita.

Por último, registrarei aqui dois encontros com Jandira e um com Silviano, na rua. Informados de que eu me achava preocupado com a situação doméstica, limitaram-se a pedir notícias da mana e a oferecer os préstimos.

§ 36. DE NOVO, CARMÉLIA.

AFINAL, são inúteis essas tentativas de análise e de interpretação de nós mesmos. Há, em nós, abismos insondáveis, que jamais exploraremos, onde se recolhem, pelo tempo que lhes apraz, as combinações múltiplas, várias, tantas vezes contraditórias, que compõem as formas sucessivas do nosso espírito. Explicar-me-ei, dizendo que hoje dormimos arlequim, amanhã acordaremos pierrô. As vestes ficam guardadas num armário de nossas profundezas onde se amontoam indumentos de infinita variedade. Alguém no-las troca

sorrateiramente, durante o sono, de acordo com um critério que nos escapa. E esse alguém às vezes se diverte, pondo-nos de casaca e em cuecas, ou pregando-nos um rabo de papel no jaquetão. O fato é que se frustra todo o esforço que despendemos para nos impor certa disciplina, certa unidade, certa coerência. À sorrelfa, algum diabo malicioso inutiliza o nosso trabalho, e amanhã seremos o que não queremos, e hoje somos o que ontem fôramos e não quiséramos ser mais.

Faço esta divagação para me justificar. Estou com vergonha de confessar o que se passa comigo. Há cerca de vinte dias, cedendo a um impulso de revolta (?), tiro do altar o meu mito, faço com que, à luz do dia, se desvançam os espectros que, dentro de mim, compuseram uma Carmélia imaginária. Uma semana depois, julgo-me curado da fantasia, pilherio comigo mesmo, chego a relatar ao Glicério toda a história, supondo-a uma burlesca história do passado. Não são decorridos quinze dias, e... a mão esquerda terá de limpar o que a direita escreveu.

Como já disse, a gente não sabe como essas coisas acontecem. Só posso dizer que experimentei hoje uma recidiva violenta, amanheci angustiado depois de ter passado uma noite fértil em sonhos.

Carmélia me apareceu neles, participando de cada um, ora minha, ora de outros, ora viva, ora morta. Um desses sonhos (não sei se foi um, ou muitos) me impressionou amargamente. Descobri que Glicério a amava, também. Começou a interessar-se por ela desde que o pus a par dos meus amores e, em vez de me aproximar dela, passou a afastar-me, com mil pretextos. Em certo momento, disse-me duras franquezas, chamando-me à realidade, mostrando que, em minhas condições de vida, jamais poderia pretender a moça.

Depois, quem surgiu em cena foi o falecido Dr. Aurélio. Eu fazia uma serenata (como nos velhos tempos) sob a janela da namorada, e ele apareceu à porta, de pijama, para me aconselhar que não ficasse a cantar, na noite úmida; poderia apanhar uma pneumonia...

Acordei, com pesar, quando o sonho se tornava rasgadamente fantasioso: vestida com uma túnica diáfana, Carmélia bailava à sombra de árvores que refulgiam ao sol. Parecia, antes, um gracioso espírito do ar. Quando me estendia as mãos, como a atrair-me, acordei.

Fiquei aflito por que chegasse a hora do trabalho, na Seção, a **fim** de encontrar Glicério. Em vez de tomar o bonde das onze, tomei o das dez e pus-me um tempo enorme, na Praça, a esperá-lo.

Por que não tive coragem de me abrir e de rogar que me levasse à casa dela? Conversamos o dia todo, falamos de tudo, menos de Carmélia. E à tarde despedi-me dele, com rancor, como se a culpa fosse sua.

Encontro uma sorte de libertação em escrever estas páginas, e as aflições do dia se dissipam. Mas a lucidez, que me vem, não serve senão para me mostrar que continuo personagem de uma novela de amor. É bem possível que amanhã tudo seja diferente; sei, porém, sei, agora, que as coisas voltam e não vale a pena fazer projetos. Sei que estou amando a mulher e não o mito. Não me faltam cuidados na vida, e é ridícula essa trama sentimental em que me envolvi. Lá está Francisquinha no Instituto. Emília se acha de cama, doente. Desde dois dias, fiquei reduzido a níqueis, embora estejamos a sete do mês. O ordenado se foi nessas despesas imprevistas e ainda há contas por pagar. É ridículo. Amanhã terei de visitar o agiota. Não deveria preocupar-me, antes, com estas coisas?

—Não! diz-me alguém, com majestade. O que nos deve preocupar são os problemas eternos!

A exclamação que ouvi dentro de mim foi do Silviano. Às vezes estou a pensar e ouço um interlocutor. Olho em torno, não há nada. A voz veio de dentro. Entretanto, pelo timbre era idêntica à do amigo.

Problemas eternos! A razão talvez esteja com Silviano. Não vale a pena pensar nas dificuldades da vida. Dedicar-te aos eternos problemas, Belmiro!

§ 37. O "PERREXIL".

AO RECOLHER-ME, ontem à noite, pensava no Silviano. Creio que com ele sonhei, pois, ao despertar de manhãzinha, a primeira idéia que me veio foi a de procurar, entre os problemas, aqueles que poderiam merecer o qualificativo de "eternos".

Depois, vi que a bela manhã deste domingo valia um passeio e preferi fazê-lo, deixando de lado os problemas, eternos ou não. Eram seis e meia.

Os apitos das duas fábricas próximas (a da frente, que é de toalhas, e a que se acha por trás do lote vago, que é de calçados) sempre me despertam a tais

horas. E a força do hábito faz com que, aos domingos ou dias santos, embora não haja trabalho, eu acorde assustado, ouvindo qualquer apito do outro mundo.

Devo também esclarecer que sempre embromo os donos das fábricas reais e o da fábrica imaginária dos domingos: acabados os apitos, ponho-me de novo a dormir, embalado pela música das máquinas.

Já lhes disse, porém, que a manhã nasceu bela e o corpo pedia um passeio. Deliberei tomar o desjejum na cidade, imaginando que Emília demoraria a levantar-se, pois não tem passado bem as noites. Desci a Rua do Piau e, chegando à Avenida Paraopeba, percorri-a folgadoamente, em toda a extensão; o sol ainda era fraco, e a brisa agradável me ajudava as pernas.

Tomei um cafezinho na Rua da Bahia, olhei os jornais e, na Avenida, veio-me o palpite de pegar o primeiro bonde, que não fosse dos meus, para um giro qualquer. Apareceu o da Floresta, abanquei-me nele e fui até ao fim da linha.

Como se tivesse havido uma comunicação psíquica entre nós, a cara que se me deparou, ao voltar, no primeiro poste de parada, foi a do amigo Silviano. Escapou-nos, a ambos, a mesma exclamação de surpresa: "Você por aqui, a uma hora destas!"

Silviano me disse que fora à missa, na capela do Colégio Santa Maria. A explicação complicou mais ainda o caso, porque sei que não é dessas devoções. Mesmo por isso não insisti, e viemos falando acerca de outras coisas, durante o trajeto.

Foi um encontro cheio de conseqüências, pois acabamos passando todo o dia juntos. Depois de andarmos um pouco pelos cafês, chegamos até a sua casa e ali fiquei a conversar e a folhear livros, por algum tempo. A um convite insistente de Joana, aceitei o almoço, tendo tido o cuidado de, pelo telefone, mandar um aviso prévio a Emília, por intermédio do Prudêncio Gouveia, em cuja casa há um desses aparelhos, o único da rua.

Terminado o almoço, logo que estivemos a sós no escritório, Silviano segredou-me que possuía convites para o Country Clube e desejava levar-me em sua companhia. Objetei-lhe que não éramos homens para lugares mundanos assim, mas retrucou que poderíamos ficar tomando alguma coisa, a um canto, sem que fôssemos incomodados e que seria divertido observar os "filistinos". Tentei esquivar-me, ainda; fechou, porém, a questão, e cedi.

—O problema agora, disse-me, é arranjar as coisas com a Joana. Você se despedirá e irá incontinenti ao café da Rua Pernambuco, de onde, me telefonará,

dando-se como secretário da Universidade. Dirá, a quem atender ao chamado, que o Reitor quer ver-me com urgência para conversar comigo sobre os programas do curso de literatura. Vão dar-me a cadeira. Ande, aparente calma, mas, em chegando à esquina, chispe.

Fiz tudo conforme prescreveu o Silviano e, pouco depois, tinha-o a meu lado, com uma cara muito satisfeita.

—Ótimo, ótimo. Desta vez, Joana não desconfiou. Ficou até a apressar-me. Está aflita por que eu obtenha a cadeira. São mais quinhentos mil-réis. Oh! oh! oh! Com mulheres, meu velho, uma desculpa dessas é tiro e queda. Toca a andar. Vamos procurar o Estrabão.

Estrabão é o chofer do Silviano para excursões de caráter reservado. Seu nome é Sebastião, mas o Silviano, já escrevi, tem a mania de mudar o nome das pessoas. A mim às vezes me chama Porfírio, que é nome de dois dos meus avós, e ao Florêncio, com grande irritação deste, chama Abundância.

Estrabão pisou no acelerador e nos levou, rápido, pela estrada afora. Silviano ia-me dizendo pelo caminho:

—É a técnica. Joana me traz de olho, preciso renovar sempre os meus expedientes. Ultimamente, quando planejo uma sortida, uso vários, inclusive este. Já está gasto o processo antigo. Eu ficava em casa, ora meio sorumbático, ora caceteando a família inteira, até que ela me mandasse para a rua. Aliás, é moroso e de resultado incerto.

E, rindo-se:

—Saio com um passo grave, doutorai, aparentando a maior circunspeção. Mas, quando dobro a esquina, pego "embalagem"...

Depois, me confiou um segredo:

—Não me deram os convites. Tive de obtê-los laboriosamente. Você imagina, Porfírio, o "Perrexil" está aí, disse-me, apontando para o clube, de cujo edifício nos aproximávamos. Eu não podia deixar de vir.

—"Perrexil"? perguntei. Que vem a ser isso?

—Eis aí, respondeu. Vocês querem ser literatos sem ter lido Camilo. "Perrexil" é o estimulante do pensador. Perrexil é a Musa.

Chegados ao clube, situado num recanto da montanha, abancamo-nos em

torno de um litro de uísque, pedido pelo Silviano. Um tanto inquieto, este se ausentou logo, deixando-me a sós Com a bebida. Ia procurar o Perrexil.

Quando voltou, minutos depois, tinha a fisionomia transtornada.

—Já não está aqui. Já não está aqui. Há uma conspiração universal contra mim. Idealizei tudo, previ os mínimos pormenores, mas forças contrárias tudo desfizeram. Que havemos de fazer, agora, entre estes filistinos? Vamos embora. Vamos.

Consolei-o como pude, e lembrei-lhe que estávamos sem transporte. O Estrabão só daí a uma hora viria buscar-nos. Silviano olhou com ternura o litro de Mc Callum's, passou-lhe a mão pelo gargalo e disse-me:

—Está bem. Já que os deuses não são propícios, bebamos.

§ 38. PARABOSCO FERRABOSCO LTDA.

NÃO PUDE terminar o relato da conversa com Silviano. Emília tossia muito, acordou, viu, pela fresta da porta, luz no escritório e ficou a resmungar. Fui acalmá-la e dar-lhe uma colher de xarope. Depois, sentindo-me cansado, deitei-me. Apanharei a narrativa no ponto em que a deixei ontem. Animado pelo uísque, Silviano contou-me coisas que muito me ajudarão a decifrar seu Diário, se este algum dia me cair de novo sob as vistas.

O "Perrexil" é uma jovem de nome Dolores Gigedo, filha de um espanhol rico, fabricante de tijolos. Silviano nada sabe a seu respeito senão que possui uns olhos excepcionais. —Que olhos, Porfírio...

—Porfírio, não, Belmiro, emendei.

—Você já ouviu falar em gota-serena? Não ouviu? É uma doença dos olhos, uma amaurose, proveniente de lesão na retina e alteração no nervo ótico. Os olhos dela são estranhos. Dir-se-ia que sofre de gota-serena. Dão-me a impressão de água parada, cisterna. Lembram-me um verso de Baudelaire: "**Tes yeux sont la citerne ou boivent mes ennuis...**" concluiu com um ar cismador.

—Que olhos! continuou. Impressionaram-me tanto, que andei lendo, em

Dumas, um capítulo a fio sobre a função do nervo patético, na expressão do olhar!

Contou-me, depois, que não a tem visto muitas vezes. Conheceu-a um dia, na Avenida. Foi-lhe apresentada pelo irmão, aluno dele. E abismou-se em seus olhos. Descobriu-lhe o endereço, mandou-lhe, de presente, um chapéu, novidade da estação...

—Que idéia, Silviano, um chapéu! exclamei. E deu-lhe presentes, assim sem mais nem menos?

—Sim, senhor. Que tem isso? As mulheres gostam muito de chapéus. E não sou nenhum idiota para dar logo a minha identidade!

Mandou-lhe, pois, um chapéu, mandou-lhe um perfume francês e outras coisas mais, tudo isso sem se dar a conhecer. Há poucos meses, quando morreu a mãe da moça, escreveu-lhe uma longa e sentida carta, com citações, em alemão, de Heine e Goethe.

E um belo dia... apareceu-lhe de supetão em casa, informado de que a moça se achava só. Foi grande o susto que esta experimentou. Silviano de pé, no alpendre, declarou-lhe amor, disse-lhe ser o homem que desde algum tempo lhe mandava coisas e escrevera a carta, quando a mãe morreu. Dolores lhe perguntou, atemorizada, que pretendia dela.

Respondeu que não queria nada. Ela jamais compreenderia o "fenômeno". Representava, para ele, um universal e não um particular. Amava, nela, o amor, a vida que foge, a moça em flor, a eterna graça. Depois, tentou abraçá-la (esquecendo-se, ajunto eu, de que não se pode abraçar um universal...).

Dolores reagiu e correu para dentro, deixando-o sucumbido.

—Continuo a amá-la violentamente, disse-me.

Observei-lhe que, se fora menos transcendente, talvez tivesse tido melhor acolhida. Não gostou do aparte e passou a contar-me os fracassos das tentativas anteriores. Por último, estava ali. Fracassara mais uma vez.

Ao sétimo uísque deu para me contar estranhas coisas em que não sei se devo acreditar. Disse que constantemente sonha acordado, ao andar pelas ruas. Chega a urdir histórias inteiras, do gênero folhetinesco, tudo como se fosse realidade. Cada dia, retoma a história no ponto em que a deixou na véspera, para prolongá-la sempre, numa contínua produção de fantasias. Atualmente vive o caso de "Parabosco Ferrabosco Ltda.

Eis como nasceu esta novela cerebrina:

La passando, há dias, pela Rua Caetés, quando viu duas lindas jovens. Estavam enlutadas pela morte do pai, que se suicidara. Condoído da sorte delas (ficaram em extrema pobreza), pôs-se a dar tratos à bola, procurando um meio de auxiliá-las. Vou recomendá-las ao Ferrabosco! pensou, subitamente. Mas, quem é Ferrabosco? Imaginou, então, um italiano chamado Ferrabosco, que se associara a outro de nome Parabosco, criando a firma Parabosco Ferrabosco Ltda.

Homens arrojados, de grande iniciativa, Parabosco Ferrabosco fizeram, nada mais, nada menos, que converter a Pedreira Prado Lopes num luzido centro de diversões. No alto da colina, um cassino de luxo, freqüentado pelo grande mundo. Para chegar ao edifício, de linhas moderníssimas, os freqüentadores subiam de auto, por uma "sinuosa", ladeando docemente a encosta.

Não conseguindo detalhar o interior do edifício que imaginara, correu aflito a casa de um arquiteto conhecido, a fim de consultar revistas de arquitetura. Achou, finalmente, o que convinha a seus amigos Parabosco Ferrabosco Ltda.

Voltando às moças, colocou-as facilmente nos escritórios do Cassino, assegurando-lhes a proteção da importante firma. Resolveu, assim, o problema delas. Mas a história de Parabosco Ferrabosco ainda não terminou. Vários episódios se sucederam, as meninas figurando sempre. O Ferrabosco se apaixonou pela mais velha e com ela fugiu para a Itália. Depois voltou, recompôs-se com a família e a moça ficou por lá, nos cabarés de luxo. Presentemente estão eles em entendimento com o proprietário de um edifício à Praça Sete. Comprá-lo-ão para o derrubar e construir, no local, um prédio de numerosos andares...

Com o olhar atento, Silviano acompanhou, durante o relato, as expressões ora de surpresa, ora de incredulidade, ou de pena, com que minha fisionomia me denunciou os pensamentos.

—Não se impressione. Não me estou avizinando da loucura. Já estudei o

fenômeno. É uma forma de imaginação difluente. Forma frustrânea. Espírito romanesco. O caso não tem gravidade... terminou, quando nos levantávamos para sair. Estrabão havia chegado e tocava insistentemente a buzina do carro.

§ 39. NO INSTITUTO.

QUANDO me assentei no banco do bonde que deveria levar-me ao Instituto de Alienados, alguém me tocou no ombro, amistosamente. Virei-me: era o Florêncio.

—Que vai fazer em Santa Ifigênia? Nunca lhe vejo por aqueles lados... perguntou-me.

Nosso amigo claudica sempre nas regências verbais e Silviano não estava conosco para lhe chamar a atenção. Muitas vezes brigam por causa da língua: "Que é que você tem com isso?" retruca Florêncio, furioso. "Deixa eu falar como eu quiser. Não é da sua conta." "Mas isso me fere os ouvidos afeitos ao bom vernáculo", reclama o outro.

—Vou ver Francisquinha, respondi. Piorou muito e tive de levá-la para o Instituto.

Florêncio, que ouviu a notícia com ar compungido, quis acompanhar-me, e fomos juntos.

Lá chegados, esperou-me no saguão do edifício para não perturbar a visita.

Achei a doente bem melhor, e regressei alegre à casa. Alimenta-se, dorme tranqüilamente, segundo me informou a enfermeira, e já não tem acessos violentos.

Achava-se sentada na cama, quando entrei no quarto. Não se levantou, mas pôs-se a rir, o que é bom sinal, dizendo que a guerra iria acabar e poderíamos voltar para a Rua Erê (aludia, suponho, a coisas passadas há cinco anos, na revolução de Trinta). Notei-lhe paz na fisionomia. Os cabelos, meio grisalhos, estavam arranjados em trança, coisa que desde muito tempo Emília não conseguia fazer. Vendo o pacote de biscoitos, que lhe levei, alegrou-se como

uma criança; depois, ficou séria, perguntando se não era feitiço. Afirmei-lhe que não, e comi um para dissipar as dúvidas.

Quis trazê-la comigo, mas o médico de plantão objetou que o tratamento não estava findo e que não deveríamos interrompê-lo.

Na volta, Florêncio procurou reter-me na Avenida. Aflito por dar boas notícias a Emília, não aceitei o convite. A velha abriu-se em sorriso (coisa tão rara!) quando lhe contei a conversa com Francisquinha.

— **Q ue dizê qui está mêlhó! Q ue dizê qui está mêlhó!** exclamou, satisfeita.

§ 40. CHOQUES.

ESTIVE hoje em casa de Jandira e lá encontrei Redelvim. Percebi que ficaram desapontados com a minha presença e que esta foi interromper uma conversa ainda não acabada.

Com certeza, maquinavam revoluções, porque, pouco depois, com irritação mal disfarçada, Redelvim me disse: —Então, continua nessa vidinha sórdida de pequeno burguês? Minha resposta foi perguntar-lhe se tinha cem mil-réis para me emprestar (realmente, estava precisando). Jandira sorriu, e Redelvim, que continuava azedo, respondeu: —Não prova nada a sua exibição de quebradeira. Você pertence à pior espécie de burgueses: os que o são por sentimento, e não por instinto de defesa da propriedade.

Fiquei calado, sem dar resposta. Redelvim se obstina em não me compreender. De que servem as discussões? Sei que, apesar de tudo, é meu amigo e pensará de outra forma, agora ou mais tarde. Por que hão de classificar os homens em categorias ou segundo doutrinas? O grande erro é lhes oferecerem apenas caminhos radicais. Socialismo, individualismo, isso, aquilo.

As idéias da gente podem não comportar-se dentro dessas divisões arbitrárias. Não é possível ser-se tudo, ao mesmo tempo? E, se sentimos que a verdade e a contradição foram semeadas em todos os campos, como poderemos definir-nos? Tudo o mais é violência ao espírito. Dizem que tal perplexidade ou ceticismo conduzem à inação. A prova do contrário está em mim. Atuo, no meu

setor, como se acreditasse nas coisas. As necessidades vitais fazem o indivíduo agir e não permitem que ele se tome um contemplativo puro.

O que é injusto é quererem extorquir de nós uma definição, quando a procuramos, em vão, sem a encontrarmos. Redelvim me olha com desprezo neste momento, mas talvez me compreenda amanhã. Às pessoas de sensibilidade não é fácil resistir aos atrativos do romantismo político da época. O mais cômodo é entregarmo-nos a ele, acompanharmos a maré. Mas teremos procedido honestamente, com relação ao espírito?

Meu silêncio, em vez de pôr termo à conversa, exasperou o meu contendor, que não me deu tréguas. Estava em um dia de excitação, nesses dias de raiva descomunal, que lhe vêm. Então, fica sempre contra. Contra qualquer coisa, contra tudo. Se eu adotasse seu ponto de vista, estou certo de que, dentro em pouco, ele me contrariaria pela mesma forma.

—Afinal, que é que você é, na ordem das coisas? perguntou-me.

—Talvez um "individual-socialista", respondi, para lhe satisfazer. Você, tão lógico, tão seguro de suas idéias, não vai achar sentido nisso; o certo é que não encontro vocábulo que me defina. Talvez esses dois juntos me tirem do embaraço. Se vier a revolução, não é preciso, porém, que me deportem ou me fuzilem. Sou um sujeito inofensivo, para todos os regimes...

Minha resposta o enojou tanto, que dessa vez foi ele quem se calou, provavelmente para não me dizer coisas duras. Aproveitei o ensejo e despedi-me, alegando que ali estava apenas de passagem a fazer hora para o dentista. Jandira tentou reter-me, mas apeguei-me a uma dor de dentes imaginária e saí.

Não o deixo de estimar por isso. Os companheiros são raros, precisamos conservá-los a todo custo. E quando não possamos ser amigos cem por cento, sejamos cinquenta ou vinte. Quando encontro, em alguém, cinco por cento de afinidade, contento-me com essa escassa percentagem.

Para preservar nossa amizade, tenho procurado pouco o Redelvim ultimamente. E tenho-o conversado menos ainda, principalmente em presença de outras pessoas. Criva-me de ironias, aborrece-me. Não lhes falei que ando sempre desconfiado. Muitas vezes, ao chegar a casa, fico a dar balanço às palavras trocadas com os amigos, com tanto maior desgosto de mim próprio, se notei que alguém, na roda, acolheu, com sorriso irônico, alguma observação minha. E sou sempre gauche. Quando converso, as melhores idéias ficam cá dentro, sem encontrar expressão, e freqüentemente digo coisas que não deveriam ser ditas e que, de ordinário, não foram meditadas.

Como explicar certos despropósitos que, mal proferimos, nós próprios imediatamente reprovamos, mordendo os lábios de despeito, porque ninguém saberá que a nossa censura funcionou, logo depois, dando-nos a conhecer a inépcia daquela idéia? Por orgulho, não voltamos atrás e preferimos sustentar a infeliz opinião. Cada vez nos perturbamos mais, e acabamos dizendo dez tolices, em vez de uma. Fico a conjecturar que se trata de uma vingança das idéias tolas. É provável que, repelidas mais de uma vez, quando nos achamos vigilantes, elas fiquem andando a esmo, pela cabeça, a conspirar contra nós. Um ligeiro cansaço nosso, eis que a asneira sai. Será uma vingança das parvoíces, ou a necessidade irreprimível de nos vermos livres delas? O certo é que nos escapam, escolhendo maliciosamente a pior oportunidade.

De que valem esses choques entre amigos? Cada qual continua onde estava, aferrado às suas idéias. Tanto mais aferrado, se as contraditamos.

No que me toca, julgo ter chegado a uma altura em que a gente já sabe aquilo que é, e para que é. Não no domínio metafísico, mas no da vida corrente. **"Fay ton fait, et te cognoy"**, aconselha o velho Montaigne, repetindo Platão. **"Q ui auroit à raire son fait, verroit que sa première leçon, c'est cognoistre ce qu'il est, et ce qui luy est propre: et qui se cognoist ne prend plus l'étranger fait pour le sien..."**

Sou apenas um poeta lírico, em prosa, e só desejo que me deixem sossegado. Façam os outros o que lhes convém, ou o para que estejam destinados. Farei o que me é próprio, isto é...

§ 41. MATINADA.

JH^ADRUGADA DE 12 DE OUTUBRO.-Compus um hino ao Dia, imitando o alto estilo de Zaratustra, mas tive o bom senso de rasgar a folha de papel em fragmentos miúdos e atirá-los à cesta. A posteridade ficará, pois, privada desse documento.

Na verdade, foi uma linda aventura. Recolhendo-me ontem muito cedo, contra os meus hábitos, acordei às quatro da manhã, e perdi o sono. Durante uma hora, tentei conciliá-lo e permaneci nos domínios proustianos da insônia, onde os pensamentos não têm contornos nítidos e a consciência se confunde. Depois, como os bondes começassem a descer a Rua Erê, os gaios iniciassem seu concerto e, finalmente, a fábrica desse indícios de vida, verifiquei a inutilidade de minhas tentativas e levantei-me resoluta. Bela antemanhã!

Subindo a Rua Erê, tomei à esquerda a Rua Diábase, que, mais para o alto, recebe o nome de Esmeralda. Segui-a até ao fim e, pela estrada que a continua, cheguei ao Morro dos Pintos. Do alto da colina, contemplei Belo Horizonte, que apenas despertava. As cores, já vivas, do céu e a luminosa beleza da cidade feriram-me os olhos. Os edifícios suntuosos, os grandes jardins públicos, as retas avenidas situam Belo Horizonte fora dos quadros habituais de Minas. Dentro das casas mora, porém, o mesmo e venerável espírito de Sabarabuçu, Tejuco, Ouro Preto e de tantas outras vetustas cidades. Penso no homem mineiro que se levanta, lê seu Minas Gerais, cuida dos passarinhos e se prepara, tranqüilo, para as labutas do dia. A mulher cirze apressadamente um par de meias para ele e lhe pede que não se esqueça de deixar dinheiro para algumas compras. Sai, porém, sorrateiro. Façam-se as compras amanhã, não se corre para gastar. Os meninos estão vestidos, há mantimentos na despensa. Que mais é preciso?

Meus olhos deixam, porém, a cidade e se perdem no horizonte. A latitude deste, o ar fino da manhã e a intensidade da luz extasiam o amanuense—ave noturna que a madrugada surpreendeu.

Como os fantasmas todos se dissipam! Volto a casa e abro as janelas do escritório. As sombras fugiram. Os livros, em desalinho, que à noite me parecem, não coisas inertes, mas seres encantados, mundos vivos, a se desdobrarem e ampliarem para que personagens e paisagens se movam, cá estão reduzidos à imobilidade. Nem pressentimentos, nem angústias. A aurora, como nos livros clássicos, entrou em carro triunfal e expulsou as sombras.

A manhã me atrai. Saio de novo. Alguém abre uma porta. É Giovanni.

—Bom dia, Giovanni!

O velho fica boquiaberto. Há anos que não me vê a estas horas. Muito bem-humorado com o encontro (bom amigo, o Giovanni), corre à procura de Marianina. Que faça um café bem gostoso para "sior Bermir".

Ouçõ outra voz familiar:

—Wonderful! Wonderful!

É o Prudêncio Gouveia, a passear pelo quarteirão e que, ao ver-me, manifesta o mesmo espanto que Giovanni. É o bom Prudêncio, com o seu How do you do. Também ficou estupefato com a minha matinada. Barrigudinho, baixinho, com uma cadeia de ouro traspassada numa casa do colete. Barriga honrada de chefe de Seção. Good morning, amigo Prudêncio!

Tomamos, juntos, o café, com alegria geral. Geral e particular, quanto ao Giovanni, que acaba de realizar antiga aspiração: o filho consentiu ontem em ir para o colégio. Ficaré semi-internado. O velho conquistou, de novo, o menino, e não pode esconder sua satisfação. Refere-nos todos os episódios, até insignificantes fatos domésticos, ocorridos após a volta do rapaz.

—Mais um pouquinho, sior Prudêncio...

—If you please... respondeu, estendendo a xícara.

Giovanni me interroga com os olhos, sempre que Prudêncio sai com o seu inglês. Quando está a sós com o velho, ele não tem dessas coisas. Mas minha presença o anima a mostrar as habilidades.

—Ele quer mais café... esclareço.

Fuma-se um cigarro. Comenta-se a batida dada na véspera, pela polícia, na macumba da Barroca. Prudêncio relata pormenores. Depois, Giovanni, satisfeito, conta que o Prefeito novo vai melhorar o bairro do Prado.

Volto para casa. Emília, já de pé, arrasta-se, meio reumática, pela cozinha. Faz cara de grande surpresa ao topar comigo. Mas, de acordo com o hábito, não diz nada. Resmunga lá suas coisas que não entendo. Tenho certeza de que gosta de mim. Conheço o estilo Borba e não me engano.

§ 42. UM HOMEM SEM ABISMOS.

ENCONTREI Florêncio, ao sair da Secretaria, e passamos a tarde juntos. Onde está Florêncio, está o chope, e não preciso dizer que tomamos um pifão. Apontamento para uso pessoal: bebi mais que de ordinário e não perdi o prumo.

Não é que tenha procurado embriagar-me. Só quando morava na república isso me aconteceu algumas vezes, em companhia de alegres boêmios. É que Florêncio, achando-me disposto, foi, sorrateiramente, renovando os copos. Entretanto, fiquei em boa forma e isso me fez pensar que a embriaguez depende, não da quantidade de álcool ingerida, mas do estado de espírito, no momento.

Florêncio divertiu-me bastante com suas anedotas. Está sempre provido das melhores e mais recentes. Excelente e repousante camarada. Não tem problemas: é o homem sem abismos—o homem linear—na expressão do Silviano. Às vezes penso que, dos poucos amigos descobertos no decurso destes magros trinta e oito anos, só ele me restará, afinal. Redelvim, o fiel companheiro, deixa-me pelas idéias. Silviano é uma criatura complicada, com quem a gente não pode contar sempre. Se às vezes nos compreende, outras vezes se mostra impermeável; vive nos seus "altiplanos". Glicério não passa de uma criança. Pertence a outra geração, e as gerações não se entendem; as preocupações são outras, e outra é a compreensão das coisas.

Jandira, por mais que seja masculina a nossa amizade, não é senão mulher, e a mulher é vária, conforme ensina a ópera. Além disso, pode ser que se case, e era uma vez a amiga. Quando se casam, só querem saber do marido e seu tempo é pouco para imaginar meios de prendê-lo. No que, aliás, fazem muito bem.

Talvez só me fique o Florêncio. E a bebida pode levá-lo cedo.

Se eu me casasse... Ora, aí vem tolice. Quem quer saber de mim e das manas? A possível esposa morreu em 1925, e está num cemiteriozinho branco, no Largo do Cruzeiro, em Vila Caraíbas. Por que te deixei, Camila? Na verdade, eu te amava. O que amo nessa Carmélia, que não atinjo, é, talvez, apenas a tua imagem.

§ 43. O VELHO BORBA. O SISTEMA BORBA.

VEJAM como terminei ontem o último capítulo... Se não me detenho a tempo, cairia em pranto, como o herói de Lamartine. Essas coisas sempre acontecem às duas da madrugada, quando um Belmiro lírico, de coração enorme, me faz sua visita. É a hora de Camila.

Meditando na possibilidade de que, para o futuro, meu isolamento se agrave, desandei a suspirar. Como Amiel, busco a solidão, mas, simultaneamente, lhe voto horror. Dia virá, porém, em que ela se dará sem ser buscada. Quanto aos amigos, já escrevi atrás o que pressinto. Quanto aos demais seres que me cercam, e que são as velhas e esse mal-humorado Tome, bem vejo que os não terei por muito tempo. Francisquinha vai de mal a pior e Emília está ficando com o coração fraco. O papagaio perdeu a plumagem e parece caducar.

Já escrevi que não casarei, pois Camila se foi. E seria ridículo pensar em Arabela, isto é, em Carmélia. Ainda que viesse pedir a mão do Dom Donzel da Rua Erê. O sistema Borba não comporta nem prevê senhoras de tão fina estirpe. Sei que, apesar da degenerescência deste fim de raça, os Borbas gritam dentro de mim. Aqueles sagrados furores não me são estranhos, nem aquela intolerância com etiquetas.

Ouvi que, na casa da viúva Miranda, se toma chá às cinco. Bastaria isso para exasperar o velho Borba. Onde já se viu tal disparate? Às cinco, era a janta na fazenda. De uma vez que veio à Capital, um deputado, que lhe queria votos, levou-o a almoçar e foi um desastre. A primeira coisa que lhe aconteceu foi escorregar no pavimento encerado. A uma delicada palavra que lhe dirigiu o político, para tirá-lo do embaraço, o velho retrucou, violento:

—Também, vocês mandam ensebar o assoalho... Era de prever isso!...

Não se pôde conter quando o serviram à francesa:

—Olhe, seu doutor, na minha casa, botam-se as travessas todas na mesa, à lusitana. Devíamos deixar de estrangeirices. Não compliquemos a vida. Por isso é que vocês envelhecem tão depressa.

Era assim o Borba. Ríspido, rude, viril.

Sua formação intelectual alicerçava-se em bom fundo humanístico. Frequentou a escola de latinidade que, ao tempo do Império, havia em Vila Caraibas. Era sólido no vernáculo e seguro em matemáticas e história. Gostava dos seus clássicos, repetia passagens inteiras dos Lusíadas. Lia coisas incríveis para aquele lugar e aquele tempo. Lembro-me de um dia em que me mandou levar um livro ao provisionado Loiola. Escrito a lápis, ia dentro um bilhete: "Veja, Loiola, o mesmo ciclo biogenético!" Tratava-se de Haeckel. Não compreendi, então, o sentido daquelas palavras e talvez por isso o bilhete me impressionasse tanto, a ponto de ficar até hoje gravado em minha memória.

Mas, em matéria de modos, manteve-se-lhe intata a campesina rudeza de

Borba, apesar da influência que nele exerceu a velha, que vinha dos Maias, gente da Vila. Os Maias eram finos e a avó Maia, mulher delicada e inteligente. Fora de Ouro Preto para a Vila, quando casou com meu avô materno, deputado geral. Tinha finuras genuínas; não mesuras e lisonjas de salão.

Desse consórcio de Maias com Borbas foi que surgiu o amanuense, sem a virilidade destes e sem a polidez daqueles.

A aspereza dos Borbas, que é antes couraça, para defender um coração mole tem, na Emília, sua expressão integral. Ao ouvi-la resmungar, franzir os sobrolhos, penso, com uma ternura que me umedece os olhos, nesse velho que foi o último da raça. Toda sua força, sua dureza de metal nobre, transferiu-se à mana. Para mim não restaram senão vagos reflexos e, ainda assim, bem no fundo, bem no fundo.

A autoridade que emana de Emília e das sombras familiares que povoam esta casa basta, porém, para sustentar nela, em plena vigência, aquilo a que tenho chamado sistema Borba. E o leitor já não se rirá de mim, agora, quando repito as palavras escritas atrás: Mesmo que, algum dia, Carmélia a mim viesse, as bodas seriam impossíveis. O sistema Carmélia e o sistema Borba se repelem. Entre Emília e a viúva Miranda há distâncias interplanetárias.

E, ai de mim, estou que o casamento não baniria os mitos. Mito tocado é mito morto, e a imaginação busca outros, sentindo-se ludibriada. Fique Arabela no seu nicho.

§ 44. REDELVIM TEM, TAMBÉM, UM DIÁRIO.

HÁ QUATRO dias não ponho os olhos neste caderno. Andei em maré de ler, e não de escrever. E Silviano tem-me suprido do bom e do melhor, no que toca a livros. Ele os compra aos metros cúbicos, e muito lhe devo nesse capítulo, desde os tempos de república, quando o conheci e já era professor.

Interromperei, esta noite, a leitura de um dos volumes que me mandou (abasteceu-me, desta vez, de gregos, e estou atacando a *Iliada*, que nunca pude ler de fio a pavio), para não me esquecer de anotar aqui uma visita a Jandira.

Ao entrar em casa, de volta da Secretaria, Emília me disse:

—A excomungada mandou um positivo trazê um escrito. Está em riba da mesa do quarto.

Como de costume, falou-me sem se virar para mim. Achava-se de costas, a pôr a mesa, e assim continuou.

Ri-me, feliz, quando ouvi a palavra "positivo", na acepção que lhe deu e em que há mais de vinte anos não a ouço. Em Vila Caraibas, "positivo" quer dizer mensageiro expresso e especial. O Borba não empregava tal vocábulo. Usava de outro, que os léxicos admitem com esse sentido: "próprio". Lembro-me de que, certa vez, corrigiu um dos nossos empregados. Ao dizer-lhe o vaqueiro: "**Seu Jucá do Riachão mandou um positivo aqui para dizê ao sinhô seu Coroné qui ele já fez o acêro**", o velho emendou:—Um próprio; um próprio: "positivo" é outra coisa.

—Propre, seu Coroné?

—Sim, sim, respondeu, impaciente.

Também me diverti ouvi-la estender a excomunhão a Jandira. Já lhes disse que isso não significa desestima e provavelmente esconde ternura, mas ainda assim continua chistoso.

Eis o escrito, segundo a expressão caraibana da Emília:

"Honrado amanuense:

preciso falar-lhe. Venha ver-me hoje à noite, se puder.—Jand."

Mal jantei, saí. Sentia-me em falta com ela. Havia oito ou dez dias que não a procurava.

Chegado ao pequeno apartamento, fui recebido por D. Hortênsia, que ficou comigo alguns minutos, enquanto a amiga arranjava o penteado. Ou melhor, ficou consigo a um canto. Está acostumada a permanecer horas e horas sem dizer palavra, quando assiste às nossas reuniões, nos dias em que Jandira nos convoca. Mas hoje, forçada a fazer as honras da casa, sentia-se visivelmente constrangida, a todo momento se mexia na cadeira, como quem não acha o que dizer e se aflige por isso.

Felizmente Jandira não se demorou, e sua chegada tirou a pobre senhora

do apuro. Num movimento vivo, em contraste com o seu modo discreto e ausente, D. Hortênsia fugiu da sala, assim viu a sobrinha. Por certo, teve medo de que ela volvesse a dar mais uns toques no cabelo, o que faz frequentemente, e a deixasse de novo comigo, na embaraçosa situação.

Foi tão ágil e rápida a saída, que Jandira achou graça:

—A velha está lépida, hoje...

Depois, disse-me, andando para lá, para cá, segundo seu costume:

—Não há nada de novo, seu Belmiro. Escrevi o bilhete pensando que você estivesse zangado comigo. Sumiu tantos dias...

—Zangado por quê, minha flor?

—Porque eu não o socorri, quando Redelvim começou a azucriná-lo.

—Ora, Redelvim é um menor exaltado, respondi.

Ela riu-se. Depois falou-me que, se não interveio, foi para não agravar a situação; Redelvim estava irritadíssimo e precisava desabafar-se. Como eu já estava acostumado a servir de pára-raios, ela preferira ficar de lado... A polícia dera-lhe busca na casa, levava-o à delegacia para explicações e lhe tomara os melhores livros, bem como o seu Diário, que nada tem de extraordinário, diz ele, mas o acompanha há longos anos, é coisa de estimação.

Li páginas desse cartapácio, há tempos, pelo mesmo processo clandestino por que conheci o do Silviano. Provavelmente Jandira não o suspeita, mas o nosso amigo, noto-o bem, está irritado não é por causa dos livros, nem pelo chamamento à delegacia, nem por estar sendo seguido pela polícia secreta: é por causa do Diário...

Como todos os documentos dessa natureza, contém histórias muito íntimas, amores (inclusive o caso da pequena espanhola, que o torturou bastante) e versos de adolescência. Não permite que se lhe fale nos amores, nem nos poemas. Esse Diário nas mãos da polícia deve ser-lhe motivo de profunda inquietação.

—Ele não lhe quis dizer nada, porque acha que você é gente do Governo...

Não deixei de ficar lisonjeado. É a primeira vez, na minha carreira de funcionário, que me consideram pessoa integrada na administração, ou, mais que isso, "gente do Governo". Redelvim é um pândego.

—Acho que você lhe pode ser útil, continuou Jandira, procurando recuperar seus papéis e livros, na polícia.

Era, pois, este o objetivo de Jandira, ao chamar-me. Prometi-lhe arranjar a devolução das coisas por intermédio do Senador Furquim, via Glicério. Sempre é bom conhecer um senador.

E voltei logo para casa, porque Emília aqui está com a gota ciática de sempre, necessitando de mim.

Não terminarei esta página sem dizer que Jandira estava uma tentação, mais desejável do que nunca. Trazia uma flor artificial no peito, muito chique. Esquecia-me dizer, também, outra coisa importante: arranjou emprego num escritório comercial. O patrão é pessoa idosa e não tem filhos. Por ora, o problema Pereirinha está, portanto, afastado.

§ 45. EXTRAORDINÁRIAS DECLARAÇÕES DE GLICÉRIO.

MEU ESPÍRITO está, agora, serenado, e procurarei expor ordenadamente o que se passou.

O sonho a que me referi numa destas páginas não deixou de ser exato, no que toca a Glicério. Pelo que hoje me disse, percebi que minhas confidências o impressionaram de tal forma, que tem, agora, uma visão diferente de Carmélia e a olha por um ângulo aproximadamente idêntico àquele sob que ela me surgiu, na noite de carnaval. Sugestionável como é, foi empolgado pelo mito da Donzela ou, pelo menos, empresta, agora, a Carmélia parte dos atributos misteriosos de que a dotei. Ela se cristaliza, rapidamente, a seus olhos, se me permitem o uso da expressão stendhaliana.

Hoje, na Secretaria, falou-me da moça como se se tratasse quase de um ser quimérico. Ao ouvi-lo, oscilei, de início, entre a satisfação de autor que verifica o êxito de sua criação, e a angústia de namorado que pressente um rival.

Disse-me que Carmélia é antes um símbolo do que criatura humana, pelo que há de imaterial beleza, graça, dança, música e poesia nos seus dezoito anos.

Sem perceber as reservas com que lhe recebia as expansões e supondo

que me iludiria quanto aos seus sentimentos, continuou a falar, ajuntando que a moça lhe despertara grande interesse (puramente estético, sublinhou), depois que eu, com minha confissão, lhe chamara a atenção sobre ela.

Fora quatro ou cinco vezes à casa da viúva Miranda e estivera com Carmélia. Não me contou isso há mais tempo, esclareceu, porque acredita, de acordo, aliás, com as minhas declarações, que o caso já não me seduz. E insistiu nisso: aproximando-se da moça, procurando conhecê-la de perto, verificara tratar-se, realmente, de uma criatura fora do comum. Não se deve dar a Carmélia o apelativo "mulher", que com impropriedade se aplica indiferentemente a ela e a D. Paculdina, mulher do nosso chefe de Seção. Esta é uma porção bestial de gorduras, enquanto Carmélia é toda harmonias.

Não disfarçando o despeito que me causava a dissertação de Glicério em torno de tema originariamente meu, respondi-lhe que, sobre essa diferença de substância entre Carmélia e D. Paculdina, haveríamos de conversar depois. Deixasse vir os anos, os cuidados, o casamento e os filhos à moça. E acrescentei que, no mais, estava fazendo literatura.

Com a água fria que lhe pus no entusiasmo, calou-se. Notando-o aborrecido, recuei e pus-me a procurar um meio de reaver suas boas graças. Não o fiz por generosidade, mas para obter novas informações sobre seus encontros com a donzela. O aparecimento oportuno do Carolino, que nos veio trazer café (estávamos a uma janela do edifício), ofereceu-me ensejo para romper o silêncio e reatar a conversação. Ao servir-nos, Carolino nos pôs ao corrente de grande novidade: nosso companheiro Sepúlveda havia tirado sessenta contos na loteria. Por isso não fora hoje à repartição.

—Sujeito de sorte, o Sepúlveda! comentei eu.

—É, é... respondeu, amuado.

Fui, então, mais direto:

—Desamarre essa cara, homem! Está ficando muito melindroso. Não se pode fazer uma brincadeira.

—É claro, respondeu. Você anda irritante, ultimamente.

Achando-o mais aborrecido, insinuei que já nem me lembrava de meus ardores sentimentais pela moça. Contudo, sentia prazer em verificar que a ele, Glicério, a garota parecera excepcional. Perguntei-lhe que coisas ela dizia. Se cantava ainda, como há dois anos, quando por acaso lhe ouvi uma canção

napolitana.

Já confiante, respondeu-me que a achava simplesmente fabulosa. Fazia gosto conversar com ela. Tinha palavras ágeis, finas. Gostava muito de versos. Lia o melhor que vinha da França. E que educação perfeita, que naturalidade! Quando cismava, "tinha a expressão casta, melancólica e terna de uma virgem descuidosa, dessas que a gente vê nas telas de..." (nessa altura, ficou suspenso, sem saber que pintor mencionaria. Não sendo versado em pintores, não o pude socorrer).

—Imagino, imagino, disse-lhe, esforçando-me por fingir indiferença.

Desembaraçado, pelo aparte, de um pintor teimosamente anônimo, Glicério continuou, explicando que os momentos de cisma da moça é que lhe deram, a ele, as impressões, a meu ver, literárias ...

Receando que a evocação do incidente viesse suspender a conversação sobre Carmélia, cortei:

—Ora, já lhe disse que aquilo foi brincadeira. Ou melhor, foi despeito... Mas você não me contou se a moça ainda canta, com voz tão bonita.. .

Não, esclareceu, não estava cantando. A morte do pai lhe trouxera grande tristeza. Sem sombra de convencionalismo. Havia na casa, ainda, uma densa nuvem de melancolia.

Depois de pequeno intervalo deixou escapar, com hesitação, esta coisa fulminante:

—Esquecia-me de lhe falar: conversei com ela, ontem, a respeito de você.

—Não é possível! exclamei, sem querer. Você não faria isso...

—Dou-lhe minha palavra. Falei, sim. Se não gostar, desculpe-me. Disse-lhe que você a conhecia... Informei-a a seu respeito...

Fiquei suspenso, com o coração batendo desordenadamente.

—Contei-lhe que, na última noite de carnaval...

—Você é louco? Você falou nisso? indaguei, ainda mais aflito.

—Sossegue, homem! Contei-lhe apenas que você a achou linda e muito

"distinta". Depois de tentar lembrar-se do episódio, ela disse que se recordava. Um homem de pince-nez, magro, alto, meio maduro (Glicério sorriu com malícia neste ponto). Estava muito triste, olhando o salão como se olhasse para o mar. Ela ficou com pena e quis alegrá-lo. Notou que você a fitou, depois de lhe ter dado a mão, com um modo esquisito, como quem estivesse vendo qualquer coisa extraordinária... Quase lhe fez medo.

Eu retinha a respiração para ouvi-lo. Acrescentou pormenores:

—Disse que deram apenas alguns passos. Você teve um desfalecimento e ela pediu ao pai, que se achava atrás, que o levasse para fora, a um pequeno salão, onde havia um sofá. O pai a informou de que, provavelmente, por efeito de álcool e éter, você tinha tido um desmaio, mas era coisa sem importância. Falava em "Arabela... Arabela...". Mas pouco depois voltou a si. Isso foi quase de manhã, e você ficou deitado no sofá, recomendado a um dos garçons do clube. Ela acabou achando graça na história.

Fiquei arrasado. Aqui reproduzo, com a fidelidade que me é possível, as palavras ouvidas a Glicério.

Não notando meu mortal desgosto, ainda me perguntou:

—Acha que fiz mal em lhe falar nisso?

Respondi-lhe, como pude, que não. Não. Pela forma como se referira a mim, não houvera mal.

Disse-me, depois, que ela mostrou desejo de me conhecer e pediu-lhe que me levasse lá, um dia, caso eu não tivesse ficado encabulado com o incidente. Não respondi nada. Glicério, com sua incapacidade de perceber certas coisas, insistiu no assunto, falando-me que as pessoas que freqüentam a casa não são desinteressantes e que há lá agora um rapaz muito "distinto", primo de Carmélia, com o qual eu gostaria de conversar.

Cortei o assunto, consultando o relógio com fingida ansiedade, e disse ao Glicério que precisava sair para alcançar o horário do Banco. Tinha um título vencido e precisava reformá-lo.

—Vai sujigar a onça? perguntou-me, sorrindo, quando lhe fiz um aceno de mão, num gesto de despedida.

A incompreensão do Glicério atingiu a esse limite. Ou, sei lá, talvez se estivesse divertindo à minha custa. Fez-me, porém, tão extraordinárias

revelações que não lhe guardo rancor. Sinto-me cansado e interromperei, aqui, estas notas. Não sei bem que dizer de tudo isso.

§ 46. UM BELMIRO OCEÂNICO.

{l^Ef^M HOMEM de pince-nez, magro, alto, meio maduro...

r» (|ii Estava muito triste olhando o salão como se olhasse

/Lr/ para o mar... Efeito de álcool e éter, o desfaleci-

mento... Acabou achando graça na história... Que eu

fosse lá, se não tivesse ficado encabulado com o incidente..."

Dormi ontem pensando nessas palavras, sonhei com elas e amanheci hoje a repeti-las. Embora me deprimissem, sentia prazer em esquadrinhá-las e decompô-las, examinando-as em todos os sentidos. A referência à embriaguez e a declaração de que acabara "achando graça na história" doíam-me como pontadas no peito. Em vez de tomar o meu partido, tomei, porém, o da moça, ajudando-a a ridicularizar esse pobre idiota da noite de carnaval. Deixaram-no deitado no banco (estava embriagado, coitado) e riram-se dele. Bem feito. Era um sujeito meio maduro e dizia: "Arabela... Arabela...". O quadro foi realmente grotesco, e a moça tinha razão. Em vez de ficar no seu mundo e no seu lugar, esse parvajola, meio maduro, se fora meter na roda de filistinos. O resultado não poderia ser outro.

Quanto à rebuscada frase—"Estava muito triste, olhando o salão como se olhasse para o mar"—deu-me compensações. Era de um romantismo aguado e soava ridiculamente.

Procurando tirar desforra, considereei que uma jovem que diz frases semelhantes não pode deixar de ter, também, um álbum onde colherá pensamentos de mocinhos tolos, de seu círculo. Deve ser das tais que colecionam autógrafos, e seus autores franceses (a que Glicério aludiu de um modo geral, sem mencionar nomes) hão de ser Delly e Ardei.

Não pude, porém, ficar muito tempo nessa atitude de combate, que redundava na defesa do pobre bêbado da noite de carnaval.

Veio-me a idéia de que a frase talvez fosse pèrfidamente construída pelo Glicério. O rapaz está pondo as manguinhas de fora, e, quem sabe, fez isso para me desfrutar?

Por fim, achei que a comparação "triste como se olhasse para o mar" devia ser mesmo de Carmélia. Era um tanto literária, mas... seria rigorosamente exata. A donzela terá um temperamento romântico e talvez pense muito no mar. Nesse caso, as palavras teriam sido espontâneas, correspondendo a imagens que flutuam no seu espírito e, afinal, necessárias para definir precisamente uma impressão.

Esqueceram-me todas as mágoas, e comecei a gostar desse Belmiro que olhava para o salão como se estivesse contemplando o mar. Um Belmiro oceânico, irremediavelmente oceânico, eis o que Carmélia pressentiu em mim, denunciando-me a existência de Belmiros ainda inexplorados. Há muitos anos que não vejo o nosso irmão Atlântico, às vezes tão bravo e sombrio quando bate no Arpoador. Voltarei a conversá-lo um dia, quando isso me seja possível.

E a manhã de hoje correu assim, em sondagens. As revelações de Glicério me proporcionaram um mundo de meditações e suscitaram-me os mais descontraídos sentimentos.

Mas, foi quando eu tomava o bonde para a Secretaria que me veio, como um relâmpago, uma frase que, até então, não fora objeto de exame, tão absorto me debrucei sobre as outras: "Há lá, agora, um rapaz muito "distinto", primo de Carmélia, com quem você gostaria de conversar"... Esquisito... por que não pensei nisso há mais tempo? O fato é de importância capital.

Quem será esse primo? Como será? Que veio fazer aqui? Quais serão as consequências de sua convivência com Carmélia?

Da Rua Erê à Seção do Fomento a distância não é pequena. E, na Avenida, como sabem, faz-se baldeação, tomando-se um bonde que sobe a Rua da Bahia. Pois, durante todo o trajeto, baldeação inclusive, não vi ninguém, paguei maquinalmente ao condutor, dei maquinalmente o sinal de parada, na Praça. Como Silviano, pus-me a urdir vasto enredo, dispondo os mais insignificantes pormenores, sem dar conta de coisa alguma.

Para rematar: melancólico, mas resignado, enxerguei tudo. Um moço "distinto", simpático, vestido de jaquetão e calças listradas, trazendo ao peito uma gravata clara, realçada pelo fundo escuro da roupa, e, nela, um alfinete de pérola. Uma jovem extremamente bela, vestida de noiva, dava-lhe o braço. A cauda do vestido, muito longa, se arrastava pelo pavimento da igreja de Lourdes. Tocava-se a Marcha Nupcial de Mendelssohn. O casal caminhava ao ritmo da música, dando uma solenidade espetacular ao acontecimento. Depois, vinham as damas de honra. Depois, os garçons de honra, todos com os passos também cadenciados. Os demais assistentes trocavam impressões, em voz baixa: "Belo casamento. Como assentam, um ao outro"; "Carmélia está um sonho"; "Você notou como o noivo estava comovido, na hora do sim?"

A um canto, apoiado a uma coluna do templo, "como se olhasse para o mar", um homem magro, alto, triste e maduro contemplava o desfile...

Quando, ao chegar à porta da Secretaria, encontrei Glicério, fitei-o com pena e, ao mesmo tempo, com uma sensação de vitória: "Ora, também não será você, pensei. Lá se foi ela com o moço 'distinto'. Bem feito. Nós ficamos com o mito, e ele, com a pequena. Não será minha, mas também não será sua."

—Olá, jovem, como vai essa força? disse-lhe, ainda com ar triunfante.

—Olá, Belmiro.

Glicério há de falar-me hoje a respeito desse moço, pensei, enquanto imaginava meios de conduzir a conversa para esses lados. Não tenhamos pressa.

Se ele não tocar no assunto, puxarei sua língua. Mas tocará, tocará. Estamos em frente de um inimigo comum. Seremos solidários no combate ao filistino.

Dia morno, na Seção, como de costume. Pus em dia o protocolo de processos, esforçando-me por parecer despreocupado. Queria que Glicério tivesse a iniciativa de me procurar, e só no último caso iria à sua mesa. Deveria fazê-lo, à hora do café.

Calculei como um astrônomo. À hora do café, ele veio falar-me e se disse encantado com a "schopenhaueriana" que Silviano lhe está emprestando, por partes.

—Você se meteu em grandes funduras, disse-lhe, aparentando admiração.

—Ora, ando há muito tempo com necessidade de leituras mais sólidas. Se você quiser, trarei para você um volume do Ruysen sobre Schopenhauer. É ameno, tanto quanto o gênero comporta.

Respondi-lhe que, por ora, não. Preciso debulhar, primeiro, outros livros que Silviano também me emprestou e já está cobrando.

—Ah! a propósito... disse Glicério. Encontrei-me hoje com o Jorge...

—Que Jorge? Não sei de quem se trata. Algum do seu clube?

—Não. O Jorge de Figueiredo, primo de Carmélia.

—Então, não é "a propósito", respondi. Se não me engano, você falava de Schopenhauer.

—Bom... bom... É verdade... Mas... Quero dizer...

Tirei-o do apuro, observando-lhe que o primo de uma criatura, como Carmélia, seria sempre "a propósito". E que a mim, por exemplo, me interessaria, a propósito de qualquer coisa, pois era um grande bandido: ia casar com a moça mais interessante da cidade...

—Casar? Você está doido? Quem lhe falou nisso? perguntou, assustado. Pois o rapaz mal chegou a Belo Horizonte!

—Quer apostar? Não o conheço, mas estou vendo tudo claro. Acabei de visionar o seu casamento, na igreja de Lourdes.

—Você é fantástico! Carmélia havia de rir, se soubesse disso. Jorge

chegou apenas há uma semana, para montar aqui um serviço de radiologia. Formou-se há pouco tempo. É rapaz "distinto", sabe? Especializou-se na Alemanha. Quando o encontrei, estava comprando móveis para o gabinete.

—Vai morar com a viúva?

—Não. Não. Está lá, por insistência dela, apenas enquanto se instala convenientemente e se adapta mais ou menos ao meio. Só agora veio a Minas. Viveu sempre de São Paulo para o Rio e do Rio para a Europa. Muito viajado, o Jorge.

Mudamos, depois, de assunto. Cá dentro, porém, o tema foi o mesmo, pela tarde toda, e ainda agora me ocupa. Não há dúvida que se casarão. Posso compor meu olhar oceânico para, disfarçado

no meio do povo, assistir à cerimônia. E casar-se-ão mesmo na igreja de Lourdes. Dei para vidente. Ora bolas, que se casem e sumam.

§ 47. NENHUM DESEJO NESTE DOMINGO.

NESTES últimos cinco dias não toquei nestes assentamentos. Andei lendo, andei perambulando, quase despreocupadamente. Quando o espírito se me torna, assim, leve, procuro o Florêncio. Com ele estive duas ou três noites a bebericar. E a vida é quase boa, quando é vazia como neste domingo. "Nenhum desejo neste domingo, nenhum problema nesta vida", como diz o poeta.

Pus-me à janela, a ver a rua. Giovanni, vestindo o velho jaquetão preto e levando um chapéu-de-sol ao braço, ia à missa. Outra coisa não deveriam fazer o Prudêncio Gouveia e Beppe, o sapateiro. Enquanto eu dormia, Emilia devia ter estado na igreja, para ouvir a missa das cinco. A ciática passou, e ela anda, há uma semana, em boas condições. Com as notícias que lhe dei sobre Francisquinha, parece muito animada. Conte-lhe que o médico me disse ontem, no Instituto, haverem as duchas e os remédios produzido bom efeito. Talvez possamos trazer a mana para casa no fim desta semana. Emilia sempre acredita, ao ver terminada uma crise, que a Chica ficou boa, definitivamente. É admirável esse otimismo que a faz esquecer-se da longa série de crises e melhoras, experimentadas pela pobre irmã, sucessivamente, desde que, ainda moça, a

moléstia mental se manifestou nela.

Tomo o café, que a velha traz silenciosamente. Leio o **Minas** que deixou sobre a mesa. Lá fora, na cidade, a manhã deve estar alegre e o parque cheio de gente. Veio-me a idéia de sair um pouco, para espairecer. Depois, à tarde, talvez o futebol. Os jornais anunciam um encontro sensacional. Mas talvez seja melhor armar a rede no quintal e folhear revistas velhas.

Finalmente resolvo, entre bocejos, dar um giro. Tomo o bonde, desço na Avenida. Homens e mulheres sobem a escadaria da igreja de São José. Por que não fazer o mesmo? Devo, ou não, tirar o chapéu, em frente da igreja? O melhor é dar uma volta e não criar este problema. Uma banda militar desce marcialmente a Rua da Bahia, rumo à estação da Central. Algum político importante deve estar a chegar. Ah! é verdade, o chefe da Seção pediu-me que comparecesse ao desembarque do Ministro. Ir, ou não ir, eis a questão. Qual, o melhor é, lá no Parque, ver morenas que não nos verão. Depois, toma-se um refresco no Bar. Depois, voltaremos para casa, abriremos a rede, chamaremos o velho Giovanni para um dedo de prosa.

Domingo bom e alegre. Nenhum desejo neste domingo, nenhum problema nesta vida.

§ 48. FINADOS.

NÃO TENDO nenhum defunto familiar no Bonfim, poucas vezes ali fui, em anos anteriores, no dia de Finados. Ia por esporte, ou para acompanhar algum amigo.

Neste Finados de 1935, logo pela manhã, senti desejo de visitar o cemitério. Para dizer verdade, escreverei neste caderno que não era tanto pelos seus hóspedes: imaginei que talvez encontrasse Carmélia, ao pé do túmulo do pai. Mas, não estando muito premido pela necessidade de vê-la, fiquei o dia todo a hesitar entre ir e não ir. À tarde, quando já escasseavam os visitantes, foi que me decidi, afinal.

Ali chegado, pus-me a andar a esmo, abeirando-me de um ou outro retardatário par de namorados—para ouvir-lhes a conversa —ou examinando

alguns mausoléus e inscrições.

Passando, depois, à parte nova do cemitério, vi que se enterrava alguém. Defunto metódico esse que deliberou morrer no próprio dia de Finados, poupando, aos seus, visitas extraordinárias ao cemitério. Aproximei-me do local e fui deitar, também, minha pá de terra ao morto. O coveiro não se assemelhava em nada ao de Vila Caraibas, que enterrava as pessoas com um pesar que se adivinhava sincero, amigo que era de todos. Lembra-me que, informado da morte de um compadre, não encontrou outras palavras, senão estas, para exprimir à viúva sua grande dor: "Console-se, arranjarei uma terrinha virgem para ele..." Mas, convenhamos em que cada um exprime o seu sentimento como pode e que, para um coveiro consciencioso, nada se poderia prometer de melhor, a um defunto, do que terra virgem.

O coveiro da quadra 55, do cemitério do Bonfim, não tinha o ar amigo nem a expressão honesta do coveiro caraibano. Homem sombrio, segundo o padrão habitual, impressionou-me fortemente com o olhar frio que me deitou. Sem que nada me recomendasse, suponho eu, às preferências daquela pessoa de tão fúnebre ofício, seu olho mole, esquisito, não deixou de fitar-me um só momento, enquanto estive à beira da cova.

Por que me encararia assim, com ar agoureiro? Parecia dizer-me: "Não demorarás a vir também, seu manguarão!" Havia qualquer coisa de triunfante e de perverso naquele olho aguado. Um calafrio correu-me pela espinha, e deixei o cemitério com o espírito oprimido. Era já lusco-fusco, e um vento frio e fino soprava as casuarinas, fazendo-as gemer. As sombras se insinuavam aqui e ali. A uma hora dessas, o Bonfim é menos convidativo que de costume.

§ 49. JANDIRA SE MOSTRA PRUDENTE.

FUI HOJE à casa de Jandira comunicar-lhe que a polícia deliberou devolver a Redelvim o seu Diário. O Senador Furquim, que se incumbiu do caso a pedido de Glicério, chamou este último à sua residência para o cientificar de que haviam sido expedidas ordens para isso. O Senador prestou outras informações, que não foram boas. Consideram Redelvim bastante comprometido. Realmente, não encontraram no Diário senão poesias, memórias, apontamentos diversos, relações de dívidas, e este fora encerrado havia mais de

quatro anos. Mas na correspondência e em papéis avulsos, que a polícia conservou, acharam indícios de que fora um dos promotores da última greve de operários, terminada tragicamente. Em consideração ao Senador, o delegado mostrou-lhe, mesmo, uma cópia de carta enviada pelo nosso amigo a um estudante Lousada, ou Almada. Nesse documento Redelvim concitava o companheiro a agir, dizendo-lhe que não criasse problemas de consciência. Que não entrasse em indagações sobre se a greve surtiria, ou não, efeito. Que o homem de ação não deve ter escrúpulos. Que se a greve falhasse e os operários fossem postos no olho da rua, teria ela, mesmo assim, ou mesmo por isso, alcançado os seus objetivos, pois os homens sem trabalho, acossados pela necessidade, seriam outros tantos agitadores. Que a miséria e o sacrifício, até de uma geração, seriam compensados pela felicidade das gerações futuras.

De acordo com o que me repetiu Glicério, era, assim, a carta. Em vista de tais documentos, resolveram manter Redelvim sob vigilância constante. O investigador, que lhe devia levar o Diário, teve também a incumbência de transmitir-lhe recomendação expressa do delegado, no sentido de que não se afastasse de Belo Horizonte, nem mudasse de residência, sem notificar a polícia. "Desconfia o Senador, ajuntou, que não o soltaram senão para lhe acompanhar o desenvolvimento das atividades, pois o delegado é finório." Por último, Glicério me disse que entrou em tudo isso apenas em atenção a mim e que não se interessava pelo Redelvim. "Ele se meteu em emburlosos, que se agüente. Além disso, vive falando mal de mim e do Silviano, chamando-nos imbecis, reacionários. Qualquer dia a idiota da Jandira estará, também, Jia cana."

Glicério foi duro, mas reconheço que Redelvim o tem hostilizado bastante.

Tive de esperar um pouco. Jandira fora dar uma volta na Avenida com a amiga nova que descobriu: uma professora já meio entrada em anos que se instalou na mesma casa de cômodos.

Quando voltou, cumprimentou-me com ar alegre. Arranjou, com certeza, algum namorado nestes dez dias em que tenho estado ausente de sua casa.

Dei-lhe conhecimento das informações prestadas pelo Senador. Ficou apreensiva e manifestou o propósito de ir procurar o delegado, a fim de lhe pedir um pouco de condescendência no caso. Conhecia-o, era homem atencioso. Respondi-lhe que seria bom isso, mas talvez fosse inútil a tentativa, pois a polícia anda rigorosa, na expectativa de qualquer coisa. E que nosso amigo não fará nada, provavelmente; assim, nada lhe acontecerá.

—Mas é um absurdo, retrucou. Redelvim conversou comigo longamente.

Não tem mais ligação com o Partido. Nesse negócio da greve entrou por lirismo. É orgulhoso e não confessa, mas acredito que anda decepcionado com os antigos companheiros.

Fiquei satisfeito com suas palavras. Jandira se mostra prudente e não se tem envolvido em complicações. Não lhe exprimi esta satisfação, receoso de que se melindrasse e, por picardia, viesse, sem convicção alguma, a assumir atitude oposta. Mas estava em maré de confidências e, sem que eu insistisse no assunto, disse-me:

—Olhe, Belmiro, tenho pensado que o papel de indivíduos como nós é conter os impacientes. O mundo está errado, mas receio que, apelando para a violência, se cometam erros maiores. Confio na evolução social. Somos criaturas sem fé e pensamos demais. Temos problemas que nenhum regime resolve. Além disso, você vê como tudo anda embrulhado na Rússia...

Depois, ou porque tivesse julgado o discurso cheio de chavões e quisesse anular o efeito das frases mais ou menos convencionais, que eu ouvira, surpreso, de sua boca—ou simplesmente movida pela sua natural versatilidade, falou, andando para lá, para cá, com ar brejeiro:

—Prolongada salva de palmas. O orador é vivamente cumprimentado.

Suas mudanças súbitas, seu jeito provocante, sua mímica muito feminina me fazem lembrar a Jandira mulher, que tantas vezes desaparece a meus olhos, em nossas conversações. Aos vinte e cinco anos, tem a mesma graça leve e a mesma carne ágil dos dezenove. Poderia talvez fazer a felicidade do velho mancebo que escreve estas notas, ou do seu amigo Redelvim. Redelvim? Como me ocorreu isso? Excelente meio de dar cabo de duas personagens difíceis: casá-las. Mas isto aqui não é romance, e os caminhos da vida são mais complicados. Não sei para onde irá uma, nem outra.

Depois de tomar um café, que D. Hortênsia nos arranjou, saí, com esta preocupação, da casa de Jandira. E aqui a escrevo.

Escreverei também que não me falta simpatia humana e muito me preocupam os males do mundo. A injustiça social me dilacera a sensibilidade. Mas há, em mim, escrúpulos de espírito e de sentimento que não aceitam radicalismos revolucionários. E há, sobretudo, uma contínua suspeita de que é desconhecer a natureza do homem, pretender discipliná-lo com teorias rígidas... Enfim, pensamos demais, como diz Jandira. Pensamos e sofremos.

§ 50. UMA SEMANA QUE PASSA.

NADA de novo nesta semana, a não ser a volta de Francisquinha. Fui buscá-la, anteontem, no Instituto. Está outra pessoa: arrumadinha, limpa, alimentada. Vejamos por quanto tempo poderemos conservá-la assim. Emília anda radiante: volta e meia, entra-me no quarto, para me contar qualquer coisa que a Chica falou. Josefa lavadeira, um pouco despeitada por haverem os médicos conseguido o que não conseguiram seus amigos espiritistas, pôs-se a resmungar que Francisquinha só há de ficar inteiramente boa é com as rezas da "sessão". Como cedi uma vez, quer converter a casa em centro espírita e fala em voltar, de novo, com os seus homens, quando a mana piorar.

Há muito não tenho uma semana assim tranqüila, dentro e fora de casa. Glicério não voltou a falar-me sobre o primo de Carmélia, nem isso me preocupou. Talvez o amor continue a lavar manhosamente, como fogo de monturo, mas não lhe sinto as chamas.

Tenho lido alguns livros do Silviano e consegui liquidar o Homero. Silviano anda sumido.

§ 51. JÁ ANDAM JUNTOS PELA RUA.

ESCREVO à meia-noite, depois de ter andado muito pela cidade, e ainda me acho um pouco transtornado pelo que me ocorreu à tarde. Não é meu hábito sair com Glicério depois do trabalho, nem costume freqüentar as sorveterias da Rua da Bahia ou da Avenida. Ao sorvete prefiro o chope, e o chope só pode ser tomado com a devida união nos bares, menos freqüentados, das ruas transversais. Mas o demônio as arma: não sei por que desci hoje com o rapaz e entrei numa sorveteria onde se reúnem as elegâncias de Belo Horizonte.

Pouco depois que chegamos, observei que, com teatral mesura, Glicério se levantava e saudava pessoas que entravam. Estando de costas para a rua, não vi essas pessoas, e perguntei-lhe a quem cumprimentava, assim tão mesureiro. Segredou-me, num gesto disfarçado, pegando um jornal e fingindo mostrar-mo,

que os recém-vindos eram Carmélia, a viúva e o Dr. Jorge de Figueiredo.

Fiz um esforço sobre-humano para ocultar minha agitação e apenas lhe disse um "Ah!" distraído. Daquele momento em diante, pouco ou quase nada percebi do que se passava em torno de mim e do que Glicério dizia. Fiquei medrosamente a fitar a imagem de Carmélia, refletida nos espelhos da parede, sem ânimo de sequer mexer-me na cadeira. O luto fechado lhe realçava singularmente os traços finos, a epiderme branca e delicada e os cabelos castanho-claros, ondulados. Embebi-me na sua contemplação, através do espelho, sempre transido de temor cada vez que os seus olhos, dirigindo-se para um ponto ou outro, me davam a impressão de que ela estava notando a insistência do meu olhar. Eu respondia por palavras vagas ao que me dizia Glicério e este deverá ter notado minha ausência.

Finalmente, trouxe-me de modo brusco à realidade, dizendo que não poderia deixar de ir à mesa da viúva e da filha, apresentar-lhes cumprimentos. Pedi-me licença para se afastar por instantes. Voltaria logo. Vi nisso uma tábua de salvação e respondi-lhe que, tendo necessidade de sair, ia fazê-lo imediatamente: ele poderia ficar à vontade. Insistiu em minha permanência, supondo que seu propósito me houvesse agastado. Resumi a conversa, apanhando o chapéu e dizendo-lhe ter um encontro urgente com Redelvim. E saí rápido da sorveteria, sem olhar para os lados. Devia estar com uma cara de alma do outro mundo, pois sentia que o sangue me tinha fugido do rosto.

Andei a Avenida a passos largos, pelo lado do Correio, que é menos transitado, e meti-me num bar da Rua Espírito Santo, onde estive mais de duas horas, a tomar chope. O chope me levantou o moral, e pude vir para casa, ainda que atrasado, para jantar.

Emília já está mais ou menos habituada à minha impontualidade e guarda-me o prato feito. Comi às pressas e sem vontade, voltando logo para a rua e tentando assistir a uma sessão de cinema. Acabei por me interessar: era uma comédia leve, que provocava grandes risadas do público. À saída, encontrei Sepúlveda, que me levou a um café e se pôs a contar o modo por que empregou o dinheiro tirado na loteria. Em cada Banco depositou dez contos, pois, no caso de um dos Bancos quebrar, não perderia senão aquela quantia. E os vinte restantes foram despendidos em reparos na casa e compra de terrenos. Recusou a muitos colegas empréstimos de dinheiro. Não era tolo para pôr fora o cobrinho. Mas comigo o caso era diferente: se eu quisesse era só falar. Esqueceu-se de me dizer que gastou cinco contos com uma espanhola, e que levou, por isso, uma surra de madame Sepúlveda...

Voltei para casa, abri um ou outro livro, já tranqüilo, e, finalmente, cá estou a escrevinhar, mais ou menos conformado com o casamento de Carmélia. Pois o casamento se dará, com toda a certeza. Já andam juntos pela rua.

§ 52. UMA EXTRAVAGÂNCIA DE FRANCISQUINHA.

HÁ TRÊS dias não saio de casa senão para ir à farmácia, ou comprar uma coisa ou outra, pois Francisquinha está - passando muito mal. Quando eu a supunha bem melhor, fez uma grande extravagância. Saiu de madrugada, do seu quarto, quase despida, e foi para o quintal, pondo-se de cócoras a um canto do muro. E ali ficou durante mais de uma hora, presumivelmente, sob uma chuvinha miúda, até que Emilia, acordada pelos miados de um gato, se levantasse para o pôr fora de casa e desse por falta dela. Emilia me despertou, agitada; pusemo-nos a procurar a pobre mana e a encontramos naquela postura.

Voltou, com relutância, para o leito, dizendo que não podia estar ali, não, pois havia uma mula-sem-cabeça dando coices debaixo da cama. Ficamos acordados o resto da madrugada, tentando acalmá-la.

O resultado da extravagância foi uma forte gripe. A pobre mana está presa ao leito com febre alta, ansiada. Tosse com violência e sente dores agudas nas costas. Não me tenho afastado do seu quarto e nada ou pouco dormi nestas duas noites.

Chamei ontem o Dr. Fagundes, que é o médico da casa, desde anos. O velho está apreensivo, pensando na possibilidade de uma pneumonia. É um homem excelente, e tanto Emilia como Francisquinha o estimam muito, a seu modo. Noto que sua simples presença tem ação sedativa. Parece possuir nas mãos um magnetismo especial, uma força qualquer que faz bem e domina os males.

Recomendou-me estar atento, quanto a Francisquinha, e chamá-lo, sempre que houvesse qualquer novidade. Receia que, vindo a pneumonia, a mana, fraca como é, não resista à moléstia.

Emilia tem revelado qualidades excepcionais de enfermeira. Sua rudeza cedeu lugar à ternura. Trata Francisquinha como a uma criança e é indulgente

para com as suas impertinências.

Silviano esteve ontem aqui em casa, mas notou minhas preocupações e não disse ao que veio. Ofereceu mandar-me a Joana, se for preciso, para nos auxiliar no tratamento da irmã.

§ 53. FORTALEZA DE EMÍLIA.

OBRE Francisquinha! Lá se foi. Não resistiu sete dias. O corpo velho, desnutrido, baqueou com a pneumonia.

Vejo agora quanto estava preso a ela. Tratei-a sempre com desvelo, mas olhava-a talvez com esta quase neutralidade com que se contempla o que é de todo estranho a nós, perguntando-me se algo me ligava, realmente, àquela deformação do espírito, àquela caricatura da razão. Pobre mana. Como se transformou nos últimos momentos! Encolhia-se feito uma criancinha doente e fitava-me com olhos tão compreensivos...

Emília foi mais forte do que eu. Vestiu-a, arranjou tudo, com fisionomia resignada, sempre dizendo: "Deus chamou a coitada, Deus chamou a coitada!" Pôs-lhe ao peito um crucifixo de ferro, que pertenceu à velha Maia.

Penso nos gestos serenos e simples de Emília. Onde lhe virá tanta força? Talvez de seu Deus que tudo explica. Deus bom, que assiste os coitados. Que felicidade poder pensar que Francisquinha foi para o seio do Eterno, e lá se acham o velho Borba, a velha Maia, todos, todos. Em sua pouca luz, Emília encontra uma paz que não atinjo. É mais forte, possui invisíveis pontos de apoio: mostrou uma singela grandeza.

Faz dois dias já que a mana está no Bonfim. Levei-a até lá com Giovanni, Prudêncio, Silviano, Redelvim, Glicério, Florêncio, Jandira e Sepúlveda. Dá-me vontade de sair desta casa, que se tornou mais sombria, porém Emília não quer. Já aqui estamos há doze anos, e ela se afeiçoou às coisas e ao meio. E a sombra de Francisquinha a prende mais ainda. Emília está mudada, apegando-se muito a mim, agora. Conversa pouco, como de costume, mas permanece a meu lado, sempre que pode, pretextando arrumar uma ou outra coisa.

O velho papagaio, que me parecia humorístico, dá-me, agora, grande pena. Anda decadente, perde a plumagem, e passa o dia todo a cochilar, como que alheio a tudo. Quase sempre deixa, na lata, a maior parte da comida que lhe damos.

Depois do enterro ainda não saí. Fechado dentro de casa, tenho a impressão de que estou vivendo não em Belo Horizonte, mas no âmbito da fazenda, na atmosfera moral da casa velha, em cuja sala de jantar este mesmo relógio de repetição assinalava as horas de um dia grande, grande...

§ 54. CASTOS AMORES.

OUVIMOS hoje missa de sétimo dia pela alma de Francisquinha. Não queria convidar ninguém, mas Jandira se informou do local e da hora e avisou os amigos. Redelvim também compareceu, embora não entrasse na Capela. Esperou-me à saída, deu-me um rápido abraço e desapareceu. Emília assistiu à missa das cinco da manhã, para não ser vista.

Durante estes dias em que tenho estado encerrado, poucas vezes peguei neste caderno e apenas duas escrevi. Experimentei uma sorte de inibição para escrever, ler, ou mesmo para pensar. Não conseguia fixar a atenção em coisa alguma. Depois de ter andado hoje, um pouco, pelo Parque, tenho a impressão de haver saído de longa noite de insônia. Nessa longa noite, as coisas se misturaram no meu espírito, talvez enfraquecido pelas demoradas vigílias e pela má alimentação, e as imagens se confundiam, como no domínio do sonho. Deve ter sido um pesadelo.

Carmélia apareceu-me com freqüência, ora sob o seu aspecto real, ora encarnada em Camila e integrada na paisagem caraibana, circulando por entre meus fantasmas. Uma tarde, sentado ao alpendre da casa, com o corpo extremamente fraco, cheguei a vê-la transpor o portãozinho de ferro e aproximar-se de mim. Soubera da morte de Francisquinha e viera consolar-me. Conversamos muito tempo, horas infindas, até ao momento em que Emília veio trazer-me um copo de leite, e a visão desapareceu.

Estava de vestido branco, o que a torna mais leve e lhe realça o ar virginal. Como é casto este amor! Nenhum desejo, nenhuma representação

sensual. Sempre me apareceu assim, sem contornos precisos, como em uma tela esfumada. Só as feições se mostram nítidas, concentrando-se nos olhos grandes, cismadores.

Já não reajo contra as visitas dessa doce imagem. Associei-a à minha vida, ela me pertence. A Carmélia real, inatingível, será de outro, casará, terá filhos. Mas a que construí será sempre minha, e o tempo não exercerá sobre ela sua ação desagregadora, porque está fora dos domínios do tempo.

Também não reajo contra o sentimento romântico que me domina. Por que esta preocupação de parecer o que não somos?

Porham-me a data de 1830, mas a verdade é que esses sentimentos são de natureza eterna, e é inútil situá-los em outras épocas. Não se pode negar o homem.

§ 55. REDELVIM VAI PRESO.

JANDIRA veio procurar-me, ontem, aflita, quando eu saía para sua casa com o mesmo objetivo: Redelvim foi preso. e está incomunicável. Pela madrugada, havia rebentado uma revolução comunista no Rio, depois de termos vivido dois dias de inquietação, com a notícia das sublevações de Recife e Natal. Foi sufocado o levante, após duros combates cujos pormenores os cartazes dos jornais ainda estão registrando febrilmente. Neste instante, não se sabe ainda se o movimento surgirá em outros pontos do país, e a polícia está prendendo todos os elementos suspeitos. Vivem-se horas ansiosas e a cidade anda cheia de boatos.

Sabíamos que Redelvim estava ultimamente alheio às atividades do Partido e nenhuma ligação tinha com os conspiradores, mas a carta a que aludi o comprometeu aos olhos da polícia.

Jandira veio propor-me um entendimento com o delegado seu conhecido. Desejava que fôssemos juntos àquela autoridade, a fim de lhe explicar a situação do amigo e pedir-lhe, se possível, a soltura.

Combinamos fazê-lo imediatamente e dirigimo-nos à Polícia Central. Só depois de duas horas de espera, conseguimos falar com o homem. Interrogava

numerosas pessoas que, a todo momento, entravam, entre policiais. Chegada a nossa vez, Jandira dirigiu-lhe a palavra nervosamente, dizendo que ali fora para esclarecer que Redelvim, não obstante as aparências em contrário, nada tinha com os acontecimentos.

—Hum... Hum... Havemos de ver isto, respondeu, olhando-me com insistência. Os prisioneiros vão ser ouvidos com toda a atenção. Os que não estiverem envolvidos serão postos em liberdade. Ninguém receberá maus tratos. Apenas ficarão detidos, enquanto se fazem investigações.

Um pouco intimidada, Jandira pediu, então, que lhe fosse permitido visitá-lo.

—No momento é impossível, senhorita. Aconselho-a, aliás, a não insistir. Conheço-a, sei que não é suspeita, mas sua presença aqui, com esse propósito, pode comprometê-la perante meus colegas. Vá tranqüila para casa. Seu amigo será bem tratado.

Diante disso, deliberamos retirar-nos, e eu ia fazê-lo com Jandira, quando o delegado me chamou à parte.

—Quanto ao senhor, desejo que volte aqui, disse. Leve a moça à casa e apareça-me dentro de uma hora. Não o conheço, mas, para evitar dúvidas, aviso-o de que nada lhe adiantará fugir, pois teremos meio de encontrá-lo.

Assustado com o imprevisto convite, assegurei-lhe que voltaria, dentro do prazo, e retirei-me com Jandira. Percebi, ao sair, que o delegado chamava um funcionário e lhe dava instruções. Calculei que expedia ordens para que me vigiassem os passos.

Fora da delegacia, Jandira, muito pálida, perguntou-me o que acontecera. Disse, para tranqüilizá-la, que o delegado apenas me pedira voltar à sua presença, a fim de prestar depoimento sobre Redelvim.

Deixei-a em casa, vim rapidamente à Rua Erê, para avisar Emília de que teria de demorar-me fora e talvez voltasse à noite. Não se preocupasse com alguma demora: eu já tomara providências para que o contínuo da Seção viesse dormir em nossa casa. Com certeza supôs que eu ia a alguma pândega, pois repreendeu-me:

—Parece que já esqueceu da Chica...

Assegurei-lhe que não. Que o "Chefe" precisava de mim. Talvez tivesse de

fazer pequena viagem com ele.

Procurei, em seguida, o delegado, depois de, passando pela Secretaria, ter ali deixado um bilhete para Glicério, nos seguintes termos:

"Suspeitam de mim. Fui chamado à polícia. Se for detido, peço-lhe que olhe pela mana e obtenha que o Carolino vá dormir lá em casa."

Sinto-me cansado, por não ter dormido esta noite, e não poderei escrever agora o que se passou comigo. Fá-lo-ei amanhã cedo.

§ 56. ENTRE LUNFAS.

PROMETI-ME, ontem, à noite, que relataria hoje tudo o que me aconteceu na Polícia. Vou fazê-lo pormenorizadamente, aproveitando esta manhã sossegada.

Embora inquieto pelo que me poderia acontecer, apresentei-me ao delegado com uma convicção: a de que, dentro de poucas horas, havia de ser desfeito o equívoco, se equívoco houvesse quanto a mim. O delegado recebeu-me razoavelmente. É sujeito antipático, mas cortês. Com untuoso sorriso profissional, desfechou-me à queima-roupa:

—Estou bem impressionado com o senhor. Foi pontual e procedeu corretamente em casa. Não tentou destruir papéis, como outros...

Vendo minha surpresa, prosseguiu:

—Pensou que ia sozinho? Um investigador o acompanhou durante o trajeto e o observou, pela janela, quando entrou em casa. Posso reproduzir a conversa que teve com uma senhora velha que mora lá... Interpreto favoravelmente o fato de não se ter demorado para se desfazer de documentos incômodos. Talvez não existam. Digo "talvez", note bem. Pode ser que os haja e tenham sido esquecidos. É comum haver esquecimentos, imprevidências. Pode fazer suas declarações, que serão tomadas por termo.

Declarei, um pouco tranqüilizado pela acolhida, que eu era pessoa inteiramente inofensiva, sem idéias políticas, respeitava o regime, pertencia ao

serviço público, etc., etc. Poderiam tomar informações com Fulano, Beltrano...

—Mas... Como explica o fato de mandarem livros extremistas ao sr. Redelvim, por seu intermédio? perguntou, de chofre, fitando -me dentro dos olhos.

Vasculhei a memória, um tanto inquieto. Então, eram livros extremistas? Em suas freqüentes mudanças de pensão, Redelvim as vezes dava meu endereço para que lhe fossem enviadas cartas ou encomendas. Lembrei-me de que, de uma feita, o pacote registrado parecia de livros. Fí-lo, naturalmente, chegar às mãos do destinatário, sem indagar que coisas continha.

Durante os segundos em que me demorei a responder, fazendo apelos à memória, observou-me de modo impertinente.

Cessou a pressão, quando contei o que se passara.

—Sua explicação é aceitável, respondeu. Mas precisamos investigar. Sou obrigado a detê-lo, enquanto não se der uma busca em sua residência.

Pensei logo em Emília, e na interpretação que poderia dar à busca. Pondo-o a par da situação especial de minha casa, pedi arranjasse as coisas de forma que não atribulasse a velha; que, se fosse possível, destacasse, para a diligência, o investigador Parreiras, meu conhecido (o que se interessou pelo caso do Giovanni), e, ainda, que este levasse, em sua companhia, o acadêmico Glicério de Sousa Portes, meu companheiro de Seção. Assim a velha não se assustaria.

—Vejamos... Vejamos... Farei o que for possível, disse o delegado.

Pelo tom de suas palavras, fiquei certo de que assim procederia.

—Conduza-o a uma das salas, onde estão os que aguardam depoimento, recomendou a um policial, indicando-me com um gesto de queixo.

O policial levou-me pelo braço, por um corredor comprido, cheio de gente. Olhou três salas e achou-as repletas. Os investigadores de guarda disseram-lhe que não havia lugar para mais ninguém e que os "pássaros" já estavam reclamando contra isso.

O homem fitou-me, então, meio impaciente, e falou:

—Ora, seu manguarão, deixemos de luxinhos. Você vai é mesmo para as grades... .

É a segunda pessoa que me trata, ou melhor, maltrata de "manguarão", e isso me exasperou. Mas sufoquei a raiva e entrei na sala de janelas gradeadas, onde havia dois presos.

Saído o investigador, acolheram-me com chufas. Um me dirigiu a palavra:

—Não ache ruim, não, velho. A cana é isso, não tem sopa.

—Está com pinta de lunfa de penosa, disse, rindo-se, para o outro.

Tão surpreso fiquei, que o mau humor se desfez. Que seria "lunfa de penosa"? Propus-me apurar isso, ganhando a confiança dos marotos. Na gíria policial "pinta" é aparência, jeito, e "lunfa" é ladrão. A combinação "lunfa de penosa" era-me, porém, estranha.

Percebi que estava em meio de larápios e a experiência despertou-me a curiosidade.

—Qual nada! falei. Bem que tinha vontade de fazer um servicinho de vez em quando, mas não dou para isso.

—Pois olhe, respondeu-me o baixo, gordo, de cicatriz na face, indicando-me o companheiro magro e alto: Este é o Manequinho, mestre-punguista. Mancou agora. Ia para a Bahia, mas quis ver a morena...

—Mais amor e menos confiança, disse o magro, fingindo zangar-se.

—Mancou, mesmo, prosseguiu. A sodade apertou, veio ver a nega e foi encanado. Namora, pessoal!

Depois se apresentou:

—Não ouviu falar de mim, não? Os jornais estão cheios... disse, com orgulho profissional. Fui preso por causa dele. Fomos juntos à casa da pequena, e os tiras estavam acampanando a grifa... Mas isto é doce de leite para mim. Já fui encanado mais de cinquenta vezes. Sou punguista. Banco o vigário só quando não encontro otários para puna. Não afano a carteira. Tiro só a grana e deixo o couro para o ota não dar o grito. Já corri os Estados todos, menos Goiás, Mato Grosso e Amazonas.

E continuou a contar sua vida e aventuras, de vez em quando apartado pelo outro. Com eles me distraí bastante até que, pelas onze da noite, o

investigador Parreiras veio procurar-me para me levar à presença do delegado.

—Seu Belmiro, puseram o senhor no meio desses malandros! Vou contar ao delegado...

Pedi que não o fizesse. Não valia a pena. Até me haviam ajudado a passar o tempo... Depois, perguntei-lhe qual era a minha situação. Respondeu que ficasse tranqüilo: parecia boa. Iremos ver.

São dez da manhã e devo preparar-me para ir à Secretaria. À noite relatarei o resto da aventura.

§ 57. PARA ALGUMA COISA SERVIRAM ESTAS NOTAS.

VAI, AGORA, o mais que houve na delegacia. Eram onze da noite, quando o investigador me levou ao delegado. Surpreendeu-me agradavelmente a presença de Glicério e Silviano no seu gabinete, mas não os cumprimentei senão com um gesto de cabeça, intimidado que me achava pelas circunstâncias.

—Sim senhor. Meio mundo se movimentou por sua causa. Cá estão as suas "memórias", disse o homem, com o seu enjoativo sorriso.

Com aflição e vergonha vi, em suas mãos, os três cadernos em que venho deixando notas, de um ano até aqui. Olhei de soslaio para Silviano e Glicério: era de malícia a expressão deles.

—Foi o que o salvou, continuou o delegado. Apesar das declarações do Senador Furquim em seu favor, precisávamos de provas. O momento não é para condescendências..

Correu-me um calafrio pela espinha, imaginando que o delegado fosse ler páginas dos cadernos na presença de Silviano e Glicério.

—Tive de me enfronhar nessa maçaroca, prosseguiu, pois o Chefe de Polícia mandou examinar o caso com urgência. As declarações íntimas, a folhas e folhas... esclarecem sua posição. Veja se entendi bem, continuou, esforçando-se para brilhar: é um céptico. Por isso, prefere os regimes brandos, em que as transformações se possam operar sem que sejam necessárias as revoluções.

Acha que viveremos sempre de erro em erro e que, portanto, nada justifica o sacrifício de sangue...

Sublinhava as palavras, tirando partido do meu embaraço. Depois, assumiu ar professoral e disse que, afinal, minhas idéias se comportavam bem dentro da Constituição liberal-democrática. "Ou melhor, emendou, socialdemocrática. Nossa Constituição já acolheu numerosos princípios da socialdemocracia."

—Quanto ao seu amigo Redelvim, o senhor acha, no seu Diário, que não passa de um "anarquista lírico". Devo levar isso em conta, pois suas confissões (novo sorriso irônico) têm cunho de sinceridade, e o senhor deve conhecer bem o homem. Entretanto, teremos de conservá-lo algum tempo. O senhor erra julgando-o de todo inofensivo. Justamente esses é que constituem o nosso maior problema. Abusando de nossa tolerância, atuam lenta, mas profundamente, sobre os espíritos fracos...

E, depois de uma pausa, de novo tornando ao seu jeito presunçoso e cínico:

—Bem... Bem... Já conversamos bastante. O senhor pode retirar-se. Pedimos-lhe desculpas pelo equívoco. Mas, um conselho, se me permite... Seu Diário me interessou. Noto, porém, que o senhor é platônico em demasia. Ou, quem sabe, tímido... Gostaria de vê-lo mais ousado, um pouco, com a pequena... Mais direto na questão da...

Notando minha angústia e o gesto, que instintivamente fiz, pondo o dedo nos lábios, para indicar que o assunto era reservado, interrompeu a conversa e ficou a rir.

—Enfim, disse, estendendo-me a mão em despedida, os senhores são literatos e sabem o que lhes convém. Se publicar as memórias, mande-me um exemplar...

O ímpeto meu era de esbofeteá-lo, mas o bofetão ficou na mente, e tomei a mão do calhorda. Depois, meti os cadernos debaixo do braço e saí, encabulado, em companhia de Glicério e Silviano, que deviam ter achado a cena muito cômica e por certo me consideraram um pobre-diabo.

Lá fora, Silviano pediu que eu lhe mostrasse, também, a "peça", apontando, com o queixo, os cadernos que estavam sob o meu braço. Glicério não teve coragem de fazer o mesmo.

Respondi, irritado, que eram notas para uso íntimo, e foi uma violência do delegado o ter-lhes posto os olhos. Silviano não insistiu na zombaria. Parece necessitar de mim e querer dizer-me confidencialmente qualquer coisa. Mudou de assunto, aludindo à embrulhada em que o Redelvim me meteu. Falei-lhe que o caso estava encerrado e que, de resto, encontrei bom entretenimento durante as horas de detenção.

Separou-se de nós, pouco adiante, emprazando-me para um encontro amanhã.

Seguindo comigo, Glicério contou-me, então, que julgou necessário solicitar os bons ofícios do Senador Furquim no meu caso, e que isso serviu para apressar as investigações, pois, sendo grande o número dos detidos, talvez eu tivesse de ficar mofando na grade, à espera de solução. O delegado fora atencioso, apesar dos pesares. Ele, Glicério, assistiu à busca nos meus papéis. Acompanhara o Parreiras e um estudante, funcionário da Polícia. A fim de tranquilizar Emília, declararam aqui ter vindo para arrolar os bens do inventário de Francisquinha.

Finalmente, ao despedir-se, no ponto de bondes, Glicério entregou-me um papel, dizendo que achara bom obter aquela declaração, para produzir efeitos na Secretaria. Minha fê-de-ofício não ficaria prejudicada...

Nesse documento se atestava nada haver contra mim e que minha detenção fora, apenas, para colher depoimento sobre terceiro.

Ótimo rapaz, o Glicério. Desempenhou com carinho as incumbências que lhe dei, inclusive a de pedir ao contínuo Carolino que dormisse aqui em casa. Ao chegar, quase à meia-noite, encontrei-o estendido num colchão, na sala de jantar. Emília já se havia recolhido. Ficamos a conversar até às duas da manhã. Carolino contou-me histórias de sua vida. É interessante que a gente conviva tantos anos com uma pessoa sem a descobrir. Eu o julgava um aluado, e, nisso seguia a opinião geral da Secretaria. Vi, ontem, que não lhe falta siso, embora este se manifeste às vezes de forma inusitada.

Partiu hoje, cedinho, depois de tirar umas graças com a Emília. A velha, ao que parece, criou-lhe estima, pois lhe deu, à hora da despedida, um pedaço de bolo envolvido em papel impermeável.

A busca não teve maiores conseqüências: Emília acreditou na história do inventário, lembrando-se de que fizeram o mesmo quando morreu a velha Maia, e, mais tarde, quando se foi o Borba.

—Os home da justiça mexeram em tudo, contou-me, ao servir o almoço.
"Gente sem modos"...

Carolino ficou de voltar, de vez em quando.

Ao encerrar a página de hoje, consigno, aqui, minha gratidão a estes cadernos: para alguma coisa serviram, tirando-me de apuros com a Polícia.

§ 58. O AMOR, PELO AMOR.

AMANHÃ DE 3 DE DEZEMBRO.-Tento analisar e explicar os sentimentos que a notícia do noivado de Carmélia me despertou. Desde a vinda de seu primo, temi essa notícia e, mais de uma vez, folhee com emoção o Minas Gerais, percorrendo, a medo, a coluna social, onde se anunciam os contratos de casamento. Hoje cedo, meu pensamento estava distante, vagando em torno de uma conversação havida com Silviano, no Natal de 1934, quando a informação me caiu sob os olhos: "Acha-se contratado o casamento da prenodada senhorinha Carmélia Miranda, filha da Ex.^{ma} Viúva Dr. Aurélio de Miranda, com o distinto médico-radiologista Dr. Jorge de Figueiredo. Os noivos, que pertencem à nossa haute-gomme, têm sido muito cumprimentados."

Sempre pensei que experimentaria grande abalo com o acontecimento. Entretanto, a minha impressão foi de que se tratava de fato antigo, já por mim conhecido, cuja divulgação se fazia, agora, com atraso. E a tristeza foi resignada, aceitando eu, sem esforço, a situação. A sensibilidade nos oferece surpresas dessas. Pergunto, neste instante, a mim próprio, se é amor um sentimento tão acompanhado de renúncias prévias, tão desvirilizado. A tal ponto se fortaleceu, em mim, a convicção de que um grande abismo me separa de Carmélia e de que toda pretensão minha, a seu respeito, seria ridícula, que não duvido fosse capaz de lhe procurar um noivo, se o noivo não aparecesse. Aviltei-me demais e coloquei-a num altar que talvez não merecesse. Vi-a sempre à distância de uma estrela, e quem sabe se a convivência teria destruído a lenda que criei, teria desfechado um processo rápido de "descristalização"? Afinal, não passará de uma prenodada e fina senhorinha e não terá sido senão um "momento" da incorpórea Arabela.

Esta solidão da Rua Erê, a tristeza de viver de carícias compradas, a

distância, sobretudo a distância da moça em flor, é

que geraram a lenda. E o Cavaleiro da Triste Figura se pôs em marcha, pela sua Dulcinéia. Haverá despeito e mau humor nestas linhas? Creio que não: investigo, com serenidade, o fenômeno.

Avançarei um pouco mais, aproveitando uma fresta de luz, que me vem no momento. Verdade, verdade, desde que Carmélia foi revista, fora daquela noite de sortilégios, já não conferiu muito com a intemporal Arabela. Verifiquei ser uma criatura sujeita às contingências do humano e sem a essência eterna do mito a que o amanuense aspira. Andei reagindo um dia ou outro, mas o desejo de realizar o mito, ou talvez o de dar sentido a uma vida sem sentido, procurou sempre encobrir, ao outro lado do espírito, o meu desencantamento. Como aqueles que, torturados por não sofrer demasiadamente a perda de um ente querido, cultivam o sofrimento e o exacerbam, terei cultivado e incitado uma paixão puramente cerebral, receando, porventura, que seu arrefecimento viesse privar-me de uma emoção que enchia minha vida. O amor era pelo amor, em si.

É essa, certamente, a razão por que me conformei sem esforço com uma notícia que deveria ser catastrófica. Entretanto, só agora, quando Carmélia tem dono, é que o namorado teve descerrada, a seus olhos, a cortina interior que ocultava sutil trama psicológica... Há, portanto, uma ponta de despeito em tudo isso, mas, no caso, o despeito trouxe luz, e eu o bendigo.

Que se casem, tenham numerosos filhos, e Jeová lhes abençoe a prole. O que me deve interessar, na hora que passa, é a situação do Redelvim. Farei com que lhe entreguem, hoje, livros e frutas, para ir passando o tempo. Jandira foi quem o supriu, ontem, de uma coisa e outra.

§ 59. AINDA O NOIVADO.

NOITE DE 3 DE DEZEMBRO.-Depois de encerrado o expediente na Seção, tive comprida conversa com Silviano. Registrarei antes, porém, palavras menos importantes trocadas com Glicério. Um bom burocrata deve obedecer, no relato dos acontecimentos, à ordem cronológica, e, segundo esta, é Glicério quem terá primazia.

O bacharelando Glicério de Sousa Portes não estava de boa cara, na Seção, e imagino que terá recebido a notícia do noivado com menos espírito

esportivo do que eu. Não chegarei a dizer que o amigo esteja amando a prendada senhorinha. Talvez não passe de um prelúdio de amor. O ciúme, há tempos, me fez maltratar esse excelente mancebo: supus que me estivesse fazendo concorrência e passei a hostilizá-lo. Reduzidas as coisas às verdadeiras proporções, noto o seguinte: Glicério é um hesitante, nesse capítulo, e não tem configuração nítida de suas aspirações; ficou um pouco sugestionado, quanto a Carmélia, contagiando-se do meu entusiasmo pela moça e vendo-lhe propriedades metafísicas que lhe atribuí. Não amou, porque não possui força de sentimento para tanto. É um indeciso, um homem sem endereço. Namoricoou apenas.

Foi o bastante, porém, para se lhe tornar desagradável o acontecimento. E, como não dispõe dos recursos com que conto, aborreceu-se, ao passo que assumi uma atitude olímpica. Tudo isso me foi denunciado pela sua fisionomia, porque, quanto a falar, falou pouco.

À hora do café, com os seus "a propósito" sem nenhum propósito, achou jeito de tocar no assunto:

—Por falar em festas (Sepúlveda se melindrara por não termos ido a uma festinha em sua casa), sabe que Carmélia ficou noiva do Jorge?

—Ah!... Ficou? respondi, a mangar, aparentando indiferença. Bom casamento. Você sempre diz que o rapaz é muito "distinto"...

—É... tive essa impressão... Mas para bem dizer, não o conheço... E você compreende: pode ser um bom camarada entre gente da sociedade. Não é homem de nosso clima.

—Tanto melhor para ela, respondi. Nosso clima não é salubre para mulheres. Entendo que só serão felizes casando-se com homens tranquilos. Sujeitos de alma simples, prolíficos e domésticos. Esse Jorge deve ser mais ou menos isso, e a moça será feliz.

—É, tem razão, concordou, suspiroso.

—Não suspire. Você não serviria para ela, continuei, já com o propósito de contribuir para que seu aborrecimento passasse. É um inquieto. Também ela não serviria para você. É fina, prendada, e você pertence, apesar dos pesares, a uma fauna complicada. Somos animais intratáveis, com invencível horror ao "fino", ao "distinto". Haveria conflito de temperamentos...

Glicério me interrompeu:

—Ora, não me venha com bobagens. Nunca pensei nisso. Admiro Carmélia, mas acho que andamos exagerando um pouco. Afinal é uma criatura de carne e osso.

—Pode abrir o coração, falei. Também estou inclinado a achar que exageramos. Vamos aproveitar o despeito e restabelecer a realidade...

Deu uma risada e concluiu:

—No fundo estamos despeitados, mesmo. O melhor é tomar um chope e mandar um telegrama de parabéns. Você quer assiná-lo também?

Respondi-lhe que não. Oficialmente não conheço a família. E conversamos mais um pouco, ambos bem-humorados. Glicério é bom amigo e rapaz aproveitável. Cada um de nós tem seu lado fraco e, quando tive ciúmes de Carmélia com ele, explorei-lhe esse lado fraco, tentando ridicularizá-lo. Foi uma injustiça e, mais uma vez, quero saná-la, retificando, aqui, meu juízo a seu respeito. Se leva desvantagens em nossa roda, não é senão pela pouca idade e experiência.

Silviano, mais compreensivo do que eu, nunca deu importância a certas deficiências de Glicério e está sendo amigo melhor: orienta-o, anima-o. É disso que precisa. Felizmente, nossa amizade veio a salvamento depois de todas essas crises. Confiante, não suspeitou dos rancores que, em certo momento, lhe votei, e deu-me tempo para reconhecer o erro.

Ao mencionar Silviano, vejo que me estendi demasiado sobre a conversa com Glicério e o cansaço já não me deixa, agora, relatar o outro encontro. Não faz mal: fica para amanhã cedo, ou à noite. Tempo é que não me falta.

§ 60. O QUE SILVIANO ME FALOU.

O QUE Silviano tinha a confiar-me (provavelmente desde o dia em que veio à Rua Erê e encontrou-me preocupado com a moléstia de Francisquinha) era o seu novo caso amoroso. Sem maiores preâmbulos, expôs-me a história, mal tomamos o bonde para ir a um bar da Avenida. Tal era sua ânsia de confiança que não deu a menor importância ao fato de nos acharmos dentro de

um veículo, cercados de curiosos.

—Você me está dificultando a solução do problema. Há vários dias que preciso falar-lhe e não encontro oportunidade. —Que problema? O "Fáustico"? perguntei. —Nada disso, nada disso... atalhou, impaciente, sem notar o tom de troça da pergunta. Em seguida, carregando a fisionomia (só depois de alguns segundos o remoque o atingiu), virou-se para mim:—Você sempre com zombarias tolas. Isso é de espíritos mesquinhos. O assunto é sério.

E calou-se. O amuo passou logo, porém. Silviano se coloca em plano de superioridade tal, que não lhe permite ressentir-se com pilhérias. Diz-me sempre: "Seus motejos me deixam na mais divina indiferença".. .

Sem me dar, pois, maior atenção, foi contando o caso, assim nos abancamos no bar. Não se trata mais da jovem da gota-serena, o "Perrexil". Agora, é uma pequena de outro estilo. O nosso filósofo varia sempre. Há cerca de um mês, estava ele no Bar do Ponto, à espera de um bonde, quando a mulher passou. Miudinha, interessante, potelée. Sim, potelée é o termo justo, continuou, preocupado com a precisão vocabular: só os franceses é que classificam bem as mulheres. Não era do tipo angélico e pendia, antes, para o ofídico. Veio-lhe uma grande aura de desejo, e ele a seguiu. Saía de uma loja, entrava noutra, a fazer intermináveis compras, ou, melhor, a não fazer, porque mandava descer a loja inteira das prateleiras e nada lhe servia (imagino esse gordanchudo Dom Juan a dobrar o passo, resfolegando, para não perder de vista a presa). Ao fim de certo tempo, a moça o percebeu e deu-lhe corda. Travou-se namoro. Combinaram-se outros encontros. Passeios de automóvel, sessões de cinema, excursões pelos pontos mal iluminados da cidade... Silviano prometeu-lhe casamento... como de costume. (Talvez conseguisse mais, se não o tivesse prometido, esclareceu.) Enfim, o negócio está nesse pé: a pequena lhe manda bilhetinhos incríveis, pela posta-restante, endereçados a Aristóteles de Estagira (acredita ingenuamente que Silviano se chame assim, pois este teve a precaução de mandar imprimir cartões de visita com o nome do seu venerado mestre, para encobrir a identidade, em aventuras de subúrbio...) Exibiu-me um dos cartões, dando uma gargalhada:

—A pequena estranhou, mas acabou concordando em que o mundo está cheio de nomes esquisitos. Ah! ah! ah!...

Depois, assumindo ar sério, estendeu-me um bilhetezinho amarrotado, dizendo:

—Veja que coisa horrorosa.. . Chama-me gatinho!

O bilhete, escrito em bom cursivo, dizia:

"Meu gatinho:—Você é muito gostoso. Estou mortinha de saudades. Por que não vem ver a sua gatinha? Por que não foi à matinée do cine Brasil? Estou com a unhazinha afiada para arranhá-lo, ingrato. Enjoado!

—Sua Zizi."

Ri-me, divertido. Silviano não gostou: "Isso é muito trágico. Não tem de que se rir."

E continuou:

—Foi uma estupidez, Porfírio...

—Porfírio, não, Belmiro. Porfírio era meu avô...

—Ora, isso não tem a menor importância. Foi uma estupidez essa aventura. Não é por causa do compromisso. Quem o assumiu foi Aristóteles de Estagira. De modo que não há compromisso. E nem poderia haver, aliás. Joana continua sólida, e não morrerá sem dar à luz mais alguns imbecis que se disponham a sair do repouso cósmico! O que há é que estou enjoado disso. A carne é profundamente triste, desgostante. Foi um momento de fraqueza do Pensador (aludia a si próprio).

—Mas o Pensador já fraqueou mais de uma vez, objetei-lhe. Não é a primeira queda... .

—Mas sempre se purificou, depois, diante de si mesmo! disse, com soberba inflexão de voz. Será a última concessão à Besta!

Sugira-me um meio de safar o filósofo Aristóteles dessa embrulhada. Será a última concessão à Besta!

Respondi-lhe que o problema era simples. Pelo que me expôs, tratava-se de uma pequena fácil, adestrada em aventuras desse gênero. Não haveria, portanto, dano moral no caso. A pequena arranjaria logo outro entretenimento. Salvo se...

—Não! Não receio que haja perigo de acréscimo ao registro civil! exclamou.

E, depois:

—Chamar-me gatinho! Que monstrosidade! Aristóteles de Estagira, gatinho!

Continuei, dizendo-lhe que, se me visse envolvido em semelhante alhada e quisesse sair dela, mandaria um bilhete à pequena, comunicando-lhe que fora chamado à Macedônia, com urgência, e que deveria partir pelo primeiro vapor. Agradeceria a boa convivência e lhe desejaria prosperidade.

—É o que vou fazer! exclamou. Dei-lhe, aliás, muitos presentes. Coisas que a Dolores Gigedo devolveu, uma porção de miudezas. Já me informaram de que ela cultiva homens casados para receber regalos e brinde...

—Então, não há problema. Aristóteles pode seguir para Estagira sem nenhum remorso.

—É... É... O caso está resolvido. Aliás eu não o procurei por esse motivo, mas por causa da "coisa em si". Devemos deliberar juntos, a respeito.

E atacou a questão, que denomina "atitude católica em face da besta". Noto que nas primeiras páginas deste caderno registrei, por alto, palavras que trocamos no Parque, no último Natal. Hoje, quase um ano depois, retomou ele o fio da conversação, então cortado. Tive a impressão de que a vida havia parado, e não transcorrerá todo um agitado ano entre aquela tarde natalina e a de ontem.

—A solução é a conduta católica, disse, tal como se continuasse, sem o intervalo de doze meses, a frase interrompida em 1934. —Precisamos meditar sobre as palavras de Paulo: andai pelo Espírito e não satisfareis a cobiça da carne. Porque a carne luta contra o Espírito e o Espírito contra a carne, pois estes são opostos um ao outro.

—Minha situação em face de Paulo, respondi, no mesmo tom grave em que me falava, é outra, e não podemos deliberar juntos. Aos coríntios, ele disse que é melhor casar do que abrasar-se. Para os que, como eu, não se casaram, a meditação deve versar sobre esse ponto.

—Você sempre pequenino, querelante! A questão é mais geral. Nosso problema—entende?—é repudiar a vida, em forma definitiva, eliminando todos os seus atrativos, todos os seus excitantes. Não vê o Jerônimo? Engolfou-se nos doutores. Sublimou-se. É o que precisamos fazer. Rechaçar a Besta, isso é que é.

—Não tenho tamanha aversão à vida, objetei.

—É porque está, ainda, rastejando; não chegou ao alto da montanha, para

ver o espetáculo. Ela é ardilosa e inesgotável em astúcia. Atrai-nos sempre e nos deixa sempre insatisfeitos. Impossível dominá-la, sorvê-la. E o grande caminho é a ascese. (Deu vigoroso acento à palavra "ascese".) Precisamos renunciar de uma vez, violentamente, isso é que é.

—Mas...

—Estou perdendo o meu latim! disse, irritado, cortando-me a palavra. Você é um pateta, um pacóvio. Não compreende o problema. Não entende nada. Entretanto, é a única pessoa com quem uma conversa definitiva me pareceu possível.

E caiu num mutismo desalentado. Não insisti em minhas réplicas, para evitar nova explosão. Depois de alguns minutos, deu, porém, uma gargalhada, exclamando:

—Bebamos, Porfírio, à saúde de Aristóteles de Estagira, que acaba de cometer aventura indigna de um filósofo!

Falamos, depois, sobre coisas várias, e, ao despedir-se, pediu-me notícias do Redelvim. Dei-as.

—Vejamos se agora ele desiste de reformar a humanidade e se enxerga a "coisa". Louco! Não tem senso filosófico, nem histórico. Vai pela cabeça desse maluco de Marx! Esqueceu-se de que Marx saiu de Hegel, e Hegel, de Kant! E que em Kant a gente encontra de tudo, a favor e contra! Louco! Romantismo político, Porfírio, como houve romantismo literário!

E deixou-me. Achei-o duro com relação a Redelvim. Suas palavras "vejamos se agora ele desiste..." indicam que não se incomoda muito com as atribuições do amigo. Mas talvez a dureza seja aparente, pois Silviano é bom sujeito.

§ 61. "RODA MORENA".

NADA me aconteceu de novo esta noite senão que, andando a esmo no Carlos Prates, ali pelos lados da Rua Serpentina, dei com uma "roda morena". Assim chamavam, na Vila, à dança em que raparigas, braços dados, entoavam

velhas modinhas. Uma ia ao centro do círculo, a cantar em solo, enquanto as outras faziam coro, no estribilho.

Ê as cantigas todas eram cantadas, sob o luar, até que o relógio da torre do Mercado desse suas nove horas que equivaliam a um toque de recolher. Minhas ruas e meus largos de Vila Caraibas eram, assim, povoados de ranchos femininos, que desprendiam beleza e inocência.

No momento preciso em que certos quadros se desdobram aos nossos olhos, quase sempre não lhes percebemos a intensidade lírica, nem lhes apreendemos a substância rica de poesia. Nosso olhar circula vago e às vezes quase indiferente. Mais tarde é que, através da memória, vamos com os olhos da alma penetrar no âmago daquelas paisagens extraordinárias. Quanto o inconsciente é fino, sutil, receptivo, nos seus trabalhos subterrâneos! Só hoje, depois de uma ascensão lenta, as camadas profundas do espírito me trazem o panorama, a cor, a luz e a música de longínquos dias, que pareciam perdidos.

Uma toada se espriava no ar, tirada por vozes sem artifício, plenas de melodia:

*"Eu estava na estação
quando o meu amor chegou
deu um vento na roseira
e o salão encheu de flor..."*

Depois, um canto límpido se alteava—desacompanhado:

*"Nesta rua tem um bosque
que se chama Solidão
dentro dele mora um anjo
que roubou meu coração..."*

Vinha a réplica de alguém, fora da roda:

"Se eu roubei teu coração

é porque te quero bem...

Se eu roubei teu coração

tu roubaste o meu também!"

Melodiosas noites! O luar batia em cheio na Matriz branca de cal, ou fazia que a torre do Mercado deitasse ao chão de grama uma sombra grande, fantástica, misteriosa. As cantigas da "roda morena" de Carlos Prates não eram as mesmas, mas os vultos femininos sugeriam donzelas caraíbanas, castas e descuidosas.

§ 62. NOVOS RUMOS DE JANDIRA.

DESDE o dia em que tivemos uma conversação amarga sobre os seus problemas, faz dois meses já, eu me ausentara de Jandira. É verdade que nos encontramos quatro ou cinco vezes durante esse espaço de tempo, mas os encontros foram rápidos, e o assunto foi a vida dos outros. Nada me falou sobre coisas suas, senão que continuava nos escritórios da firma Sobral Lt.^{da}, cujo chefe é homem velho e bondoso, apesar de meio rabugento. Fui vê-la ontem, mordido pelo remorso de tê-la abandonado tanto tempo, embora não tivesse recebido nenhuma reclamação contra isso. Provavelmente aconteceu com ela o que sucedeu comigo, a seu respeito: não estava precisando de mim. O egoísmo, dizem, entra em tudo—mesmo no reduto das amizades mais puras, que nos parecem espontâneas e gratuitas —e, se saímos à procura de um amigo, não será difícil investigar-mos a necessidade de ordem espiritual, moral ou afetiva (egoística, afinal), que nos impele.

Entre mim e Jandira, a amizade nunca foi, aliás, aquele sentimento integral a que aspiramos. Somos amigos fracionários, que buscamos, um no outro, não o indivíduo, mas certo aspecto dele. Faz-me isso pensar que, no geral, os amigos não nos vêem como a um ser indiviso, mas, ao contrário, nos

fragmentam. Elegem, em nós, as feições que lhes aprazem; procuram-nos em um ângulo, às vezes em uma linha, ou mesmo em um ponto apenas. E está aí, porventura, a explicação do fato de nos unirmos a pessoas de caracteres tão diversos, e de nossa roda ser quase sempre heterogênea. São partes nossas que se unem por simpatia às de outros seres, embora haja umas que se repilam, ocorrendo, então, um conflito em que prevalecerão as partes simpáticas. Consultarei Silviano sobre esse conceito antifederativo do indivíduo, e lhes pedirei desculpas por esta divagação inoportuna, fruto de pequeno despeito.

É que Jandira me desapontou. Chegado à sua casa, desde logo senti um ambiente frio, bem diverso da atmosfera tépida que sempre ali encontrei. Vim de lá quase magoado. A amiga está-se dispersando, procurando outros climas. Influência da professora vizinha, com quem ela se relacionou há uns dois ou três meses? Reação contra o ritmo um tanto monótono de sua vida? Coisas de mulher. Noto que virou quase um quadrante na sua rota, e isso me fez meditar, com tristeza, na mutação dos quadros da vida. Procuramos inutilmente fixar um círculo, uma paisagem em que nosso espírito se compraz, mas a vida é terrivelmente móvel. Os quadros se vão sucedendo, os amigos se deslocam, as perspectivas se transformam. Creio que perdi a amiga, coisa grave numa idade em que já não se fazem novos amigos.

Jogavam coon-can-play na pequena sala. Ela, a professora e dois cavalheiros de desigual idade e catadura. Jandira correspondeu com ligeiro sorriso à minha saudação, mas não me fez a festa do costume. Apresentou-me à roda, esclarecendo a minha qualidade de velho camarada.

E mencionou os outros, para mim:

—Anita, minha amiga; o professor Barroso, aqui conhecido por "Almirante": foi Anita quem nos trouxe esta flor; e finalmente, Belmiro, este é o Azevedo Leão... doutorando.

D. Anita me sorriu, com seu olhar meio estrábico, o professor declarou que já me vira, em companhia do Prudêncio Gouveia, e o doutorando deu-me forte aperto de mão, dizendo com ar importante e um charuto entre os dentes: "Sempre às suas ordens. Um amigo de Jandira passa a ser meu, nem precisa quarentena. Pode encontrar-me no apartamento ou na Faculdade. De manhã trabalho, também, na Santa Casa. Sou assistente de clínica... (Citou qualquer especialidade arrevesada, cujo nome não guardei.) Precisando, disponha."

Agradei ao falastrão e insisti para que continuassem o jogo, sob pena de retirar-me, se não o fizessem. Não queria ser desmancha-prazeres. Atendido,

pus-me ao lado do Almirante, pessoa com quem simpatizei. Perguntou-me este, sorridente, se eu não tinha pé-frio. Respondi-lhe que não sabia. Experimentaríamos. À vista de um coringa, ficou satisfeíssimo e segredou-me:

—O senhor tem um olho episcopal. O canalha gentil compareceu logo.

É um sujeito divertido. Toda vez que perdia com o coringa, invectivava furiosamente a carta: "Canalha gentil, torpe D. Juan!" E, se lhe pegavam uma carta, dava um suspiro e dizia: "Muito bem! exclamou o Conde, depois de prolongado silêncio." Durante todo o tempo em que estive a seu lado, ouvi-lhe frases desse gênero, por certo apanhadas em leituras. Um pândego. Foi ele quem me reteve ali, despertando-me um interesse que venceu a natural hostilidade para com a nova roda da amiga.

Quanto ao pedante doutorando, provocou-me imediata aversão. Creio que pressenti nele um possível namorado para Jandira, e isso me enciumou. É rapagão bem vestido e elegante. Certamente lhe pertence a baratinha que vi à porta da casa, ao entrar. Será possível que ela o namore? Como tolerará um indivíduo dessa espécie?

Fiquei cerca de duas horas a sapear o jogo, encantado com o Almirante. Eram dez da noite quando saí, deixando-os ainda com as cartas. Parece-me que Jandira não tardará a desertar de nosso pequeno círculo. Sorrateiramente, nestes dois meses, foi criando um outro núcleo que fará concorrência ao nosso na disputa de sua pessoa. Nem sequer me perguntou pelo Redelvim. Pobre Redelvim! Já vai para semana e meia que está preso e continua incomunicável. Levarei amanhã, à delegacia, para que lhe sejam entregues, novos livros e alguns maços de cigarros.

§ 63. LUNFA DE PENOSA.

TIVE duas visitas esta noite: Florêncio e o investigador Parreiras. O primeiro, que passou quinze dias em Sete Lagoas a fazer seguros de vida, não está com a mesma cara. Os médicos lhe suspenderam o chope, isto é, suspenderam o próprio Florêncio, que virou outro. Anda queixoso e neurastênico, achando tudo ruim. Aconselhei-o a voltar ao copo com urgência: será o meio de reencarná-lo em si próprio. Está indignado com Mariana, por ter a mulher

conspirado com os médicos e viver a espioná-lo.

Ainda se encontrava aqui, quando veio o Parreiras para me anunciar que já posso ver Redelvim. Florêncio contou-me que experimentou grande abalo quando, ao ler os jornais, em Sete Lagoas, descobriu, na relação das pessoas presas, o nome do nosso amigo. Não tinha podido ir visitá-lo, pois chegara hoje pela manhã e havia muitos negócios para tratar. Combinamos aparecer juntos, amanhã, na Polícia Central. E ficou estabelecido que, no dia da soltura, haverá chope, em que pese à Mariana e aos médicos.

Aproveitei a presença do Parreiras para um esclarecimento a respeito da conversa dos lunfas, pedindo-lhe explicação da gíria que lhes ouvi. Tenho pruridos filológicos, quando as namoradas me abandonam. Disse-me o investigador que lunfa de penosa significa ladrão de galinha. E Florêncio se divertiu bastante ao saber que os larápios me acharam com cara de ladrão de galinha...

Quanto aos outros vocábulos: **cana** quer dizer prisão; **ser encapado**—ser preso; **punguista**—batedor de carteira; **tira**—investigador, polícia secreta; **acampanar**—seguir o criminoso ou indivíduo suspeito; **grinfa**—morena, pequena, namorada; **bancar o vigário**—passar o conto-do-vigário; **otário**—simplório, trouxa; **afanar**—furtar; **grana**—dinheiro; **couro**—carteira de dinheiro; **pássaro**—detento, e **gaiola**—prisão.

Parreiras e Florêncio (que também é versado nesse calão) prometeram-me um completo vocabulário dos termos em uso entre os malandros.

§ 64. UM "FOGO".

ESTA manhã, um pouco aflita, Emília veio indagar se era verdade que houve um "fogo".

Aludia à revolução de novembro. Narrando, em meias-palavras, a prisão, ontem, do nosso padeiro, falou-me que o outro, que o substituiu hoje na entrega de pães, lhe disse ter sido causa disso uma guerra havida no Rio. Respondi afirmativamente: houve "fogo", e morreu muita gente.

—**Móde** quê? perguntou (dizia o velho Borba que essa locução é uma corruptela de "por amor de quê").

Para satisfazer à sua curiosidade, que tão raro se exercita, servi-me da mesma explicação dada durante a revolução de 1930: fora uma briga de dois coronéis, gente graúda. De outro modo, ser-lhe-ia difícil compreender.

Em Vila Caraíbas havia, ainda, memória das rixas seculares entre famílias importantes. A vila era pacífica, mas um pouco além, nos confins do Norte, ocorreram durante muito tempo querelas sangrentas, que consumiam famílias inteiras. Dois coronéis fazendeiros brigavam por questões de terra ou de honra, iam às armas, matavam-se. Filhos, netos e bisnetos herdavam a contenda avoenga, e esta só terminava, às vezes, com a aniquilação de todos os elementos válidos, de parte a parte. Havia recontros armados, com jagunços de um e outro lado. A isso chamavam um "fogo".

A pergunta de Emília, a propósito da revolução comunista, lembrou-me os dias penosos de 1930, quando as manas me deram grande trabalho.

Pela situação desta casa, se não fugíssemos, ficaríamos entre as balas do Exército, que vinham da colina, e as da Polícia, que procediam do edifício onde hoje se acha o Departamento de Instrução da Força Pública. Cessada a luta, vi que a casa fora, também, brindada com algumas balas perdidas, provavelmente vindas do Morro dos Pintos, então ocupado por um contingente policial.

Pela tarde, pouco antes de se iniciar o cerco do 12.º Regimento, um pequeno destacamento de soldados descera a Rua Erê, intimando os moradores a desocupar as casas. Francisquinha estava, naquele dia, muito mal, e foi vão todo o esforço para tirá-la de casa. Posto que estivesse mais ou menos a par da situação, Emília — vendo a irmã em tal estado — começou também a oferecer resistência. Um vizinho deliberou não evacuar a zona e instalou-se no porão, com a família; Emília queria que fizéssemos o mesmo, no porão nosso, de meio metro de altura.

Não encontrando quem me auxiliasse em remover as duas velhas, tive de resignar-me e aguardar os acontecimentos. Um rápido tiroteio, às oito da noite, deu-me a impressão de que a luta se iniciara. Soube, depois, que fora apenas um combate ligeiro, entre a guarda da Cadeia Pública e o pessoal do 12.º Regimento, que resolvera ocupar aquele edifício, considerado ponto estratégico.

Só à meia-noite, vindo Giovanni e Prudêncio Gouveia em meu auxílio (depois de se terem retirado, às pressas, lembraram-se de que eu deveria estar

em apuros, com as velhas, e voltaram), pudemos carregar a Francisquinha nos braços. Emília nos acompanhou, e Giovanni se incumbiu de transportar pequenas coisas indispensáveis para passarmos alguns dias fora. O bom Prudêncio levou-me, com as manas, para a casa da mãe dele, num recanto do bairro da Floresta, livrando-nos de passar os maus momentos que muitas famílias experimentaram, dormindo no mato, a seis ou oito quilômetros da Capital.

Teria sido impossível permanecer na casa: o alpendre, que dá para a Rua do Piau e está inteiramente a descoberto, ficou crivado de balas. Algumas vararam as portas e foram alojar-se no meu escritório e nos quartos.

Lembrando-se, por certo, das vicissitudes sofridas naquela ocasião, Emília me perguntou se o "fogo" de agora ia durar e se se estenderia a Belo Horizonte.

—Não, não, disse eu, tranqüilizando-a. O Governo entrou no meio e prendeu todos.

§ 65. E O CASAMENTO É PARA JÁ.

DEVEM ter notado (publicarei, mesmo, estes cadernos?) que há muito não falo em Carmélia, nem no Glicério. Decorreram já duas semanas desde o dia em que o **Minas Gerais** publicou a infausta informação sponsalícia.

Pirraça pura. Bem que tenho tido desejo de dizer que ainda amo a donzela, embora sob uma forma diferente, quase como a de saudade da amada que morreu. Pelo menos, as crises vão-se espaçando, e há muito não experimento uma recidiva, daquelas bravas, que ficaram registradas em páginas passadas destes cadernos. Estabeleci comigo mesmo o compromisso de não mais, aqui ou alhures, mencionar-lhe o nome. Rompo, hoje, o pacto, por dois motivos.

Primeiro, porque Glicério me prestou interessantes informações; segundo, porque conheço muito o Dom Donzel da Rua Erê, e noto que isso de silenciar sobre a moça não exprime indiferença e antes pode ser indício de manhosos e subterrâneos sentimentos.

Pelo sim, pelo não, melhor será não sabotar o Belmiro flautista. Deixá-lo

esparramar-se no papel, reduzi-lo a coisa escrita é o meio mais eficaz de liquidá-lo e, com ele, a donzela. Esta literatura íntima é a minha salvação.

Quanto ao Glicério, pareceu-me que também fizera pacto idêntico com o seu demônio, se é que o tem, pois nestes quinze dias não me disse nada que envolvesse Carmélia, o noivo ou o noivado. Embora surgissem vários "a propósito", os mesmos não foram utilizados. Por exemplo: o companheiro de lunetas douradas, de quem lhes falei há meses (sele a petição e volte, querendo), cometeu a loucura de contratar casamento, e o caso foi comentadíssimo. Está beirando os sessenta, e a noiva tem apenas vinte e dois anos. Melhor "a propósito" não haveria, mas Glicério ficou firme.

Hoje, porém, deve ter chegado ao extremo da resistência. Acabou entregando os pontos e vindo falar-me sobre a namorada comum.

—Novidades, seu Belmiro. Sindiquei a respeito do noivado.

—Que noivado? perguntei, fingindo supor que se tratava do caso do velho companheiro de Seção.—O do Filgueiras?

—Nã...ão. Ora esta. O de Carmélia.

—Então?

—A coisa já vinha de muito tempo. Foram namorados quando Carmélia esteve em São Paulo, há três anos. Segundo diz o Jorge, sua idéia de vir para cá foi um pouco por causa disso. O namoro não continuou, com o regresso de Carmélia, nem se firmou compromisso. Mas ficou um ranço... Com a vinda de Jorge, logo aos primeiros quinze dias, a coisa pegou outra vez. Inteiramente à nossa revelia...

—À sua, emendei; você é que era interessado...

—Amigo urso! Na hora ruim não quer ser companheiro, mas vá lá. É como disse: estavam-se namorando sorrateiramente, sem a gente saber. Um belo dia, aquela "bomba" no Minas Gerais!

—Estive lá ontem, continuou. A viúva está ovante. Francamente cacete. Só fala que pode morrer sossegada (ninguém tem mais medo da morte do que ela), pois seu ideal se realizou. Receava que Carmélia se casasse com "qualquer um" daqui. Que pena o Dr. Aurélio não estar vivo, repete a todo momento; era louco pelo Jorge. Depois, fica horas e horas a contar grandezas, besteiras de enxoval, isso, aquilo... O casamento vai ser na intimidade. Realiza-se já, e não faz ainda

um ano que o velho morreu. Por isso, não haverá cerimônias complicadas."

Nesta altura, lamentei de mim para mim o desperdício da cena que compus no trajeto de bonde e que ficou registrada em outro ponto destes cadernos.

—Quer dizer que não haverá doces? perguntei, pensando nos casamentos de Vila Caraíbas, onde as festas duravam três dias e três noites, com bailes, leitão assado, bebidas a rodo.

—Bom. Doces deve haver para os íntimos, com uma taça de champanha, respondeu, tomando a pergunta ao pé da letra. Mas a portas fechadas. O melhor não é isso, seu Belmiro, guardei a grande novidade para o fim: vão à Europa em lua-de-mel.

—Não é possível! Nunca se fez isso em Minas. É quase uma afronta a nós todos. Os mais pródigos vão à Argentina. Mas o trivial é ficar mesmo pelo Rio...

—Mas você se esqueceu de que se trata de gente rica e importante, de São Paulo. O Jorge tem dinheiro a valer e já andou pela Alemanha, em estudos de aperfeiçoamento. A viúva diz que não é bem uma lua-de-mel. O Jorge vai aproveitá-la para fazer um curso em Paris.

—Dois proveitos num saco! Mas é pena estragar a lua-de-mel com esse negócio de curso. Enfim, coisas de filistinos.

—Isso mesmo, respondeu, satisfeito. Não passam de filistinos.

—E quando é o casório? perguntei, com o coração meio agitado.

—É para já. O dia certo não sei. A viúva seguirá amanhã ou depois para comprar, no Rio, o resto do enxoval. Quanto ao mais, comunico-lhe (nesse momento não pôde evitar um tom de superioridade, que lhe perdôo) que sou dos poucos convidados. Foi a própria Carmélia quem me fez o convite.

Depois, para corrigir a rudeza da comunicação:

—Você não imagina como ficou melosa, com o noivado. Acabou-se a sua Arabela (mandou-me essa estocada, dando acento irônico às suas palavras, mas recuou logo, vendo-me fechar a cara). É uma noiva perfeitamente vulgar. Quanto ao Jorge, está numa arrogância insuportável. Está besta, não há outra expressão.

—É compreensível. Com a vitória obtida sobre os elegantes da terra...

(disse-lhe, para compensar, com ligeiro golpe, seu assalto anterior. Preciso reagir: Glicério está-me faltando ao respeito).— Você anda positivamente de má vontade para com o rapaz. Vai ver que nem ficou tão besta assim...

—Está certo, Belmiro. Então você é que está besta...

Disse isso com tanta raiva que não pude conter uma gargalhada. Afinal, a conversa acabou bem, e nós nos despedimos. Já era hora de se encerrar o expediente.

Como vêem, foi um dia cheio de novidades. Tão cheio, que me deixou cansado a ponto de não conseguir, senão por violento esforço, levar estas linhas até ao fim.

§ 66. TEMA PARA UMA ELEGIA.

ASSISTI, esta manhã, aos funerais de um tenente da Força Pública, meu companheiro de bairro, morto em circunstâncias dramáticas. Ao desviar-se de um bonde, na Rua dos Pampas, foi colhido por um automóvel, que o atirou a um poste, dando-lhe morte instantânea. Estava casado havia dois meses apenas, e o golpe transtornou a razão da viúva, que se acha recolhida, neste momento, ao Instituto de Psicopatas. O professor Barroso, por mim encontrado entre os que acompanhavam o enterro, referiu-me uma história que vem aprofundar, no acontecimento, o sentido de tragédia.

Há dez anos, esse tenente, então simples furriel, comandava um destacamento policial em pequena vila do interior do Estado. Foi quando conheceu a pobre senhora que é hoje sua viúva. Era uma flor de rapariga, filha de importante fazendeiro, espécie de senhor feudal da localidade. Apaixonaram-se um pelo outro, quiseram casar-se, mas o pai fez uma oposição obstinada. Não haveria de casar a filha com um furriel. Como o namoro continuasse, clandestinamente, o velho pôs em ação seu prestígio político e obteve a remoção do militar para município distante. A paixão se agravou, de parte a parte, e os dois estabeleceram, desde logo, uma correspondência epistolar, cheia de extravios e incidentes, mas suficiente para entreter o fio do amor. Cresceu, no peito do soldado, a ambição de galgar postos e conquistar galões para conseguir a mão da amada. Arriscava-se nas mais difíceis diligências, afrontava todos os perigos.

Dentro de dois anos, era segundo-sargento, mas o velho fazendeiro continuava duro em sua negativa. Na revolução de 30, o segundo-sargento conquistou mais uma divisa. O velho não se abalou; já era questão de capricho. Arranjou, para a moça, um casamento de conveniência. Esta bateu o pé e jurou que só se casaria com o seu antigo namorado, já agora primeiro-sargento. O fazendeiro redobrou sua oposição, álgido e inflexível. Na revolução de 1932, no setor do Túnel, p primeiro-sargento passou a sargento-ajudante e, logo depois, a segundo-tenente, por atos de bravura. Nada adiantaram, para o seu amor, os riscos por que passou ali. O velho declarou que, enquanto vivo, não cederia. Mas o seu capricho só fazia animar o capricho do militar, ferido nos brios de homem. Talvez já não houvesse amor, no caso. Pela parte da moça, Barroso pouco sabe, a não ser que também continuou firme no juramento e que, desde o início da história, ficou inimiga do pai.

No meio deste ano, o ranzinza bateu a bota, e sua morte veio permitir a realização do casamento dez anos projetado. O furriel de outros tempos era, agora, garboso primeiro-tenente de nossa milícia. Combinadas as coisas por correspondência, fixou-se o dia do casamento, e o Romeu foi buscar sua Julieta.

Barroso não pôde dar à narração a intensidade afetiva do acontecimento, mas, pelo que me disse, calculo como foi extraordinário o que, então, sucedeu.

A moça deixa a fazenda para ir recebê-lo na casa da vila, acompanhada da irmã e de um irmão. Trocam-se cumprimentos comovidos, mas o nosso tenente, perplexo, não sabe qual, dentre elas, é a sua amada. Há uma, viçosa, toda aberta em sorrisos, e outra, ressequida, gasta e melancólica. Depois de ligeira hesitação, dirige-se para a que lhe é grata aos olhos, fazendo um gesto de abraço. Mas esta percebe o equívoco e lhe diz: "Não... Não sou eu... É ela..."

Barroso contou-me que o homem, extremamente pálido, se apoiou a uma cadeira, depois se assentou e pôs-se a chorar, debruçado sobre a mesa. Não me disse o amigo como foi interpretada a atitude do noivo; nem o poderia dizer, porque chegaram a nós pessoas aparentadas com o morto. E o que importa não é isso, mas procurar desvendar o que se passou, então, no espírito do tenente. Ele chorou talvez a mocidade, a vida que nela morreu. Tal como aconteceu a mim—quando procurei Camila e não vi senão uma sombra—o espectro daquilo que fora os seus amores se sobrepusera, de modo insólito e cruel, à imagem longamente sonhada e que era uma imagem do passado. E chorou amargamente. Flevit amarê, como Simão Pedro.

§ 67. NOVALUZ SOBRE SILVIANO.

ESQUECEU-ME dizer-lhes que a morte do tenente e seu enterro me impediram, ontem, de ir ver Redelvim, conforme combinei com Florêncio.

Fui hoje cedo à casa deste último, apresentar desculpas (deve ter ficado aborrecido com a minha ausência no local determinado para o encontro) e repetir o convite para a pretendida visita. Encontrei-o de pijama, no alpendre, a renovar o alpiste dos passarinhos. Dada a explicação do meu impedimento na tarde de ontem, ele se prontificou a sair comigo, a fim de irmos imediatamente à delegacia.

Quando chegamos à escadaria externa que leva ao saguão do edifício, vimos, com surpresa, Silviano, que descia majestosamente os degraus. Julgando improvável uma visita sua a Redelvim, dada a hostilidade mútua que há entre os dois, desde algum tempo, perguntei-lhe:

—Que novidade é essa?... Você por aqui?

—Vim visitar o esquerdista. Deliberei perdoar-lhe os aleives que me assacou. Afinal, é um destrambelhado. Devo ficar acima de coisinhas.

—Esteve com ele? Como vai?

—Não. Já o soltaram. Fizeram bem. O regime estará perfeitamente seguro, enquanto for ameaçado pelo Redelvim.

Florêncio e eu tivemos grande alegria com a notícia. Propusemos-lhe uma ida imediata à pensão do amigo. Deveria estar lá. Silviano nos disse, porém, que, pelo telefone do gabinete do delegado, se informara a respeito. Redelvim, posto ontem à noite em liberdade, fora à pensão, apanhara a bagagem e mudara de residência. Como de costume, não deixou endereço. - Alvitrei que fôssemos, então, à casa de Jandira. Ele a teria procurado, com certeza.

—Não há necessidade de tamanho açodamento. Sofreia os teus ímpetos, Porfírio. Melhor é que venhas à minha casa. Preciso falar-te. Que venha também o Abundâncio, disse Silviano.

—Já falei com você que não me chamo Abundâncio, disse Florêncio, agastado. E agradeço o convite. A suspensão do chope me faz quase doido. E não

quero acabar de ficar, ouvindo suas loucuras.

Silviano teve um sorriso olímpico e pôs a mão no ombro do Florêncio, amigavelmente:

—Não se mostre mal-humorado. O mau humor é um vício, conforme o nosso amigo Wolfgang Goethe.

Florêncio respondeu que, se existisse alguém com nome tão arrevesado, esse alguém não poderia deixar de ser um acabado imbecil. E despediu-se de nós, alegando ter pressa de voltar para casa.

—Ora, o Abundância!... disse o Silviano, rasgando o ar com o braço, num gesto que deveria exprimir desprezo.—Venha comigo. Quero mostrar-lhe apontamentos, que tomei, para um artigo no suplemento da Gazeta de Minas. Simples notas de minha Spicilegia. Para o caso de que você, miudinho como sempre, venha com ironias, advirto-o de que só me causam tédio e pena.

Assim entramos em seu escritório, entregou-me algumas tiras de papel escritas. Depois, sacando o relógio, verificou que era chegada a hora de aula, na Universidade, e disse parecer-lhe melhor que eu as lesse calmamente, em casa. Precisava sair com urgência. E seguimos juntos, até ao ponto de bondes.

Transcrevo, aqui, parte desses apontamentos, que mostram o estado de espírito do amigo e as meditações em que anda metido. Estranho homem! Que pensar dele, afinal? Eis as notas, que se acham sob a epígrafe **Libido sciendi**:

"Para nós, que chegamos ao dealbar dos quarenta e que vivemos em grandes escafandrias mentais, para nós só existe um problema, aliás o eterno: o Fáustico. Não fora o receio de ser chacinados pela vil raça dos revisores de imprensa, citaríamos aqui, no original, as maravilhosas expressões de Goethe, quando os sinos, no Fausto, anunciam a ressurreição do Cristo, e outras palavras eternas com que o altíssimo poeta define o fáustico problema!

Tal é a termometria de um constante estado psicológico: a vida estrangulada pelo conhecimento.

Bebi as minhas próprias cinzas. Já vão longe os tempos em que o espírito adejou em torno das damicelas encantadoras. Agora (e como nisto diferimos desses que sempre perseguem seus ideais de pobres-diabos e suas ambições sombrias!), agora o que nos importa é esse encontro diário com o mistério impenetrável: o sentido da vida e o destino do homem. Estamos inquietos, mas

Newman nos tranquiliza: *To be at easy is to be unsafe. A emoção trágica verdadeira não surge em nós senão no dia em que percebemos as coisas no seu ilogismo eterno. Como extrair um sentido dessa vã agitação de sombras vãs, que outra sombra impele? Clemente de Alexandria estaria certo? Deveremos encarar o mundo como... (verificar o texto.)*

Meditar esta tarde nas palavras do incomensurável aquinatense: "O HOMEM NÃO PODE SABER O QUE DEUS É, MAS APENAS O QUE ELE NÃO É."

A filosofia de Santo Tomás (um filistino, um não-iniciado diria São Tomás, estabelecendo a confusão) é a mais estúpida tentativa de fechar o ciclo de nossas angústias, ou seja a nossa aspiração incoercível para a totalidade.

O homem não esgota a Verdade. Isto de partir de si mesmo e de reduzir o mundo a si mesmo é um solecismo filosófico.

Platão e Bergson—quem o ignora?—são aedos suculentos. Outros nos fazem divagar e devanear pelos intermúndios além. Desembarcados, porém, dessa estratosfera do pensamento—e lidas as notas, as observações hauridas nessas viagens às vezes tão longas e sempre exaustivas —vemo-nos vítimas daquela famosa ficção universal, assinalada pelo Jules de Gautier e espantamo-nos do tumultuário e do desconcertante de nossas idéias.

Homo: animal metaphysicum.

—A vida não é evidente, mas também não é inexplicável (Santo Tomás Aq.). Urge um equilíbrio entre o transcendente e o imanente. A verdade em si, absoluta, eheu! está muito além das nossas míseras possibilidades. Só assim conjuramos o desespero de não conhecer tudo: convencendo-nos de que incognoscível não é sinônimo de inexistente.

"Je me puis trouver le repos, j'ai soif d'infini"

"Mon ame languissante aspire aux inconnus lointains"

(RABINDRANATH TAG.)

REM MEDITARI—O homem é ordenado para um fim que lhe transcende o entendimento! Daí o ser impossível, sem a outra ciência, a revelada, conhecermos e atingirmos o nosso fim. Defeituoso, na essência, todo

conhecimento que repousa na autoridade humana. O homem nasceu Para uma condição limitada.

Necessidade da ascese: "A sabedoria não entrará numa alma malévola, nem habitará um corpo escravo de pecados" (Espírito Santo— Sabedoria I, 4)

Estas notas a mim confiadas, esclareceu Silviano, deverão fundamentar um artigo seu na Gazeta de **Minas**. Que o leitor as aprecie. O trabalho de lê-las (a caligrafia do amigo é impenetrável), resumi-las e copiá-las deixou-me cansado. Tenho sono, e os bondes da madrugada já correm pela Rua Erê, fazendo estremecer as paredes do escritório. Devem ser cinco horas.

De um modo geral e perfunctório, achei-as soberbas, no seu largo estilo silviânico, que pode tanger o ridículo, mas bordeja grandes abismos e procura culminâncias.

Elas me lembram um Silviano majestoso que certa noite, no Alto do Cruzeiro, olhando para as estrelas e erguendo os braços, proferiu esta prece:

—Ó Inconcebível, ó Imensurável, ó Transfinito, condescende em que se prostre a teus pés este farrapo de um farrapo, este pobre verme, sopro dum instante, prestes a ser tragado no hausto universal!

§ 68. UM PROCURADOR DE AMIGOS.

AMANHÃ DE 21 DE DEZEMBRO (nove horas).-Madruguei em casa de Jandira para saber notícias do Redelvim. Eram sete horas, sete da madrugada, conforme diz a amiga, sempre revoltada contra o despertador, que a acorda e envia para o escritório comercial onde entra às oito. Esperei-a um pouco, até que tivesse terminado sua **toilette** e pudéssemos sair juntos. A caminho, perguntei-lhe se o nosso revolucionário não tinha estado lá.

—Como? Já foi solto? interrogou.

Vejo que Redelvim ainda não a procurou também, e isso me admira porque, no momento, é Jandira a pessoa que ele mais frequenta.

Minha resposta, afirmativa, causou-lhe uma alegria que me fez lembrar

os antigos tempos de nossa convivência.

—Vou descobrir o urso, disse-me, satisfeita, quando entrou na casa comercial, despedindo-se com um aceno de mão.

Voltei à Rua Erê, e, para aguardar o almoço, ponho-me a rabiscar estas linhas.

Devo nutrir esperanças, quanto a uma recomposição do nosso pequeno círculo, hoje dissolvido, na realidade? Ou este círculo apenas existiu no meu desejo? Os encontros que tivemos, tantas vezes, não evidenciaram, antes, uma impossibilidade de comércio e de reunião entre elementos tão diferenciados? Bem vejo que, durante todo o tempo percorrido, a pequena roda não foi sustentada por força própria, nem pelos misteriosos princípios de aglutinação que regulam as aproximações humanas. Se Jandira e Redelvim—de um lado—e Silviano e Glicério—de outro—se entendem, o mesmo não acontece entre Redelvim e Glicério, Redelvim e Silviano, Silviano e Jandira, Silviano e Florêncio. Noto que fui eu, com o meu desejo de sociedade, quem criou e sempre procurou sustentar essa agitada assembléia onde atuam forças tão antagônicas.

Finalmente, as dissensões de pensamento, agravadas pela atmosfera pesada deste fim de ano, lhe apressam a dissolução. Redelvim, anarquista; Jandira, socialista; Silviano, o homem da hierarquia intelectual e da torre de marfim; Glicério, com tendências aristocráticas; Florêncio, tranqüilo pequeno burguês, de alma simples, que não opina. Será certamente impossível uni-los de novo. Por que hão de os homens separar-se pelas idéias? De bom grado, eu sacrificaria minha idéia mais nobre para não perder um amigo. Neste mundo, sou apenas um procurador de amigos.

§ 69. ENTREVISTA COM REDELVIM.

NOITE DE 21 DE DEZEMBRO.-Novidades no setor Redelvim. Por volta das oito horas, este nosso amigo veio procurar-me para agradecer os livros, "embora ordinários", que lhe mandei, durante o "retiro espiritual" (reproduzo expressões suas). Está um pouco mudado. Conhecendo a sua energia, não atribuirei essa mudança ao fato da prisão, que só poderia exacerbar-lhe o sentimento revolucionário e jamais intimidá-lo. O que terá determinado tal

transformação foi o retiro espiritual, como ele próprio denomina sua reclusão involuntária. Isolado em pequeno compartimento, levou, durante vinte dias, um regime de vida que há anos não conhecia e lhe permitiu talvez uma restauração nervosa. Vivendo inquieto, de redação para redação, abusando dos excitantes, alimentando-se pouco, dormindo menos, acossado pelos credores e explorado pelos diretores de jornal, acabou por chegar ao "estado de raiva", como diz Silviano. Confessou-me que desde alguns anos não dormia regularmente e que, nestes vinte dias, tirou todo o atraso. Provavelmente esse repouso completo lhe ofereceu ensejo para uma revisão de rumos e reflexão mais serena sobre as coisas.

Acredito também (e isso aconteceu a muitos) que o choque de novembro tenha produzido no seu espírito uma descarga. A atmosfera foi opressiva, nos meses que antecederam o golpe extremista. Redelvim os viveu agitadamente, na expectativa de qualquer coisa extraordinária, que viesse satisfazer à sua necessidade de terremotos e à sua revolta contra as coisas. Revolta decerto justificável, mas desorientada, quanto aos meios. Embora haja abortado, a rebelião teve, psicologicamente, efeitos consideráveis, operando essa descarga que deveria desoprimir o ambiente, dissipar as fantasias, dar rumos aos indecisos, despertar, de um modo geral, o senso de responsabilidade de cada um, fosse de um lado, fosse de outro.

O certo é que Redelvim está diferente. Recordemos a conversação de há pouco: contou-me, de início, que foi tratado humanamente na prisão; a princípio, esteve um pouco inquieto, supondo que o fossem enviar para o Rio. Refletindo, porém, sobre o assunto, considerou que, afinal, não existiam provas de sua participação no movimento, e que a polícia do Rio, por outro lado, deveria estar com as prisões cheias de conspiradores. Concluiu que ficaria mesmo por aqui e seria, mais cedo ou mais tarde, posto em liberdade. Aliás, o delegado lhe deu a entender isso, depois dos primeiros interrogatórios. Dissipado o receio da remessa para o Rio ("Você compreende que seria bem pau, disse.

Aqui, pelo menos, não há pedicuros. Lá, arrancando unhas, extraem da gente o que querem"), passou a encarar o caso corri espírito esportivo e deliberou tirar vantagem da situação, lendo, descansando e meditando.

Em suma, disse-me continuar contra o Estado burguês e capitalista, mas está picado pela desconfiança e pela incerteza e se julga um elemento inapto para agir, pois não pode fazê-lo em estado de dúvida. Não quer cooperar para uma ação em cujas diretivas não possa influir, pois teme os desvios duma ditadura. Meditara bastante sobre o conflito entre Trotsky e Stalin, e perguntara a si próprio se a ação de Stalin terá um sentido apenas particular e episódico ou,

pelo contrário, exprimirá uma impossibilidade de realizar-se, na íntegra, a idéia marxista. Depois de pensar maduramente, achou também que o Brasil não está suficientemente preparado e ainda não surgira a equipe que poderia organizar o pós-revolução. Por isso, vai abster-se da ação e será apenas um espectador, até quando lhe convier.

Nada mais disse, a respeito, nem lhe foi perguntado. Creio, porém, que me oculta uma reviravolta mais profunda. Sua probidade intelectual foi, no caso, vencida pelo orgulho.

Perguntei-lhe por onde andou metido, depois que o puseram em liberdade. Procurei-o em casa de Jandira e soube que também lá não esteve.

—Cheguei até a porta do seu apartamento, respondeu, contrariado; mas ouvi vozes lá dentro e voltei. Pareceu-me que alguns imbecis jogavam com ela.

Por último, informou haver recebido uma carta da mãe, pedindo insistentemente que fosse vê-la. Não o faz há anos: ela é que aqui vem, sempre que pode.

—A velha anda muito doente e foi morar na fazenda com o meu tio. Estou querendo ir passar uns tempos lá, se a polícia deixar. Está bem. Até logo.

Pus-me a pensar em D. Maria Júlia. Redelvim, quando o conheci, estava brigado com ela. Viúva desde muitos anos, resolvera contrair segundas núpcias. Passava, então, dos quarenta.

Acredito que se Redelvim houvesse ficado em sua companhia o afeto maternal lhe teria ocupado inteiramente o coração e não a deixaria disponível para outros afetos. Mas ele veio para Belo Horizonte desde rapazinho, quando o pai sucumbiu a uma hemoptise, após longa enfermidade. Tempos depois, a mãe se casou com um pobre homem que sofria um incômodo nervoso, de cujo nome não me lembro, e que vivia a tremer. É dessas criaturas que têm vocação para o sacrifício ou que, então, se comprazem na dor, como suporiam os sujeitos maldosos. Acostumou-se, sem dúvida, ao papel de enfermeira e, não encontrando jeito de continuar a exercê-lo depois da morte do marido, nem tendo perto de si o Redelvim, para lhe dispensar cuidados de mãe, teve pena do infeliz e decidiu desposá-lo, decerto impelida pelo mesmo sentimento com que teria tomado o hábito de irmã de caridade.

Não compreendendo isso, Redelvim combateu violentamente e em vão o projeto. Realizado o casamento, ficou furioso e dispôs-se a não mais ir vê-la, enquanto estivesse na companhia do segundo marido. Mas a velha vinha a Belo

Horizonte sempre que as circunstâncias permitiam. Enviuvou pela segunda vez, há três anos, e, desde então, amiudou as visitas ao filho, dispensando-o de ir à procura dela. Há alguns meses tem estado enferma e quem fará a viagem agora é o Redelvim. Deve andar perto dos sessenta.

Bom será que a mãe o retenha algum tempo na fazenda. Se ele voltar à vida antiga não a viverá muito. Nem sei mesmo explicar como a tuberculose, freqüente na família, ainda não o colheu em suas malhas. Parece-me que só os nervos o sustentam.

§ 70. O HOMEM DO FUNIL.

FLORENCIO foi buscar-me hoje, à saída da Secretaria, para dar a grande notícia: obteve permissão para voltar ao chope.

—O médico apenas me recomendou que não tomasse mais de dez por dia, esclareceu.

Estava transfigurado: era o Florêncio antigo, amável, galhofeiro. Levou-me logo a um bar.

—E agora, Belmiro velho, beberei nem que seja pelo funil!

—Funil? Por quê?

Dando uma gargalhada e segurando-me com a mão peluda, no antebraço, exclamou:

—É verdade. Não lhe contei ainda a história do funil. E referiu-me o caso de um tabelião Carpóforo, que conheceu numa cidade do Sul de Minas. Vítima de um tumor maligno que lhe comprimiu o esôfago a ponto de não lhe permitir a ingestão, mesmo de líquidos, por via bucal, esse homem teve de alimentar-se, nos últimos meses de vida, por meio de sonda introduzida diretamente no estômago. Como gostava muito de beber, o médico, que o sabia condenado à morte, não o quis privar do vício. Servindo-se de um funil, o velho Carpóforo levava a bebida ao estômago, num gesto trágico e cômico ao mesmo tempo. E, para consolar o paladar da passagem da bebida por outra via, bochechava com o resto que havia no fundo do copo.

Contou-me também que, perguntado pelo médico sobre a natureza do alimento tomado em determinado dia, o tabelião informava: "O que ele comeu hoje foi um arrozinho mole." Ou, então: "Ele tomou um caldinho, doutor."

O "ele" a que se referia era seu estômago. Habitou-se a tratá-lo como um indivíduo à parte, independente do organismo...

Florêncio relatou o caso com espírito, ilustrando a narrativa com adequada mímica.

Perguntei-lhe, depois, qual o médico a que recorrera para obter a volta ao chope. Respondeu-me que fora o professor Otelo.

Bem me pareceu que havia de ser o Otelo. Convidou-me um dia a tomar sorvete, e eu estava muito resfriado.

"É o medicamento específico", disse-me. Aceitei o sorvete e apanhei uma gripe pneumônica. Não acredita na medicina (salvo na sua psiquiatria, em que—talvez por ser meio gira—se tornou grande especialista) e faz humorismo quando o procuram para outras moléstias.

§ 71. ONDE APARECE O "DOUTOR ANGÉLICO"

CANSADO de escrever, e incerto quanto à conveniência de prosseguir nestas notas, pus-me a ler um pouco, depois de dado um giro pela cidade.

Por que continuar tais confidências, já destituídas de intimidade, pois que me dirijo sempre a um leitor imaginário? Prometi a mim mesmo que nunca escreveria um livro, se não lhe pudesse dar proporções monumentais. E, logo ao iniciar a tarefa, pude ver que de mim nunca sairia um monumento; Jandira jamais foi tão acertada como quando, um pouco rudemente, me fez sentir isso: nada há de mim que possa interessar, de um modo especial, a outrem.

Assim pensando, procurei, então, na leitura, satisfazer, ainda que em parte, ao monstro literário. (O leitor é, de certa forma, um escritor frustrado. Incapaz de criar, compraz-se na criação alheia.)

Ia, pois, folheando autores prediletos, quando alguém me bateu à porta da casa, com alguma veemência.

—Quem é? perguntei, com preguiça de levantar-me. Talvez fosse algum extraviado, e, nesse caso, o equívoco se desfaria sem ser preciso abrir a porta.

—É o Conde de Revila y Gigedo, responderam.

Não tive tempo de assustar-me, pois reconheci logo a voz do Silviano e passou-me rapidamente pelo espírito a lembrança de um dia em que, andando a passos largos, no alpendre da casa, o amigo se referia, irritado, a uma de suas discussões com Redelvim: "Persegue-me com a sua mania de povo. Devia primeiro indagar se povo existe! A mim, o homem que tem o senso da hierarquia!"

E expôs-me sua idéia de construir um castelo e comprar o título de Conde de Revila y Gigedo (nesse tempo amava Dolores Gigedo, o "Perrexil"). Não receberia ninguém e teria cães ferozes para estraçalharem aqueles que viessem perturbar as meditações do Pensador. Próximo à ponte levadiça, sempre suspensão, ver-se-ia um cartaz: "Domínios privados do Conde de Revila y Gigedo".

Uma idéia bem d'annunziana, como se vê. Não é por acaso que conserva um retrato do Poeta sobre a mesa. Retrato autografado, que lhe trouxeram da Itália.

Já lhes disse que o nosso amigo não se deixa medir pela bitola comum: ora tem gestos soberbos, ora caprichos de criança; pela sua cabeça passam grandes coisas e também coisas disparatadas. Não sei, além disso, até que ponto faz teatro para os outros e para si mesmo. Aquela história de Parabosco Ferrabosco, por exemplo: folheando outro dia um volume de Ribot, emprestado pelo próprio Silviano, encontro, assinalado a lápis, um capítulo sobre imaginação difluente; seguia-se-lhe, no final, uma série de depoimentos de indivíduos do tipo "espírito romanesco". Dar-se-ia que Silviano, sugestionado pela leitura, houvesse improvisado, para mim, a novela Parabosco? É possível, também, que o fato de ter sublinhado o trecho signifique haver o amigo encontrado nele o estudo de caso análogo ao seu. Mas, como chegar a uma conclusão?

Voltemos, porém, ao Conde de Revila y Gigedo. Silviano não me deu tempo para cumprimentos. Aberta a porta, disse-me à queima-roupa:

—Vim buscá-lo para irmos juntos ao Doutor Angélico. Vista-se, o carro está à porta. Acabo de fortalecer minhas convicções a respeito do cepticismo de

Pascal. Imagine, Porfirio, o Saisset o coloca entre Aenesidemo e Kant! Quero que você assista ao embate: vou fulminar o Doutor Angélico! Ah! ah! ah!... ("Doutor Angélico" é o Jerônimo. Silviano assim o apelidou por causa de sua profissão de fê tomista.)

Imaginei que deveria ser sensacional uma luta entre os dois. Embora tomista, Jerônimo é um pascalizante, segundo me informa o Silviano, que, de há muito, sustenta com ele interminável discussão sobre a posição de Pascal perante a Igreja.

Entretanto, objetei ao Silviano que, leigo no assunto, minha presença seria talvez ridícula.

—Não. Quero que venha. Você vai testemunhar um espetáculo soberbo! respondeu-me.

Seria inútil qualquer resistência, e, por isso, acompanhei o filósofo.

Chegados à casa do Jerônimo, Silviano levou-me pelo braço e foi entrando portas adentro. Surpreendemo-lo em sua biblioteca, a folhear um pequeno volume de Luc-Benoist: *La Cuisine des Anges*. Silviano lho tomou das mãos, passando-o para as minhas, e disse:

—Leia isso, seu Angélico. Leia isso. É o que há de definitivo.

—Que é? O Saisset? perguntou Jerônimo com ar desdenhoso.

—Leia. Leia. Você verá que Pascal é um caso típico de *suspensio judicii sceptica*.

—Absolutamente! tornou o Jerônimo, com calor. Já lhe disse que caíu, no máximo, numa *suspensio judicii indagatoria*. Você incide no mesmo erro da corrente racionalista do estúpido século dezanove.

—Leia, faça o favor, seu energúmeno!

—Ora, Silviano, não me faça perder o tempo. O Bremond responde a tudo isso. Você sabe que os jansenistas.. .

—Lá vem você deslealmente, com o sofisma das edições mutiladas pelos jansenistas... cortou o outro, com um sorriso vitorioso.

—Os jansenistas, continuou Jerônimo, voltando-se, agastado, para mim, publicaram, em 1670, uma edição dos *Pensamentos* suprimindo o que lhes não

convinha. Desde as edições de Brunschvicg e Strowski...

—La vieille chanson... aparteuo Silviano, com enfado.

— ... não se insiste mais neste grosseiro erro, gritou Jerônimo, gesticulando nervosamente e dirigindo-se a mim, sem prestar atenção ao Silviano. Toda a crítica moderna da França é unânime em reconhecer que ele superou o seu ceticismo.

—Oh!!! exclamou Silviano, dando uma gargalhada. "Mentis pela gorja, perro aleivoso!"

—Pascal foi um herético, mas penitenciou-se, depois, de suas heresias jansenistas! O abade Beurrier, que o assistiu, nos últimos anos, afirmou que "il est mort en bon catholique"... "parfaitement soumis à l'Eglise et à Notre Saint-Père le Pape".

Silviano puxou-o, então, pela manga do paletó, exclamando:

—Mas, deveras, você, Jerônimo, emprega argumentos dessa natureza? Eu me apoio nos próprios textos de Pascal! E em qualquer edição que você queira, entende? Ao seu Beurrier, respondo com Cousin, Michelet, Bréhier... Ou melhor, veja simplesmente a Enciclopédia Espasa, que é de Jesuítas... Pascal é arrolado entre os cépticos...

Jerônimo ficou um tanto perturbado com a arremetida. Não respondeu de pronto e se pôs nervosamente a tirar livros das estantes, colocando-os sobre a mesa ou empilhando-os em minhas mãos.

Silviano tirou partido da situação:

—Não quer confessar que os Jesuítas são suspeitos, .quanto a Pascal, hein?

—Estou apenas procurando forrar-me de caridade cristã, para poder conversar com um sofista de sua laia, respondeu Jerônimo. Sua má-fé é evidente. Já lhe disse que, mais tarde, Pascal reconheceu os seus erros. . .

E por aí continuaram, travando acalorada disputa nos domínios da teologia. Até àquele momento eu conseguira entender o que diziam, por se tratar de um tema familiar ao Silviano, muitas vezes objeto de suas conversações comigo. Mas, desde então, se perderam em tais funduras, que me senti impossibilitado de acompanhar a discussão. Para repousar o espírito, aliviando-o da forte tensão a que os amigos o obrigaram, passei a um quarto contíguo, onde

havia uma cadeira austriaca, própria para cochilos. E ali cochilei, tendo nas mãos um volume dos Pensamentos que o Jerônimo deixara nelas. Tive a impressão de que se passara um tempo considerável quando despertei, com o barulho de livros que desabavam de uma prateleira. Fui ver os dois. Não era nada: mexendo desajeitadamente na parte superior de uma das estantes, Jerônimo provocara o desabamento.

Voltei e fiquei a folhear o livro, origem de tamanhas querelas. A certa altura, encontrei palavras que pareciam adequadas a mim e, interessado, ia prosseguir no capítulo, quando os dois sutis doutores vieram buscar-me. Estavam cansados e combinaram uma trégua até ao domingo seguinte.

Talvez por gentileza, para mostrar-me que notava minha presença, Jerônimo procurou diagnosticar o meu caso, dizendo que vivo em dúvida e isso não é possível. Teremos de duvidar da própria dúvida e, então, a dúvida não subsiste. Por outro lado, se acreditarmos na dúvida, já não duvidamos...

Foi o bastante para que se ateasse nova discussão. Tendo eu ficado quieto, a braços com a minha incapacidade de debater o assunto, Silviano tomou-me a defesa, dizendo ao Jerônimo que não declaro dúvida. Minha situação é de não negar, nem afirmar.

Ao que Jerônimo respondeu tratar-se de outra atitude impossível, pois que o espírito é ativo; foi feito para afirmar e não pode estar inerte...

Silviano pareceu abalado e, meditando, disse:

—E, no entanto, ele assim é...

—Impossível, Silviano. Só é admissível isso como atitude provisória. O espírito foi feito para afirmar...

Lembrando-me do pensamento lido pouco antes, deliberei dar um ar de minha graça, e disse que eu pertencia ao número daqueles "infelizes e razoáveis", de Pascal; porfiam em procurar a Deus, sem o terem ainda encontrado.

Silviano aprovou, com um sorriso condescendente, as minhas palavras. Mas Jerônimo, ágil e eloquente, atalhou, pondo-me a mão sobre o ombro:

—Mas Pascal também escreve: "**Console-toi, tu ne me chercherais pas si tu ne m'avais trouvé**"...

Foi o fim da conversa. Silviano lembrou que eram onze da noite e Joana

deveria estar aflita. Despedimo-nos.

De volta, disse-me, no seu conhecido estilo:

—Ora, o nosso Doutor Angélico! Foi pena que você não assistisse à última fase dos debates. Veio para mim com as delgadezas e impertinências da Escolástica! Mas apanhei-o numa **ignorantia elenchi**, numa **fallacia consequentis** e num abuso de **fallacia plurium interrogationum**... Não pode comigo! Não pode comigo!

Separamo-nos em uma parada de bondes. Ainda estou um pouco aturdido pelas coisas que ouvi e não me admirarei de que —ao tentar resumi-las nestas páginas—tenha dito algum disparate. Como vêem, não perdi a noite. Instruíram-me bastante, e é possível que eu venha a tomar gosto por esse gênero de polêmica.

§ 72. PERPLEXIDADE DE GLICÉRIO.

GLICÉRIO colou grau hoje e fui assistir à cerimônia, que teve alguma imponência. Terminada a festa, cada bacharelado saiu de braço dado com a irmã, noiva, mãe ou namorada. O bacharelado Glicério de Sousa Portes saiu pelo braço do amanuense Belmiro. A família mora nos confins do Triângulo e não pôde comparecer ao ato, por motivo de moléstia do chefe, o coronel Portes.

A indecisão e o desânimo de Glicério me causam pena. Não sabe o que vai fazer do diploma. Deixa ou não deixa a Seção do Fomento Animal? Pega, ali, os seus seiscentos mil-réis, quantia que os advogados novos, cá fora, não estão ganhando. Além disso, não se sente atraído pela profissão. Apanhou o vício da literatura e só acha graça nisso. Também não quer ir para o interior.

Confessou-me que não se julga habilitado para coisa alguma e há muito tempo esta idéia o amofina. Andou tentando vários caminhos, inclusive o de rapaz elegante, mas acabou no ilícito comércio literário, traficando entorpecentes com Silviano. E nesse setor não espera produzir nada.

Procurei consolá-lo, dizendo-lhe, à maneira de Jerônimo, que isso não poderia ser senão uma atitude provisória; haverá de encontrar o seu rumo.

Lembrei-me, a propósito, da situação do Sepúlveda (o do bilhete de loteria), que, aos cinquenta anos, ainda não achou coisa a que se aplicar. Não encontra, na Seção do Fomento, os atrativos que lhe descobre o Filgueiras (o de lunetas douradas) e vive em tentativas: colecionou selos, criou canários de briga, estudou esperanto, virou integralista e, por fim, abraçou o espiritismo.

E lembrei-me de mim, também. Por que não? Fali na vida, por não ter encontrado rumos. Este Diário, ou coisa que o valha, não é sintoma disso? (Ocorrem-me umas palavras bem significativas de Gregorio Marañón: "**En el hombre adulto la práctica del Diário equivale a una supresión progresiva de la personalidad activa, social, de su autor. En realidad un Diário equivale a un lento suicídio.**")

Depois, perguntei-lhe para mudar de assunto:

—E a Nonoca? Acabou-se o namoro?

—Você anda no mundo da lua. Aquilo era um passatempo. Foi bom para ela: está quase noiva de outro, e comigo não haveria casamento.

Tomamos um chope, passeamos pela Avenida e nos despedimos. Não se falou em Carmélia.

§ 73. MAIS UM NATAL.

MERRY CHRISTMAS, Mister Belmiro.

—Merry Christmas, Mister Prudêncio.

—Bom dia, Giovanni. Muito obrigado pelo Chianti e pelas castanhas. Como vai a Marianina? E o Pietro?

O relógio de repetição dá oito horas na sala de jantar. Emilia volta da missa, com o vestido novo que exumou da canastra e cheira a naftalina. Vestido de cetineta, presente do Glicério.

—Vamos tomar um cafezinho quente, amigos. O Senhor esteja convosco.

§ 74. SERÁ NO DIA QUINZE.

SERÁ no dia 15 de janeiro o casamento. Daqui a dezoito dias. É o que Glicério informa, acrescentando que a viúva já regressou do Rio, com as peças do enxoval. Hoje é assim. Compram tudo feito. Em Vila Caraíbas, uma donzela levava um ano a preparar enxoval. Fazia riscos, bordados, mandava vir rendas de Grão Mogol, cosia com amor, aprendia a arte do bilro. Era um gosto ver essas coisas. Agora, tudo vem feito, em caixetas. Com certeza, em caixetas.

Irão mesmo à Europa. Dois proveitos num saco. Coisa de filis-tinos. Qual foi mesmo o vapor que Glicério disse? Oceania, se não me engano. Terão de esperá-lo no Rio. Só zarpa a 18. Que tal uma ida ao Rio, para assistir ao embarque, com grande indiferença? Ora, seu Belmiro, basta a idéia de ir ao Rio para excluir a de indiferença. Fique sossegado na Rua Erê e deixe-se de histórias. Lembre-se daquele arranjo seu: "o mito Arabela". Para todos os efeitos, você amou o mito e não a moça. Estabelecido que uma coisa não é outra, fique com o seu mito e deixe a moça passear. Seja lógico, como o Jerônimo. Ou então declare-se de uma vez. Diga que ainda ama a Carmélia, humanização do mito etc. Nesse caso, torna-se razoável uma ida ao Rio, para assistir à partida, isto é, para torturar-se. Masoquismo espiritual. Sim, você não passa disso: um masoquista. Que diria o velho Borba? Um Borba teria furtado a moça e a levaria na garupa do cavalo, para a fazenda de Vista Alegre. Mas você não é Borba, você é um pobre flautista. Seu destino é sonhar, na Rua Erê, impraticáveis donzelas. E morrerá donzel. Dom Donzel da Rua Erê.

§ 75. NOVAS AQUISIÇÕES.

O SENHOR pode dizer-me o que é abjeto?

—Para que você quer saber isso, Carolino?

—O senhor acha que eu sou um homem abjeto?

—Ora, Carolino, deixe-se disso. Você não tem nada de abjeto.

—Que é psicopata?

—Psicopata?

—Sou psicopata, sou?

Perguntas desse gênero Carolino sempre me fazia. Nunca lhe prestei muita atenção, aceitando a opinião geral da Secretaria: era um aluado. Como disse atrás, apenas o fui conhecer mais a fundo quando, no dia da prisão, esteve aqui em casa para fazer companhia a Emília. Naquele dia, ou melhor, naquela noite, conversamos longamente. A vida é um constante descobrimento e uma retificação constante. Convivo com essa criatura há seguramente um lustro, e passou-me despercebida até hoje. Coisa algo parecida ocorreu-me com relação ao Silviano. No curso de uns oito ou dez anos não lhe conheci senão o pitoresco ou, antes, o caricatural; entretanto, neste ano de 35, um outro Silviano tem crescido a meus olhos, descobrindo-me regiões novas, inexploradas, de seu espírito. E tudo por causa da indiscrição de haver lido uma página do seu Diário. Foi essa indiscrição que deu novo rumo às nossas conversações.

Devo corrigir o pensamento pessimista, que ficou para trás, quando lamentei a quase dissolução de nosso pequeno círculo. Disse, então, que já não estou em idade para arranjar novos amigos e hoje me convenço do contrário: havemos de fazer descobertas até o último dia. Penso nesse excêntrico e bom Carolino, que me comparece nesta altura da vida.

Deu para freqüentar, pela manhã, a Rua Erê e fica a conversar com Emília até que eu me levante. Assumi a gestão de minha complicada contabilidade. Calcula minhas despesas, recebe o dinheiro para os pagamentos mensais, incumbem-se de uma tarefa que sempre me pareceu transcendente: a seleção dos credores. Esta consiste em separar, por equidade, as contas que devem ser pagas no fim do mês, pois o dinheiro é pouco e os pretendentes, muitos. Às vezes me adianta os pagamentos, fazendo-os do próprio bolso. E não aceita remuneração de nenhuma espécie. Quando, certa vez, insisti em lhe pagar o trabalho, mostrou-me uma caderneta de depósito no Banco: possui setenta contos, parte provida de herança, parte de economias próprias, pois é muito seguro.

Carolino procurava apenas isso: uma pessoa com quem pudesse conversar. Todos o julgavam desmiolado. Desde que, levado por simpatia e curiosidade, comecei a cultivá-lo, procura retribuir, como entende, a estima que lhe voto. Tornou-se um personagem indispensável na Rua Erê.

Já não me pergunta se é uma criatura abjeta. Parece que lhe tirei o complexo de inferioridade. Procedente de boa família, não pôde estudar, nem ocupar posição igual à de companheiros de infância, hoje bem postos na vida. O pai também se enganou sempre, quando o supôs débil de espírito, e ele acabou como contínuo quando deveria ser amanuense ou—por que não?—primeiro-oficial.

Celebro, nesta página, a aquisição do novo amigo. Ê inteligente e dedicado. Emília aprecia-o muito, e Tome, em sua caduquice, ainda encontrou meios de se lhe afeiçoar. Carolino pega a ave e passeia, com ela, pela rua. Que pensará Tome dessas aventuras a que há tanto tempo não se entregava? Carolino, que parece desejar adotar outros amigos meus, está se aproximando do Giovanni e do Prudêncio Gouveia. Foi o que notei esta manhã, quando, há pouco, veio repetir-me coisas do Piemonte—já de mim conhecidas, a ele contadas pelo velho—e quando me disse que foi visitar seu Prudêncio, com ele dando uma prosa.

Se eu for, mesmo, ao Rio, Emília será confiada ao Carolino. Mas, que conversa é esta de ir ao Rio? O melhor seria ir à Vila e não pensar mais nestas coisas.

§ 76. ORA BOLAS.

UEM quiser fale mal da literatura. Quanto a mim, direi que devo a ela minha salvação. Venho da rua oprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico.

Descobri o segredo do Silviano: transferir os problemas para o Diário e realizar uma espécie de teatro interior. Parte de nós fica no palco enquanto outra parte vai para a platéia e assiste. O indivíduo que representa no palco nos fará rir, nos comoverá ou nos suscitará graves meditações. Mas é um indivíduo autônomo, e nada temos que ver com suas palhaçadas, suas mágoas, ou sua inquietação. Terminado o espetáculo da noite, tomamos o bonde e vamos para casa sossegados, depois de um chocolate.

Durante o dia, o comediante se encarnará em nós e teremos de tolerá-lo. Mas à noite, com a pena entre os dedos, somos espectadores sem compromissos.

Em verdade vos digo: o que escreve neste caderno não é o homem fraco que há pouco entrou no escritório. É um homem poderoso, que espia para.dentro, sorri e diz: "Ora bolas."

Primeiro de janeiro—ora bolas. Os amigos andaram sumidos— ora bolas. Vi a donzela com o noivo—ora bolas. Será mesmo no dia quinze—ora bolas. Lá se foi o ano—ora bolas.

§ 77. EIS-ME NO RIO.

EIS-ME nesta mui leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Deixei Belo Horizonte com antecedência de alguns dias para não dar na vista do Glicério. Senti desejo de vir, e vim. De que vale a gente viver a contrariar-se? Por si mesma a vida já nos impõe tantas limitações...

Bravo! Comecei bem a justificação de minha fraqueza alegando as imposições naturais da vida e daí concluindo que não devemos maltratar o irmão corpo com outras privações. Sempre há um argumento para os homens de boa vontade, e isso deve ficar escrito aqui, como defesa prévia, para o caso em que eu venha a ralar comigo mesmo por haver cometido esta proeza: "A vida já..."

E é isso mesmo: por que havia de mortificar-me? O desejo de vir não foi veemente: era, apenas, uma vaga idéia. Mas tudo conspirou a favor. Falando por alto com o Chefe, este se prontificou a arranjar-me passe e diárias: "Precisamos, mesmo, mandar alguém ao Ministério da Agricultura, para estudar os métodos de propaganda postos em prática pelo técnico americano que o Governo Federal contratou—disse. Fique lá uns dias e traga-me um relatório. Vou combinar isso com o Diretor." E Emília não fez má cara, quando toquei no assunto; partiu dela própria a idéia de se chamar o Carolino, para lhe fazer companhia em minha ausência.

Glicério ficou informado apenas da versão oficial dos acontecimentos: comuniquei-lhe que o Chefe, com grande surpresa minha, me havia designado para ir ao Rio, em tal comissão, etc. Muito malandro, fez disso motivo de troça e quis dar-me uns "endereços"... Aceitei-os, mas tratei de esquecê-los no **bureau** da Seção.

Estaremos amando neste momento? Creio que não. Sofremos apenas difusa melancolia, contraditório desejo de ver consumados o casamento e a partida. Examinando as coisas a fundo, não teremos vindo somente pelo amor. Havia, também, a necessidade de rever o Rio (seis anos sem o ver) e de espiar o Atlântico.

Nossos amigos cariocas não sabem o que vale o mar para nós, de Minas.

Desde cinco dias não faço outra coisa senão freqüentá-lo no cais, na praia, pela manhã, pela noite. Anda enfurecido e sombrio, arrastando sua língua difícil. Tenho tentado, em vão, conversá-lo: está inacessível.

Perco-me, também, na contemplação comovida deste Rio velho, deste Rio torto e encardido, que é o que amo. A cidade nova e brilhante, que nasceu dos flancos da outra, me assusta e intimida. O Rio antigo traz-me imagens machadianas que amei na adolescência.

Percorrendo a Rua Matacavalos, pensei, com saudade, naqueles cavalheiros que andavam de tilburi, jogavam vultarete e tinham, sobre o mundo, pensamentos sutis. Divisei, a um canto, o vulto amável de Sofia e tive dó do Rubião. A meus ouvidos, mana Rita fazia insinuações (Cale a boca, mana Rita...). Em certo bonde, que me pareceu puxado por burricos, tive a meu lado Dom Casmurro, e lobriguei, numa travessa, dois vultos que deslizavam furtivos à luz escassa dos lampiões: Capitu e Escobar.

Andando sempre, e a pé (não aprendi, ainda, a usar convenientemente os ônibus), também fui dar comigo em regiões não machadianas. Os passos me levaram, distraído, a certos quarteirões movimentados, ribeirinhos do Mangue. Jamais me passara pela idéia uma visita a paragens tais, mas, como já ali me achasse, moveu-me a curiosidade de examinar os transeuntes e o local. Não fui muito adiante: encontrei militares de terra e mar algo tocados, que começaram a olhar-me de soslaio, e tratei de retirar-me com dignidade. Atrás, algumas damas de poucas ou nenhuma vestes me propunham em francês coisas não muito adequadas ao meu ofício e condição. Safei-me daquele mercado estranho, com o peito deprimido. Ali nenhuma ilusão era possível.

Velho conhecido mineiro, encontrado no Ministério, levou-me ontem a um local encantador, a que dão o nome de Juá. Pode-se, ali, beber uma cerveja modesta, contemplando uma sociedade que está sempre a renovar-se, num entra-e-sai de teatro de revista. Aboletei-me a um canto, com o amigo, e pus-me a olhar mulheres finas e possivelmente caras, que chegavam em grandes automóveis, sobraçando cãezinhos peludos, de corpo longo e pernas curtas. Pelo

que me disse o companheiro, um animalejo daqueles custa o preço de uma coleção de clássicos Garnier. Fossem damas da alta-roda ou simplesmente mundanas de luxo, aquelas criaturas deslumbraram o pobre solteirão da Rua Erê e no seu coração instilaram fermentos perturbadores.

§ 78. O PROVIDENCIAL IRMÃO LUSO.

POR pouco, este corpo magro teria ficado hoje no asfalto da Avenida. Cruzando-a em hora de intenso movimento e descuidando-me de observar os sinais, quis, a passos rápidos, ganhar o lado oposto, o da Biblioteca Nacional, quando recebi um forte puxão no colarinho, e fui arrastado até o passeio. Devo ter tido uma vertigem, tal a violência do puxão, que por pouco me asfixiava. Sentado no mosaico e já cercado de curiosos, estava meio tonto, sem atinar com as coisas, quando pude identificar uma voz:

—Se não o pego de jaito, vosmecê iria desta pra melhoire...

Foi, pois, um irmão dalém-mar quem me salvou. Talvez não tenha vindo de Portugal senão para livrar um amanuense incauto das rodas de um ônibus assassino.

—Quase o esgano, haim? Mas, se não é o golpe...

Agradei, comovido, ao luso amigo, louvando-lhe a destreza e segurança dos músculos. Alguém, que estava na roda de curiosos, dirigiu-se, então, a mim: era o doutorando Azevedo Leão, conhecido em casa de Jandira.

—Que foi isso, Sr. Borba? Um pequeno susto, não é? (assumia um ar paternal de esculápio).

Levantei-me e, ainda um pouco tonto, fui com ele a um café próximo. Contou-me que estava de passeio no Rio. Andando pela Avenida vira um ajuntamento, entrara nele e, com grande surpresa, me reconhecera.

Perguntei se tinha vindo há pouco e pedi notícias de Jandira.

—Boa pequena, Sr. Borba. Mas, perfumarias, perfumarias. Não rende. Dei o fora. Deixei-a com suas literaturas... Fez-me perder muito tempo...

Era o mesmo homem importante, de charuto entre os dentes. Pela conversa, verifiquei que houve, mesmo, namoro. O pirata se iludiu, porém, com a amiga. Queria certamente desfrutá-la, mas a moça reagiu à altura. É uma pequena leoa, e sabe defender-se.

Depois de andarmos um pouco a pé, despedimo-nos. Recolhi-me ao hotel.

Neste quarto sombrio, a solidão está-me castigando muito. As saudades de Minas me trabalham surdamente. Aos primeiros dias, havia muito que ver, e coração e espírito se fecharam para as coisas de dentro, ocupados com vertiginosas imagens sofregamente sorvidas do exterior. Mas o cansaço vem vindo, vem vindo, e já não penso senão em voltar. Amanhã, dezoito, deixarei o Rio, sem ver a partida. Estou cansado, cansado. Ou fico um pouco mais?

§ 79. PARTIDA.

PARTIRAM, enfim. Mal os vi. Metido no meio da multidão, no cais, procurando-os aqui, procurando-os ali, só os encontrei com os olhos quando subiam para o vapor.

Irritado comigo mesmo, perguntei-me se foi para "aquilo" que viera ao Rio. Eram viajantes perfeitamente vulgares, como centenas de outros. E não aconteceu nada de excepcional. A terra não tremeu, nem houve eclipse do sol.

Se fiquei triste, foi com a saída do navio. Uma saída de navio é sempre coisa triste. Vai-se afastando, vai-se afastando, até sumir-se no azul. A gente fica pensando nas terras do lado de lá, fica desejando conhecer tudo, correr o mundo, dentro de uma Nau Catarineta que jamais chegaria a porto algum.

Entretanto, senti-me vazio pelo resto do dia. Tive a impressão de que me haviam roubado qualquer coisa. Andei, andei, mas sempre retrocedendo para o mar, que me atraía. Preciso voltar para Minas. O mar me perturba. A paisagem, de rio e floresta, está presa a uma condição melancólica: foi feita para ser vista apenas uma vez. Margeei longamente, numa viagem, um grande rio. Na luta para alcançar o mar, ele descobria o que de mais surpreendentemente belo tenho visto em perspectivas naturais. Ao voltar, depois, pelo mesmo caminho, apiedei-me do rio, da floresta e da serra. Foram feitos para ser vistos apenas uma vez. Já

nenhum interesse havia na escura, densa mata. Nenhum interesse nas praias fluviais, onde o sol caía reto, fazendo resplandecer cristaizinhos de mil cores. Tornaram-se coisas velhas, coisas vistas. Pareceu-me que desde cem anos eu as contemplava.

Não assim o panorama do mar, que é vário e a cada instante se recria. Cada onda lhe traz formas distintas, cada vaga, traços novos de vida.

§ 80. VOZES ATLÂNTICAS.

RECUEI instintivamente.

Pareceu-me que do mar me vinha qualquer mensagem, inexprimível por palavras, e contudo inquietante. Uma grande voz' confusa se erguia do fundo das águas, arrastando-se como um trovão longínquo. As trombetas do Juízo Final deverão ser, assim, a um tempo distantes e próximas, surdas, mas dominadoras. Ouvi-las-emos é dentro da alma, sem a interferência dos sentidos, tal como ouvimos a voz do mar.

Há, neste, uma inteligência e um anseio de comunicação que nos fazem estremecer. Que segredos guarda, para que lhe tenham paralisado a língua?

Ainda assim o grande paralítico nos manda sua fala, que é intraduzível, porque na linguagem do cosmos.

Em alto estilo apocalíptico nela encontraremos resposta às nossas questões. Nossa alma se inclina sobre si mesma e procura, nos seus recônditos, o pensamento revelador. Por que o mar nos transporta às reflexões sobre o amor e a morte? O amor e a morte encerrarão o destino do homem? Por que, também, nos convida a romper nossas limitações? Dir-se-ia que nos propõe a medida da latitude e da profundidade das suas águas inquietas.

Procurei, nesta noite extraordinária, captar a surda mensagem. Que imperiosas determinações me vinham das águas atlânticas?

O corpo sem nervos, os olhos sem brilho, a alma sem forças receberam um hálito forte.

Eis que surgiu um Belmiro poderoso e elementar. Um Belmiro dominador, atlântico, ao pé do qual o pobre Belmiro, sufocado entre montanhas, era um verme a rastejar. Esse Belmiro avultava cada vez mais no espaço e percorria o tempo, devassando todas as idades...

Por que me perturba, assim, o mar? Diante dele, quando devia amesquinhar-me, exalto-me e quero compartilhar de sua energia cósmica. De onde nos será possível descortinar o alto panorama? Qual será o caminho—o da humildade ou o da dureza?

Deixando o Arpoador, senti-me lúcido e triste, como o marinheiro do poeta. Ficaram-me desejos confusos de amor e de ani-quilamento. Se ao menos o amor se definisse, teríamos um sentido. Mas, que sabemos do amor? Impossível fixá-lo, encontrar-lhe a expressão real, permanente. Ele se compõe da variedade e da ondulação. Conhece todas as gradações, e seu objeto é ora fixo, ora móvel, ora uno, ora múltiplo.

Ainda estou a ouvir, como a uma sinfonia wagneriana, as vagas que batem no rochedo. A voz do grande paralítico.

§ 81. A VERDADE ESTÁ NA RUA ERÊ.

COMO esta Rua Erê me entenece! Cá estou de novo, e melhor fora não ter saído. A verdade está na Rua Erê e não no Arpoador. É aqui nesta sala de jantar, onde o relógio de repetição bate horas caraibanas, que encontro um refúgio embora precário.

Emília continua grave e exata. As coisas, louvado Deus, não se mexeram de seu lugar. Tudo está como deixei e como sempre esteve. Tirante a ausência da pobre Francisquinha, nada se alterou no curso destes doze anos. Entretanto, as transformações interiores me devastaram. Ano difícil, este que se foi! O velho Borba não confiava na paz das coisas e dizia que os reveses vêm, depois, uns sobre os outros. Assim foi em 35, ano tempestuoso. Terá passado o furacão?

Até então, a vida me parecera de tal modo parada que supus estar no

passado o sentido de minha existência. Por que procurar um sentido individual de existência? Há, nas intermináveis chapadas do sertão, pequenas árvores que não dão frutos, nem sombra, nem possuem raízes medicinais. Ali estão, talvez, apenas para compor a paisagem. Não estarei aqui somente para integrar o vasto painel humano—ponto de luz ou de sombra, molécula puramente pictórica, sem outro destino? Deveria conformar-me com isto, mas o caniço pensante, inquieto, quis explicar-se.

Depois, os acontecimentos me arrastaram no seu tumulto e me fizeram viver. Vivi um ano com intensidade superior à da soma de muitos anos de vida. Retorno, agora, à paz desta casa imutável, onde não subsiste nas coisas o sinal das atribulações. Quero possuir o espírito pacífico destes velhos móveis, desta Emília velha,, que se torna grandiosa à medida que seus cabelos branqueiam. A quietude suaviza os meus ardores, mas não me dá o desejado repouso.

Feliz Florêncio! Enquanto Silviano se consome em escafandrias, Redelvim se perde em furores, Jandira busca aventuras para se iludir e Glicério se mostra perplexo, Florêncio é o mesmo homem de chapéu-de-chile e ventre honrado, que nos abre de longe os braços, gritando na Avenida:

—Você precisa comer mais feijão, homem! Que carga de ossos!

Ao passo que se aproxima dos cinqüenta, o ventre se lhe vai arredondando, e ganha expressão honesta e repousante. Mau físico para um agente de seguros de vida, pois Florêncio é a vida na sua manifestação mais confiante e tranqüila. Silviano o considera primário, homem sem abismos. Para que maior felicidade? Seu espírito, que não indaga, repousa na ordem de coisas que encontrou e foi estabelecida sobre um sistema de ficções metafísicas, morais e políticas. Seu equilíbrio de belo animal humano não é, acaso, ideal?

Impossível, porém, encetar de novo a marcha e procurar o caminho de Florêncio. Todo artifício será inútil e, nesta altura dos acontecimentos, instintivamente me vou avizinhando do Silviano. Talvez só encontre nele areias movediças, mas que fazer? Quem me oferecerá terra firme? Jerônimo? Jerônimo está-me espreitando, de há muito, para dar o bote. Percebeu que já não me mantenho de pé, com a mesma força. Insiste em que minha atitude há de ser provisória. Propõe-me uma experiência. Inútil. Não creio que me forneça uma certeza que me encha a vida, e, nesse caso, a viver em interrogações, prossigamos no caminho até aqui percorrido.

Paz física da Rua Erê, por que não te transformas em paz de espírito? Tudo está como dantes, como há doze anos passados. Dir-se-ia a Bela

Adormecida no Bosque, sem a Bela e sem o Bosque.

§ 82. SEÇÃO DO FOMENTO ANIMAL.

NOSSO chefe de Seção é um pândego: pegou-me o relatório, limpou o pince-nez, correu os olhos distraidamente pela primeira das cinco laudas de papel e achou-o excelente, encaminhando-o "à consideração superior". A ele devemos a modorral pacatez da Seção do Fomento, onde os homens esperam pachorrentemente a aposentadoria e a morte.

Como eu, não acredita intimamente nos relatórios nem no Fomento. Glicério quis ver a peça, céptico, que se achava, quanto à minha capacidade de fazer, a sério, um trabalho daqueles. Mas o chefe não deixou: "É assunto urgente. O diretor tem interesse pelo caso."

Achei graça em toda essa história inventada pelo chefe. Serviu-se do acontecimento para fazer o que Glicério denomina uma "figuração", e esta figuração tinha em vista os funcionários e duas pessoas que o visitavam naquele momento. Queria dar-se importância, fazendo crer que ele e o Fomento são levados em conta pelo diretor, e, por outro lado, dava ao Glicério um sinal de sua hostilidade. Desde que o rapaz deixou a Nonoca, o chefe o olha com reservas, aliás justas. A família aprovava o namoro e viu, com pesar, o malogro dos planos da moça.

À hora do café, Glicério se abeirou de minha mesa, pedindo-me novidades do Rio. Respondi-lhe que pelos jornais as teria mais recentes: eu chegara havia três dias. Mas queria apenas puxar conversa e me contar o casamento de Carmélia.

—Pois, por aqui tivemos uma: o casamento de Carmélia. Foi uma festa fina.

—Ah! É verdade... Carmélia! Casou-se afinal? Mas você não disse que a cerimônia seria singela, portas adentro?

—Mas isso não impediu que a viúva convidasse pessoas do seu círculo. Compareceu na casa o que há de bom e de melhor. Estava uma noiva linda.

Seguiram no mesmo dia para o Rio, a fim de alcançar o Oceania.

—Embarcaram sempre? Pensei que essa história de Europa não vingasse, acrescente, dissimulando meus passos no Rio.

—Embarcaram, sim, no dia 18. Ficarão lá somente dois meses, pois o Jorge se diz ansioso por trabalhar.

—E você, muito abatido?

—Não me venha com as suas... Isso é coisa do século passado. E pequenas não me faltam. Eu é que ando cansado delas. No mais, como diz o Silviano, mulher é acessório. Tenho coisas sérias em que pensar.

Glicério pareceu-me sincero. Noto que o casamento de Carmélia não o abalou, efetivamente. Continua incapaz de amar.

—Acessório? perguntou Carolino, que nos servia o café e ouviu a conversa. Que é acessório? Eu sou um acessório?

—Não te metas, respondeu Glicério com dureza.

Carolino teve um sorriso desapontado e retirou-se com a bandeja. Pedirei ao Glicério que não o trate assim.

Pouco antes de sairmos, o jovem bacharel voltou à minha mesa para dizer que, um dia destes, abandonará a Seção. O Senador Furquim lhe obteve uma comissão no gabinete do Advogado Geral do Estado.

—É serviço mais próprio para mim, ponderou. Quero ver se mais tarde consigo um lugar de auxiliar jurídico.

A notícia me entristeceu. Afinal, estimo-o bastante e estou habituado à sua companhia, há alguns anos. Sua retirada dá-me uma sensação de desamparo. Já não terei com quem conversar na Seção.

E, ao escrever estas notas, penso também em outra coisa: os outros se movimentam, rompem, progridem ou regredem, mas,

enfim, se deslocam. Só eu resto e envelheço nesta vida modorrenta. Se ao menos atingisse a beatitude burocrática do Filgueiras...

§ 83. A VIDA SE ENCOLHE.

DEDIQUEI todo o domingo à leitura dos quatro cadernos de que já se compõe esta espécie de Diário. Não havendo outras, uma vantagem encontraremos em deixar no papel o registro dos acontecimentos de nossa vida: veremos surgir aos nossos olhos, para instrução e advertência nossa um ser bem diferente daquele que supúnhamos encarnar. Quantas contradições, quão diversos estados de espírito, que inexperiência, que desconhecimento de nós próprios! Há pouco mais de um ano escrevi a primeira página. Outras se sucederam com largos intervalos. Eu não renunciara ainda ao projeto de um livro de memórias e me consumia em tentativas, repelindo as solicitações de um presente que se insinuava, sob mil formas, no meu espírito e disputava lugar às imagens do passado. Depois, o caderno toma a feição de Diário e nele passo a expor fatos, impressões, ingênuos pensamentos, loucas fantasias.

De agosto a janeiro, quase que escrevo dia por dia. A vida ganhou movimento, colorido, emoção. Agora, o calor se vai, o movimento amortece, as coisas desbotam e se tornam mais frias do que antes.

Nestes vinte dias não me saiu sequer uma linha. Já não encontro, no ato de escrever, a satisfação de outros tempos. Pouco há, também, que escrever. Continuar a acompanhar a vida dos outros? Isso seria interminável. A vida dos amigos apenas se me revelou quando incidiu na minha. Jamais entrei nos seus domínios íntimos, e, se mergulhei em Silviano, foi porque nele encontrei possíveis itinerários para as minhas incertezas. Só conhecemos, aliás, a vida alheia pelos seus pontos de incidência com a nossa: o mais é conjectura ou romance. Não tenciono escrever romance.

E os amigos se desviaram de mim. Redelvim, que sempre foi pouco afetivo, tomou o seu rumo. Anda pela fazenda e dele não tenho notícias. Glicério deixou a Seção e passou a trabalhar nos serviços de advocacia do Estado: foi o bastante para afrouxar nosso convívio. Jandira se afasta cada vez mais, quase me parece estranha. Dentro em pouco, talvez nada tenhamos de comum. Acabou o namoro com o tal doutorando, mas deve ter arranjado outros, pois não dá sinal de si. Vive no seu mundo de Pereirinhas e de Azevedos Leões. Apenas Silviano, ainda que pouco encontradiço, permanece a oferecer interesse. Ah! É verdade: Florêncio não me tem faltado. Mas continua Florêncio. Que dizer dele? É um homem sem história, e nisso está sua felicidade.

Como um ano, que passa, modifica o aspecto das coisas! Minha vida se reduz a Emília, Carolino, Giovanni e Prudêncio. Isto é: encolhe-se na Rua Erê, como dentro de um caramujo.

Leio um pouco e caminho pela cidade, em companhia do Carolino. Às vezes não encontro lugar que me sirva, e ando, ando sempre, como Judeu Errante. Não procurarei os amigos: se não me aparecem é porque já não me querem.

Creio que já escrevi tudo o que havia em mim para escrever.

§ 84. UM "VIRA-LATA".

VOLTANDO para casa, esta noite, encontrei um pobre cão em ridícula postura. De tal modo insinuara ele o focinho numa lata de lixo, que esta se lhe prendeu à cabeça, não mais largando dali, apesar dos esforços desesperados do animal. É o que presumo com indiscutíveis fundamentos, pois fui encontrar o rafeiro já um tanto cansado, com as patas traseiras em repouso, o corpo apoiado nas dianteiras e o focinho para cima, isto é, a lata para cima, na direção das estrelas.

Como eu me aproximasse, para o livrar do incômodo apêndice, e ele ignorasse minhas intenções, pôs-se a correr como pôde, dando com a lata aqui e acolá, para tortura de um focinho possivelmente magro, a julgar pela miséria orgânica do resto do corpo.

Afinal, deixei-o consigo mesmo. Bem podia ser que ele me agradecesse o benefício com uma dentada, refleti, para ter em paz a consciência.

Era um autêntico "vira-lata", esse que surpreendi em tão difícil conjuntura, na meia-noite silenciosa da Rua dos Pampas. O "vira-lata" deveria estar preparado espiritualmente para semelhantes situações. Não é muito recomendável estar fuçando as coisas e quem as fuça deve agüentar as conseqüências, com a resignação de quem espalhou ventos e acabou colhendo tempestades. Mas o cão não era porventura permeável às palavras de eterna sabedoria, que por aí circulam nos adágios. Ainda o vi ao longe, batendo a lata em quantos obstáculos encontrava no caminho.

Que pensaria ele naquela situação? O mundo, através de uma lata de lixo, não deve oferecer paisagens atraentes, ou aromas amáveis.

Simpatizei com o cão e lamento que os animais não estejam a cobro do ridículo. Fez-me pena, mas também me fez rir. E cá o ponho nesta página. Qualquer coisa me liga a esse cachorro magro e abandonado que encontrei na Rua dos Pampas.

§ 85. UM POUCO MENOS PESSIMISTA.

OUTROS dez dias de solidão, e não resisti mais: fui procurar Silviano esta noite. Estava fora. Joana, que me recebeu com bondade, ofereceu-me café e contou-me que o marido anda enfurnado em casa, dia e noite, á escrever, a escrever sempre. Está fazendo um livro. Talvez seja esta a razão do seu sumiço. Saiu hoje apenas para ir à casa do Jerônimo, consultar a biblioteca. Informou-me, ainda, de que o Jerônimo tem estado sempre com ele. Brigam, brigam, mas cada vez andam mais juntos.

Sendo apenas oito da noite, resolvi aproveitar a quebra do meu compromisso íntimo (o de não procurar ninguém), e toquei para a casa de Jandira.

Lá cheguei à hora em que se retiravam o professor Barroso e D. Anita. Aproveitaram o rápido encontro para me comunicar que estão noivos.

—Siga o meu exemplo, doutor (o Almirante tem a mania de chamar-me doutor).—Olhe, vou aproveitar as forças que me restam, disse, com malícia, lançando à noiva um olhar lúbrico. Esta repreendeu-o:

—Você é sem modos, Barroso. Fica falando bobagens com **seu** Belmiro. Não repare, não, **seu** Belmiro. Este velho anda meio caduco.

—Caduco por sua causa, belezinha! disse Barroso, enlaçando-a pela cintura, já a descerem a escada.

Jandira olhou, com um sorriso perverso, o par já maduro, que se afastava:

—Nasceram um para o outro... Não têm culpa de ter sido este encontro

retardado pela vida...

E, virando-se para mim:

—Afinal, você por aqui! Por onde tem andado, meu velho?

A acolhida me animou um pouco. Jandira não está, assim, anedia como supus.

—E você? Isso é mais importante, disse-lhe.

Contou-me que tudo vai bem. Continua no emprego e foi aumentada no ordenado. Já não há Pereirinhas. O velho Sobral é bom chefe e amigo.

—E de amores?

—Amores, não hão, falou, sorridente. Resolvi dar um sentido mais esportivo à vida. Descobri uma coisa chamada flerte. É o que faço no momento. Vocês me andavam envenenando com histórias. Redelvim queria tornar-me revolucionária. Silviano pensava desesperar-me, com suas loucuras (sabe que tentou conquistar-me, o patife?). Glicério não passa de um convencido. E você me intoxicava com literatura, complicando tudo. São uns patetas, e eu era uma idiota.

—Mas essa vida, que leva agora, satisfaz?

—E a sua satisfaz?

—Bem, isso é verdade. Você acertou em nos deixar de lado.

—Não dramatize, Belmiro, deixe essa mania de dramatizar. Não o pus de lado. O que faço é procurar viver. Arranjem outra, que vá na palavra, e carregue os problemas da turma.

E depois fez uma confidencia imprevista: Redelvim assediou-a também.

—Imagine que coisa divertida. Ultimamente, deu para perseguir-me com propostas. Queria que fôssemos morar juntos. Dizia que não havia de casar-se como um burguês, de modo algum. Sugeriu o concubinato puro e simples, nada devendo prender-nos, desde que um dos dois não quisesse mais o outro. Insistiu em que não se tratava do sentimento capitalista denominado amor. Obedecia apenas ao instinto, embora não lhe interessasse reproduzir a espécie. Aborreceu-se, quando me veio ver, depois da prisão, e encontrou, aqui, o Azevedo Leão, o Barroso e a Anita a jogarem. Perguntei-lhe se estava possuído de um sentimento

burguês chamado ciúme. Quase me bateu, de ódio... É fabuloso! A princípio tive pena, mas depois fiquei irritada. Vendo que eu não cedia, propôs-me afinal, um casamento, com todos os efes e erres... Ótimo! Imagine se eu iria casar com aquele maluco! Agora me escreve cartas de dez, doze páginas, continuou, dando uma gargalhada. Em uma delas tachou você de imbecil.. .

—O extraordinário seria que não me chamasse imbecil, disse eu. Mas, a propósito de que desencadeou sobre mim o seu furor?

—A propósito de uma conversa que teve com você, antes de partir e logo que saiu da prisão. Vou buscar a carta.

Dentro em pouco, voltava, estendendo-me uma folha de papel:

—Trouxe apenas a parte em que se refere a você. O resto são declarações amorosas...

Li o trecho:

"Quanto ao imbecil do Belmiro, diga-lhe que não se considere triunfante com as coisas que me ouviu. Aconteceu que eu me achava num momento de dúvida e de fraqueza. Continuo onde estava, na estacada! O idiota é capaz de ter pensado que fraqueei em minhas convicções."

Achei graça. Jandira me perguntou se acreditava na sinceridade daquelas palavras. Respondi-lhe que sim.

—Pois você se engana. Diz isto apenas para posar. Quer que eu admire seu fervor revolucionário. Eu ainda não lhe falei que agora cuido de outras coisas.

Regressei, menos pessimista, da casa de Jandira. Mudou muito, mas continua interessante. E sempre desejável. Bem que seria capaz de lhe propor casamento... Ora, que tolice! Alguém me quer? Quem poderia casar-se comigo morreu há anos em Vila Caraibas.

§ 86. SILVIANO E SEU PLANO DECENAL.

DEPOIS de prolongada ausência, surge-me, afinal, o Silviano. Ia sair, à sua procura, quando ele me bate à porta, sobraçando duas pastas de cartolina.

—Joana me disse que você esteve lá, falou, sem maiores cumprimentos, lançando sobre a mesa, com estrépito, a carga, presumivelmente preciosa. Estive recolhido em graves lucubrações. Eis o fruto delas!

E indicou, com o braço estendido, folhas de papel que, não cabendo dentro das pastas, ameaçavam despejar-se pela mesa e pelo chão, de modo catastrófico. Eu pretendia evitar o desastre, tentando arranjá-las a jeito, quando Silviano, pondo as mãos sobre os meus pulsos, impediu-me, com energia, de tocar nos papéis.

—Larga! Não vês que me vais tumultuar as notas? Conversemos, primeiro.

Sentei-me, intranquilo, a seu lado, sempre com os olhos nas pastas, que mantinham, como lhes era possível, o precário equilíbrio.

—Há dois meses, declarou, com solenidade, resolvi escrever a minha vida. Fá-lo-ei em Memorabilia, isto é, em forma de memórias. Não me sendo possível escrever, como desejaria, todo o texto em latim, apenas os títulos dos capítulos e o da obra serão no idioma de meu diletto Sêneca. Não o Velho, o Retórico, mas o autor de *De constantia sapientia* e *De tranquillitate animi*. Tenho um Diário, que remonta aos longes de minha infância, e nele encontro material abundantíssimo.

—Magnífico! Sempre achei que você deveria fazer isso.

—Não seas impetuoso, Porfírio. Sofreia os teus ímpetos! Nada viste, ainda. (Sempre que me repreende, passa a tratar-me na segunda pessoa.)

Levantou-se e, para alívio meu, retirou de sobre a mesa as pastas que ali se mantinham em duvidoso equilíbrio e me assustavam, com a perspectiva de um desabamento. Assentou-se de novo e, folheando as notas escritas em papel grosso e com tinta roxa, foi-me expondo o plano da obra:

—Silviano, aos quarenta anos, intenta escrever a sua vida—**De vita própria**, disse-me, como que referindo-se a outra pessoa. Primeiro, trata da sua infância e adolescência. Conta coisas **mui** secretas, no capítulo **Cogitationes privatae**; logo empós, alude ao morbo sagrado (capítulo **Sacer morbus**), que compreende a espécie amor. Inútil dizer que todos os psicólogos modernos consideram o amor uma doença, embora passageira.

Depois de uma pausa respiratória continuou:

—Evolui, porém, no herói o sentido de Vênus. Capítulo **Evolutio Veneris**, no qual o homem, já ao dealbar dos trinta anos, começa a ter a intuição do problema...

"Eis que, havendo, então, adoecido e passado longos anos em uso de comidas leves, lhe advém a preocupação com os alimentos e escreve o capítulo **De usu ciborum**. Acossado por grandes aperturas financeiras, o pensador solitário cai em pessimismo e vê que **pecuniae obediunt omnia**—como diz o Eclesiastes—"ao dinheiro obedecem todas as coisas". Dentro de sua melancolia profunda, encontra, porém, forças para reagir e adota a filosofia lusa do "não te rales". Escreve, então, o capítulo **Ars semper gaudendi**...

"Aos trinta e cinco anos, continuou, gravemente, vem-lhe grande onda de ceticismo. Aenesidemo, Euclides de Megara, Antístenes e Aristipo de Cirene, dialéticos, cínicos, hedonistas e pirrônicos sobre ele se atiram. Onde o capítulo **De omnibus dubitandum**. O herói continua a cultivar a ataraxia de Pirro e o ceticismo radical de Agesilau, Carneades e Sexto Empírico.

"Não se fazem esperar as consequências, prosseguiu. Surge, de novo, o **aeternus hostis**, o Amor, em grande retorno. O herói ataca, então, num supremo esforço, as grandes meditações sobre a **Libido sentiendi**, isto é, a gana de sentir, de gozar "em" ou "com" todos os sentidos.

"A **Libido sciendi**, que é outro capítulo, esclareceu o amigo, sempre existiu no herói, que, desde verde, versou os bons autores e se afez ao vinho capitoso da filosofia. No final, terá de haver a suma dos capítulos, preparando o capítulo-mestre, o capítulo máximo. Eis que Silviano, desde os trinta e cinco anos, farto de prazeres ilusórios, **et pour** cause matrimoniado, pretende libertar-se da tristura de fera em jaula...

"Bendita a hora em que lhe veio tal intento! exclama, com a soberba ênfase, bem sua. Por ele norteado, pôde, ao dealbar dos quarenta, subir a grande montanha! Dedicado ao labutar intelectual, de sol a sol, e atravessada a crise política (**Libido dominandi**), o herói atinge a **via triumphalis** da sabedoria e da libertação. Conhece, então, da vaidade de toda ciência (**De vanitate scientiarum**) e apreende a sutileza das coisas (**De subtilitate rerum**). Transpõe, aí, o majestoso pórtico, alcançando os domínios da verdadeira e perfeita filosofia (**De vera et perfecta philosophia**). Nela encontrará a Grande Consolação (**De Consolatione Philosophiae**)..." concluiu, suspirando profundamente.

Estava comovido.

—Diga-me, agora, o que pensa, Porfírio.

Respondi que me parecia interessantíssimo o plano do livro, e, desde já, sentia vontade de o ler; confiava em que não lhe faltariam forças para atacar uma obra de tal porte. Bem achadas as suas epígrafes latinas. Convinha precaver-se contra alguma imitação involuntária... Eu me lembrava de ter visto, em alguma parte, coisa parecida...

—Respiguei aqui e ali, respondeu. **Je prends mon bien ou je le trouve.** Já vem você com nugas. Porventura isso interessa? Pouco importa que o evangelista João me tenha fornecido epígrafes para três capítulos, ou que uma frase apanhada ao acaso me descortine grandes paisagens, respondeu, um tanto desanimado com a minha mesquinharia.

Voltei ao principal, dizendo-lhe o que desejava ouvir: devia mesmo prosseguir no trabalho, que poderia alcançar grandes proporções. O plano era notável. Quanto tempo gastaria para fazer o livro?

—Talvez uns dez anos... É um plano decenal. Só para delineá-lo gastei quase dois anos de estudo. Pensou que fosse coisa para já? Como é ignorante, Porfírio... Às vezes me parece que você não vai além do Abundância, em matéria de compreensão! Deverei concluí-lo aos cinquenta.

—Surge, então, um problema, arrisquei-me a dizer. Aos cinquenta, você já terá, talvez, outro conceito da vida, inclusive do que seja vera et perfecta philosophia. Vai certamente reformar tudo. É o defeito das obras escritas em tanto tempo. Projeta-se uma coisa, sai outra.

—Não poderei exceder-me a mim próprio, nem aos grandes doutores! disse, enfadado. As notas que tomei até agora são a síntese do pensamento filosófico que veio até a nós. Quanto às minhas meditações próprias, acho-me na força culminante do espírito. Não poderei exceder-me! Não me faça objeções idiotas. Bem, tenho mais em que cuidar. Já lhe falei o que precisava e talvez tenha errado em ter falado. Enfim, carecia abrir-me com alguém... Até logo.

E saiu apressadamente. Deu-me pesar que a conversa não durasse mais tempo. Mas Silviano se encoleriza com as menores observações que eu faça. Do mesmo modo se porta, quando permaneço calado...

§ 87. MOCIDADE.

MANHÃ DE 28 DE FEVEREIRO.- Dei um passeio pelo parque em companhia de Carolino. Sentado à sombra de uma gameleira, fiquei a folhear o Hermann e Dorotéia, enquanto Carolino andava de bicicleta pelas alamedas.

Fotógrafos se mantinham solícitos, junto ao tripé de suas máquinas, à espera de clientes, e os lagos, brilhantes de sol, eram cruzados por dezenas de barcos. Na ilha próxima, o bar do alemão, cheio de gente.

Súbito, moças e rapazes invadiram o jardim, em alegres pares. Adolescentes, entregavam-se, todavia, a jogos infantis e corriam e brincavam. Ainda tenho os olhos cheios de sua luminosa mocidade, que dança diante de mim neste velho escritório.

Cantar-lhes-ei baixinho estes versos de Molière:

"Profitez du printemps

de vos beaux ans,

aimable jeunesse;

Profitez du printemps. . ."

".. La beauté passe,

le temps l'efface,

Vage de glace

vient à sa place,

Qui nous ôte le goût de ces doux passe-temps."

§ 88. UM DIA COMO OS OUTROS.

A SEÇÃO DO FOMENTO se tornou inabitável com a saída do Glicério. Já não tenho com quem conversar. Que poderia encontrar de novo nestes velhos companheiros? Todos adquiriram, de ha muito, uma fisionomia definida, imutável, que não se renova. A estima que lhes dedico terá a natureza da que voto ao Giovanni ou ao Prudêncio Gouveia. É constante, mas se alimenta antes do silêncio que da conversação.

Resta-me Carolino, é certo. Mas Carolino se conserva distante, durante as horas de expediente, respeitando a hierarquia burocrática.

Creio, além disso, que os camaradas me olham com alguma reserva. Pressentem, porventura, grandes abismos entre nós. Talvez tenham mágoa de mim, supondo-me alheio a tudo, imaginando que mal lhes noto a presença.

Já não tenho, pois, com quem conversar, e isso é grave para uma pessoa que foge de conversar consigo mesma. Volto a preocupar-me com a velha questão: que vim fazer neste mundo? Até agora nada realizei. E, para diante, são menores as possibilidades de qualquer realização. Serei, mesmo, apenas o tal arbusto da chapada?

Jerônimo continua a enviar-me recados, pelo Silviano. Percebo o cerco: adivinha minhas fraquezas e faz-me uma ofensiva em regra, para ter mais esta presa, no seu rebanho de almas. Grande presa.. . Dir-lhe-ei que terá nada mais, nada menos, que um presente de grego. Mas Jerônimo insistirá, pois é um terrível catequista. Talvez conseguisse mais, tentando novamente catequizar Jandira. Seria interessante promover um encontro entre Jandira e Jerônimo. Havia de ser uma coisa épica: há dois anos atrás se conheceram, conversaram um pouco, e passaram a repelir-se imediatamente, como duas forças opostas.

Surge-me uma indagação: atingirei o Jerônimo, por via do Silviano. ou o Silviano se perderá comigo no seu **mare magnum**? A última hipótese é a mais provável, se algum dia eu seguir as águas deste. Misturaremos as nossas dúvidas e tatearemos na grande confusão.

Que pena Glicério estar ausente. Poderíamos recordar, com saudade, os tempos de Arabela. Já não é donzela, nem Arabela. É a senhora Jorge de Figueiredo. Mas. . . paremos por aqui; o prudente é não falar em mulheres dos outros, mesmo de modo platônico. O marido pode não achar graça nessas coisas e minhas costelas já não agüentam pancada. Já não é donzela, nem Arabela. Onde andarão? Em Ostende ou em Biarritz? Estejam onde estiverem desejo-lhes felicidades e prole. Imagino essa prole, que bem poderia ser do velho amanuense. . . Passarei, comovidamente, as mãos pelos cabelos de Carmelinha

ou de Jorginho, se algum dia encontrar no Parque essas crianças e se a ama for pessoa de boa cara. Terão, com certeza, uma gorda ama alemã, como a que vi outro dia, sentada a uma mesa do bar, proseando com o Fritz na sua língua arrevesada, enquanto as crianças tomavam sorvete.

Sim, oferecerei um sorvete ao Jorginho e contar-lhe-ei histórias do Gigante Brasília. Mas, que é isso? Estou arranjando todo um enredo, como o Silviano, na história de Parabosco Ferrabosco Ltda.

Por falar nisso, vou perguntar-lhe se a história acabou ou continua. Certamente já construíram, na Praça Sete, o grande prédio. Eu e Silviano poderíamos escrever uma novela de parceria, se não houvesse o plano da Memorabilia.

Está bem, amigos, consegui vencer mais este dia morno da Seção do Fomento. Souu a campainha, mandando encerrar o expediente. Apanhemos o chapéu e apressemos-nos. O Florêncio nos espera, no local do costume, para o chope do costume. O chope é uma solução, pelo menos por algumas horas.

§ 89. NHÔ BORBA.

NHÔ BORBA me apareceu, de bota e esporas pedindo café e falando que a Chica está no meio dos anjos, disse Emília, ao servir-me o prato, à hora do almoço. Havia muito que não me falava em Nhô Borba. Entretanto, há de pensar sempre nos velhos. De que pensamentos se alimentaria senão destes? Os vultos do velho Borba, da velha Maia e de Francisquinha devem rondar, em torno dela, mais que em redor de mim. Ando em fugas freqüentes, com os olhos carregados de imagens e o espírito cheio de preocupações; a alma simples de Emília não encontra, porém, a que se aplicar, e há de estar permanentemente embebida nessa atmosfera caraibana, vivendo dias que se passaram há vinte ou trinta anos.

Como avulta, nesta casa, a figura de Emília! Está velha, bem velha, e a pele encardida mal cobre os ossos. A gota ciática muitas vezes a prende ao leito, impedindo-a de ir à cozinha. Chamo, então, sua amiga Josefa lavadeira, que a substitui como pode.

Pouco ou quase nada fala. É raro que me comunique uma opinião, ou

conte um sonho, como fez hoje. Dirige-se a mim por monossílabos, como o faz, de resto, à Zefa ou ao Carolino. Contudo, é a figura dominadora da casa. A seu lado, sinto-me quase uma criança, como no tempo em que ela me punha ao colo, para fazer dormir. Que pensará de mim? Às vezes ralha comigo, chama-me "excomungado", mas deve amar-me bastante. É uma figura dominadora: para ela se transferiu a força do velho Borba.

—Nhô Borba não falou mais nada? perguntei-lhe.

—Falou não. Mandou arreia a besta e dis-qui-ia na roça do Corr-go.

Coitado do velho. Lembra-me o desgosto que se estampava em sua fisionomia, quando Emília ou Francisquinha (antes de se agravar a perturbação desta última) falavam errado em sua presença. A velha Maia tinha, também, grande tristeza, mas, espírito mais conformado, resignava-se. Foram criadas como bicho-do-mato. Como isso doía ao Borba, que sonhava mandá-las estudar em Diamantina! Vivendo só na fazenda e em meio de antigas escravas, que lá permaneceram depois do 13 de Maio, Emília e Francisquinha aprenderam com elas o pouco que sabiam do mundo e da língua.

No seu desgosto, o velho não pôde ver que a ignorância é meia felicidade.

§ 90. LAGOA SANTA.

FIQUEI outros quinze dias sem mexer nestes cadernos. Creio que já não tenho mais nada para escrever, pois a vida se torna vazia, vazia.

Houve outro carnaval: passei-o em Lagoa Santa, em companhia do Florêncio, para fugir das recordações e não ser tentado pela Avenida. Florêncio não foi por gosto. Mariana impôs: ela e os meninos precisavam tomar um pouco de ar, e no carnaval não havia a desculpa dos negócios.

—Venha comigo, Belmiro. Lá não há chope fresco, mas há boa cerveja, disse-me, como se fosse eu o interessado no chope.

Levou roupa de banho e passava quase o dia todo na lagoa, enquanto eu lia meia dúzia de livros que carreguei comigo. Certa manhã, trouxe-me um calção e queria por força que eu o acompanhasse. Foi preciso energia para resistir.

Imaginem que figura faria eu, exibindo este corpo magro e desconforme para a sociedade que deixou Belo Horizonte e foi brilhar na Lagoa... Havia três ou quatro moças bonitas, com quem o Florêncio travou logo relações, aproveitando-se de um pequeno resfriado que reteve Mariana no hotel. Quis apresentar-me: pedi-lhe que não o fizesse, pois amarguei bem meu retorno às donzelas.

Diverti-me, depois, à sua custa; com a chegada de uns rapazes, as moças o abandonaram, sem a menor consideração, e adotaram os novos companheiros.

A verdade é que já passamos, amigo Florêncio, e Silviano é quem está certo, na sua renúncia... compulsória (estou convencido de que essa renúncia não é virtuosa, mas compulsória). Por falar em Silviano, soube que, durante o carnaval, andou a meditar na Serra do Cipó, a mil e tantos metros de altitude. Quanto a Jandira, não sei em que se ocupou. Glicério deve ter ido aos bailes dos clubes elegantes. E de Redelvíim não há notícias. Que permaneça na fazenda, é o melhor.

O amigo Carolino, que me fez a esmola de ficar aqui em casa com a Emília, durante minha ausência de três dias, travou relações definitivas com Giovanni e Prudêncio. De manhã, ou à noite, quando não está comigo, dá prosas intermináveis com os dois. Ou com eles joga escopa, no balcão do botequim.

§ 91. ESTÃO DE VOLTA.

RÁPIDO encontro com Glicério, na Praça da Liberdade. Está muito satisfeito com o novo emprego, mais adequado à sua situação de bacharel. Perguntou-me gentilmente pela Emília e prometeu uma visita à Rua Erê. (Amabilidades: estou certo de que não virá.) A conselho de um dos companheiros, banii a literatura de suas cogitações.

—O direito é árido, Belmiro. Lendo-se qualquer coisa mais atraente, perde-se a coragem de mergulhar nos tratados. Vou, pois, fazer este sacrifício.

Felicitei-o; suas palavras me indicavam que havia, afinal, encontrado um rumo. Não gostou muito da minha precipitação, receando, talvez, que, chegada essa notícia ao Silviano, este lhe cancele o diploma de **clerc**...

—Mas isto não quer dizer que eu me afaste da roda, disse. Apenas provisoriamente (enquanto tomo o gosto pelos arrazoados) farei abstinência.

Ao despedir-se, deu-me esta informação:

—Sabe que a Carmélia e o Jorge vêm por aí? Deveriam chegar ontem ao Rio...

—Não... O que eu sabia é que ficariam dois meses por lá. Já completaram os dois meses?

—Não sei. Parece que a viúva não anda muito bem e pediu que voltassem.

Ao descer a Avenida João Pinheiro, fui contando nos dedos. Já se foram os dois meses, e a doença da viúva não prejudicou o programa. Se a doença é grave, deveriam ter vindo de zepelim. Haverá, mesmo, doença, ou é fita da velha? Glicério disse há tempos que ela tem medo à morte como o diabo à cruz. Terão voltado pelo mesmo navio, o Oceania? Ou embarcariam no Cap Arcona? Talvez já tenham chegado, e Glicério não saiba. Não se demorariam no Rio, havendo doença, ou, pelo menos, boato de doença. Estão certamente hospedados na mesma casa da dama-da-noite, e ali irão morar.

Mas... que tenho com isso? Já me haveria desinteressado do assunto, se esse demônio do Glicério não ficasse a cutucá-lo. Para que me conta essas coisas?

§ 92. AGRADEÇO-VOS OS SALPICOS.

EU ANDAVA pelo Parque, como sempre tenho feito ultimamente. Uma chuva inesperada me havia retido quase uma hora no, caramanchão do bar e, cessada ela, ali fiquei mais algum tempo, por minha conta, para ouvir uns restos de opereta que o alto-falante, fanhoso, espalhava no ar molhado.

Depois saí às pressas, tendo verificado que se aproximava a hora do expediente da Seção. Já próximo do portão que dá para a Avenida, quase fui apanhado por um carro, que vinha veloz. Os sons musicais que ainda ouvia não me deixaram perceber o ruído do motor, e só a buzina, seguida de um chiado

forte, de freios pisados com violência, pôde despertar-me.

Assustado, quando já não havia perigo, pois o carro parará, dei ridículo salto para um lado. Ouvi risos por detrás do pára-brisa. Eram Carmélia e Jorge. Muito confuso, fiquei a passar as mãos pela roupa, fingindo-me preocupado com a água de enxurro com que o carro me salpicou.

Tanto se achavam enlevados um com o outro, que nem me pediram desculpas. O carro se pôs de novo em movimento e seguiu rápido. Era um carro grande de ricos, e trazia placa de Berlim. Na verdade, recebi apenas salpicos, mas bem poderiam ter dito qualquer palavra amável. Lá se foram com seu namoro de lua-de-mel. Já não é donzela nem Arabela. Para que me aparecem? Por que exatamente a mim? Secretas intenções do acaso, eu vos agradeço, humildemente, os salpicos.

§ 93. MUNDO, MUNDO.

QUANDO Emília bateu à porta do meu quarto, acordei assustado. Já eram dez horas. Bocejando, pus-me a lembrar do sonho que tive, e que dirão literário, mas posto em mim deixa de o ser. Eu fazia longa viagem, e o calor e o cansaço me derreavam. As coisas se tornavam confusas e os botões dourados da blusa azul do chefe de trem cresciam, cresciam, como a querer invadir todo o espaço. Três passageiros que iam, silenciosos, em poltronas da frente, se levantaram, a certo momento, colocando-se em torno de mim. O primeiro disse: sou o poeta irônico. O segundo disse: sou o poeta místico. O terceiro disse: sou o poeta sem nome. Passando-me a mão pelos cabelos, falou o poeta irônico:

"Mundo mundo vasto mundo

se eu me chamasse Raimundo

seria uma rima, não seria uma solução."

Com os olhos postos no céu, braços erguidos, o poeta místico indagava:

—*"Senhor, são os remos ou são as ondas o
que dirige o meu barco?
—Eu tenho as mãos cansadas
e o barco voa dentro da noite."*

E, saltitando, cantarolava o poeta sem nome:

*"Pirulito que bate, bate,
Pirulito que já bateu,
Quem gosta de mim é ela,
Quem gosta dela sou eu..."*

Depois, braços dados, volteando em redor de mim e acompanhados pelo chefe de trem, que soprava um grande trombone, cantavam a **una voce**:

"Mundo mundo vasto mundo, mais vasto é meu coração."

§ 94. ÚLTIMA PÁGINA.

TENDO verificado que se esgotara minha provisão de papel, Carolino me trouxe esta manhã uma porção de blocos. Sangrou rudemente o almoxarifado da Seção do Fomento. . .

Providente e providente amigo! Esqueceu-me comunicar-lhe que já não

preciso de papel, nem de penas, nem de boiões de tinta. Esqueceu-me dizer-lhe que a vida parou e nada há mais por escrever.

Ai de mim! É necessário, porém, fazer qualquer coisa, para empurrar os presumíveis trinta e dois anos que me restam. Trinta e dois anos, sim. Em média, os Borbas vão até aos setenta, mesmo com o coração descompensado. Acho-me pouco além do meio da estrada, e parece-me, entretanto, que cheguei ao fim. Negação de Belarmino, de Porfírio, de Firmino e de Baldomero... Dois deles, chegados aos oitenta, ainda pediam mais dez. Viviam com plenitude os velhos Borbas da linha-tronco. Viviam a vida. Quando um tombava, parecia queda de gameleira ferida pelo raio. Não morriam aos poucos, vendo o corpo consumir-se lentamente.

—Que faremos, Carolino amigo?